

O MAJOR
NAPOLEÃO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS



LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — EDITOR
77 — Rua Augusta — 81

UM VELHO SOLDADO DA LEGIÃO LUSITANA

Conheci-o em 1865; era um homem alto, magro, bigode e pera completamente brancos; physionomia marcial, apesar da sua avançada idade; olhar habitualmente melancolico, mas ainda cheio de fogo, quando a conversação era conduzida para o seu assumpto favorito: Napoleão.

Tinha mais de setenta annos, e estava reformado desde 1850. Quando completára o tempo necessario para a reforma, saíra da fileira, enfastiado de marcar passo no posto de capitão, que era n'esse tempo o cabo Bojador das ambições militares. Os Gil Eanes, que dobravam o promontorio, precisavam de empregar para isso uma incrível tenacidade em fazer estados-maiores, e guardas á Principal.

Depois elle servira no grande exercito, combate-
ra á sombra das aguias imperiaes, estivera na retirada da Russia, sentira as commoções violentas d'es-

sas batalhas de gigantes, vira desencadeiar-se a procella da metralha, sentira passar junto de si o turbilhão impetuoso dos couraceiros guiados á refrega pelo vistoso Murat, e, apesar de ser grande patriota, apesar de ter por mais d'uma vez pensado em fugir da legião lusitana, para vir combater ao lado dos seus irmãos... ao subir-lhe á cabeça o cheiro inebriante da polvora, soltára o grito de *Vive l'empereur*, e, entontecido pela vertigem dos combates, arrojára-se aos reductos moscovitas como se se tratasse de ir esmagar os inimigos da sua patria.

Compreende-se que o homem, que se vira enolto na epopéa d'esse gigante esplendido e fatal, que deslumbrou e assolou o mundo nos vinte annos da sua aventureosa carreira, devia sentir-se enojado de dar licenças de recolher, e de render a guarda no Terreiro do Paço com as formalidades da etiqueta militar. Imagine-se um companheiro de Vasco da Gama transformado em remador do bote d'uma barca de banhos!

Reformara-se, mas os habitos da vida militar eram n'elle poderosissimos, e durante quinze annos não deixára de ir todos os dias á casa da guarda do quartel d'infanteria 16 dar um bocado de palestra ao capitão d'estado-maior, e ao subalerno que estava de dia ao regimento.

Entrava; não sei mesmo se perguntava noticias da nossa saúde (eu então servia como subalerno em infanteria 16)... mas, apenas haviamos trocado quatro palavras, ahi o tinhamos de volta com o grande Napoleão.

Todos os pretextos lhe serviam: a parada da vespera, o exercicio do dia seguinte, o render da sentinella, o toque de retreta, as mil futilidades da caserna, as mil preoccupações do serviço quotidiano.

Por isso todos nós lhe chamavamos o *Major Napoleão*.

Elle não conhecia outra coisa n'este mundo, nada, mais sabia; todos os homens e todos os acontecimentos só para elle tinham importancia pelo lado, que d'alguma fórma os podia ligar com Bonaparte. Se vivesse agora, como odiaria a Communa, não porque proclamava principios subversivos, não porque incendiára as Tulberias, e o Hotel de Ville, mas porque derrubára a columna Vendôme! Adoraria Thiers, não por elle dirigir com tanta sensatez os destinos da França, mas porque escrevera a *História do consulado e do imperio*. Napoleão era para elle um idolo, um deus, uma preocupação constante, um pensamento de todas as horas e de todos os momentos. Lamentava o tratado de Fontainebleau, mas attribuia toda a responsabilidade a Talleyrand, e culpava principalmente os inglezes. «Se não fossem elles, dizia o meu velho major, Portugal teria entrado francamente na alliança que o grande Napoleão lhe propunha, e ter-lhe-hia sido mais vantajosa do que a maldita alliança ingleza, que nem ao menos serviu para recobramos Olivença. Ah! canalha de *Goddems!*» concluia elle erguendo a bengala e ameaçando atravez do espaço a perfida Albion, com grave risco de dar cabo d'um velhissimo relógio de parede, que tinha o machinismo n'um estado bastante semelhante á nossa organização militar e financeira. Quando não estava parado, entregava-se a uma orgia de horas que era de uma pessoa gritar: «Basta!» Dava vinte, trinta horas, como um padre, que Alexandre Herculano encontrou em Santarem, que fallava em Sancho I, ou II, ou III, ou IV, ameaçando o grande historiador de lhe fazer desabar em cima da cabeça uma dynastia interminavel de Sanchos.

É que o meu velho major era temível, quando o entusiasmo se apossava d'elle.

— Foi em Iena, parece-me, contava uma vez o veterano no seu estylo familiar passeiando comigo na casa da guarda. Os prussianos estavam já fortemente abalados pelo canhão. O grande homem entende que uma carga de cavallaria deve pôr em completa debandada o inimigo. Bessiéres estava ao seu lado; o imperador volta-se para elle e diz-lhe: «Bessiéres, vá a todo o galope dizer a Lannes que carregue com os seus esquadrões.» O duque de Istria mette as esporas ao cavallo, e elle ahi vae. Lannes, já furioso por se vêr condemnado á immobillidade, mordida-se em cima do selim. N'isto chega Bessiéres todo offegante: Marechal, brada elle, o imperador ordena que dê uma carga n'aquella columna á frente da sua cavallaria.

Lannes, como lhe disse, estava de mau humor. Volta-se para Bessiéres e exclama:

«—Á frente da minha cavallaria! Á frente, porque? O imperador já me viu alguma vez carregar na retaguarda?

«—Mas, exclamava Bessiéres estupefacto...

Lannes nem o ouvia.

«—Á frente! tornava elle. Bem! nós fallaremos! Deixe-me ir espatifar os prussianos e cá venho saber como isso é.

Foi, deu cabo dos prussianos, e, quando voltou, foi-me ter com Bessiéres, quadrou-se com elle, e disse-lhe:

— Então vamos lá a saber! Como é lá isso de carregar á frente da cavallaria? Isso é recado que se me dê a mim...

E, dizendo isto, o major quadrava-se comigo, meneava a bengala com uns modos ameaça dores,

dardejava raios dos olhos, e eu estava já vendo quando elle, tomando-me por Bessières e julgando-se Lannes, se preparava para entrar em vias de facto.

Felizmente a discussão entre os dois marechaes não tivera consequencias serias, e por isso o major Napoleão, impertigando-se todo, contentou-se em dizer-me:

— Foi necessario que o imperador interviesse, senhor alferes, foi necessario que o grande homem interviesse para reconciliar aquelles dois gigantes.

E, depois de abanar a cabeça com ar magestoso, continuou o passeio interrompido.

Tomára-me particular affecto, porque eu ouvia-o attento, e fallava-lhe tambem com enthusiasmo do genio de Napoleão, o mais assombroso general que o mundo tem conhecido. Contava-me longos episodios da sua vida aventureosa, as scenas dilacerantes da retirada da Russia, as peripecias das batalhas, os serões dos acampamentos, e no fundo de todas as suas narrativas via-se passar sempre a figura grave de Napoleão.

— Aquelle é que era poeta, senhor escriptor das duzias, dizia-me elle sorrindo quando estava já mais familiar comigo. Cada palavra era uma imagem; o pensamento revestia-se sempre na sua boca d'uma fórma concisa, mas colorida e *frappante* (o major, que seis annos convivera quasi exclusivamente com francezes gostava de quando em quando de mesclar a sua conversação com algumas palavras da lingua do seu heroe). Do sublime ao ridiculo vae um passo apenas, disse elle em Varsovia a M. de Pradt, quando voltava de Moscow. Antes da brilhante campanha da Prussia, fallava-se diante d'elle da cavallaria magnifica da nação que ia ter na sua frente.

«Que importa, respondia o imperador na sua linguagem breve, sonora e clara, marcharemos contra a Prússia n'um quadrado de cento e vinte mil homens.»

—Ah! de certo, respondi eu, uma das faculdades predominantes no imperador era a imaginação. Veja como o Oriente o fascinava. Perdeu-o talvez o deixar-se enlevar pelos sonhos da sua phantasia. E não é uma prova d'essa imaginação exaltada a crença que elle tinha na sua estrella?

—E acha que fazia mal em ter essa crença? tornou o velho major, parando e olhando com gravidade para mim.

—O que! pois é supersticioso, meu caro major? tornei eu rindo.

—Meu joven amigo, redarguiu elle, cá na vida habitual é facil não ter superstição, mas quem anda exposto aos temporaes de Deus e dos homens não pôde ser um espirito forte, por mais que queira. O que eu lhe affianço é que depois de 1817 ouvi dizer a um ajudante de campo de Gomes Freire, que na Russia uma bruxa de Smolensko prophetisára ao general a morte que elle veio ter.

—Ah! redargui eu, disse-lh'o só depois de 1817!

—Guardára silencio até ahi porque o general lh'o recommendára.

Disse-me isto seccamente, e eu portanto não respondi. Depois de um momento de silencio, parou de subito, e tornou, voltando-se para mim:

—Quer que lhe conte a historia?

—Se quero!

Sentámo-nos; era já noite, depois do toque de recolher. O official de estado-maior deitára-se, reinava no quartel o mais profundo silencio, interrompido apenas pelo passo cadenciado da sentinella, e de quando em quando pelos brados de áleria.

Era mais de meia noite, quando elle acabou de fallar.

Ao despedir-me, disse-lhe:

—Dá-me licença que escreva o que me contou?

—Escreva, e, se quizer, posso-lhe ainda contar mais algumas historias do meu tempo.

—Dá-me grande prazer, major.

Embuçou-se n'uma capa que trazia, pegou na bengala, e saiu. Quando já descia a rampa, e eu empurrava a pesada porta de ferro do quartel, voltou de subito para traz.

—Olhe lá, disse-me elle, não me ponha o nome em letra redonda.

—Isso ponho, tornei eu.

—O que?! exclamou o bom do veterano em tom pesaroso, e quasi offendido.

—Hei de pôr com todas as letras «o major Napoleão».

Desatou a rir.

—Ah! sim! bradou elle; os senhores alferesinhos, que saem do collegio militar, já não respeitam os seus superiores! Olhem como a disciplina por cá vae! O grande Napoleão...

—Boas noites, major, interrompi eu aterrado com aquellas duas palavras fataes pronunciadas á uma hora da manhã.

E deitei a fugir para a casa da guarda.

D'ahi por diante, em eu estando de dia ao regimento, ahi vinha o velho major contar-me as suas historias d'outro tempo. Ás vezes tambem ouvia-me com prazer narrar-lhe alguns episodios das guerras modernas, que elle apenas conhecia por alto, mas que não deixavam de o interessar. Tinha ainda pelo exercito francez a sympathia d'um antigo compa-

nheiro d'armas, e não me perdoava os folhetins que eu escrevia contra Napoleão III.

— Sempre é sobrinho do grande homem, dizia elle.

Olhem se o meu pobre major vivesse agora! O que diria de Sedan!

Um dia recebi ordem para me ir apresentar no Porto no regimento de infantaria 5.

O velho major despediu-se de mim com tristeza, dizendo-me:

— Escreva-me; quando voltar já não me encontra talvez! Seja feliz, como o grande Napoleão disse a O' Méara quando se despediu d'elle em Santa-Helena. Abracei-o e parti.

Quando cheguei ao fim da rampa, olhei para traz, e vi-o ainda immovel á porta do quartel. Era ao cair da tarde. Entre as primeiras sombras do crepusculo desenhava-se vigorosamente a figura marcial do major, encostado á bengala, e com a sua sobre-casaca abotoada militarmente.

Fui para o Porto, e não lhe escrevi. Eu tenho a mais invencível, e a mais inexplicavel preguiça epistolar. Este vicio de organização tem-me feito perder alguns amigos, que não podem acreditar que, tendo o habito de escrever, me descuide de responder ás suas cartas.

Para resgatar a minha culpa, tracei no Porto um episodio da campanha das tropas francezas no Mexico, tencionando enviar-lh'o ainda manuscripto, para lhe mostrar que o não esquecera.

Regressei a Lisboa antes de o ter acabado. Quando fui ao quartel, perguntei pelo major. Quando fazia esta pergunta n'um grupo de officiaes, destroçava na parada um dos batalhões do regimento, que vinha d'algun serviço.

— Olha, disse-me um camarada meu, cada soldado, que recolhe agora às esquadras, queimou ha uma hora tres cartuxos em honra do bom velho.

— O que? Morreu?

— Hontem mesmo. O batalhão vem do enterro.

E perguntou-me se no Porto era muito pesado o serviço.

Não lhe respondi. Involuntariamente saltaram-me dos olhos duas lagrimas.

Pobre amigo! Sem familia, vivendo só das suas recordações, rejuvenescia quando fallava no seu héroe e nas suas campanhas. Afeiçoára-se a mim, como ao attento ouvinte que se comprazia nas suas longas narrativas. A hora da morte amargurou-lh'a talvez o pensamento de que eu desdenhára a sua pobre e singela amisade.

Este livro é uma homenagem á sua memoria. Aqui reuni historias que elle me contava, e a narrativa que eu preparára para elle.

Mas, fiel á promessa que lhe fiz, conservo o mysterio, em que desejou que eu lhe envolvesse o nome o pobre major Napoleão.

II

A TOMADA DE SMOLENSKO

Estava ainda no seu primeiro periodo a fatal campanha da Russia. A estrella de Napoleão, prestes a apagar-se nas brumas do inverno moscovita, derramava os seus ultimos e vividos clarões. A voz do grande conquistador parecia que o occidente se arrancára dos seus fundamentos, para inundar com a torrente dos seus exercitos civilizados as vastas stepes orientaes. Pela primeira vez a civilização em armas ia desafiar a barbaria no seu antro. Os habitantes das terras bemditas por Deus iam expulsar das aridas cavernas os lobos sombrios do Norte. Era uma expedição condemnada. Bonaparte subia degrau a degrau a escada do impossivel. Primeiro lutára contra os homens e vencera, e vencera esplendidamente, porque nenhum filho da raça humana podia impunemente cruzar a timida vista com os relampagos, que fulguravam nos seus olhos de agua. De-

pois lutára contra as nacionalidades, e principiára a encontrar uma resistencia obstinada. O Hercules napoleonico achára frente a frente esse Anteu, que retoma novas forças quando toca o solo da patria. Ia agora lutar com a propria natureza das coisas, e devia ser vencido inevitavelmente, porque o audacioso conquistador ousava afinal desafiar a Providencia.

Mas esse desenlace tragico estava occulto nos véos do futuro. Moscow era ainda uma esperanza, Waterloo um vago espectro, que passava talvez diante do olhar pensativo do guerreiro nas vigílias nocturnas do arraial, mas que se desfazia em fumo aos primeiros resplendores do sol de Austerlitz e de Friedland. Santa Helena essa nem chegava a ser um presentimento. O mundo attonito contemplava o sublime imperador erguido no cimo vertiginoso do seu edificio de grandesas, e estava longe de pensar que o primeiro sopro gelido do inverno de 1812 bastaria para o alluir como um castello de cartas, levantado pelas frageis mãos de uma creança.

Havia perto de dois mezes que o immenso exercito d'esse novo Cambyses atravessára o Niemen, e pozera o pé no territorio da Russia. O rio fatigara-se de espelhar nas suas aguas agitadas o scintillar das bayonetas, os lampejos das couraças da cavallaria, os bronzeos reflexos dos canhões. Os eccos das vastas planicies da Lithuania repetiam palavras pronunciadas em dez linguas differentes. Dir-se-ia o refluxo d'essa immensa maré de povos, que, nos primeiros tempos das eras modernas, veiu alastrar o imperio romano agonisante. Os netos dos barbaros iam, em romaria bellica, visitar a patria dos seus antepassados.

As aguias do novo imperio abrigavam, á sua sombra victoriosa, não só as velhas phalanges de Napo-

leão, mas também os próprios vencidos de outr'ora agrupados em torno do carro do triumphador. Italianos e alemães, hespanhoses e portuguezes formavam ao lado dos conquistadores de Roma e de Nápoles, de Berlim e de Vienna, de Madrid e de Lisboa.

Como no poema de Homero, ou na epopéa de Tasso, a enumeração dos povos que avançavam contra Moscow, essa nova Troya, que no seu proprio seio devia encontrar o incendiario, que a cidade de Priamo só encontrou nas fileiras dos seus inimigos, a enumeração dos povos, que formavam o sequito do monarcha sublime, devia occupar um grande numero de estrophes n'este ultimo canto da Iliada imperial.

Essa immensa serpente de escamas de aço desenrola-se, por um quente dia de agosto, nos campos da Lithuania. Ainda nada parece prognosticar o fim desastroso da campanha, e comtudo pésa uma vaga tristesa sobre os soldados tão habituados á rapidez das conquistas; franze-se o olympico sobr'olho de Napoleão, e essa marcha, incessante e sem resultados, principia a fatigar o seu cortejo de marchaes. As combinações estrategicas do chefe são como sempre grandiosas, mas a retirada continua e sinistra do inimigo constantemente lhe furta os loiros, que n'uma só batalha ceifaria. Duas vezes manobrou de modo a envolver a um tempo o exercito de Barclay de Tolly e o de Bagration, e duas vezes circumstancias fortuitas lhe transtornaram a execução do seu plano. Eil-o já chegado aos extremos limites da Lithuania; resplendem ao longe aos raios de um sol de agosto as cupulas byzantinas de Smolensko, de Smolensko, a cidade milagrosa, a predecessora de Moscow. Os russos de certo não ousarão entregar ás chammas uma das joias do diadema

dos czares, não a arrojaram também aos pés do invasor sem um esforço desesperado. E esse esforço desesperado é uma batalha, e a batalha é para Napoleão a victoria.

Na vanguarda do grande exercito desfila a cavalaria de Murat e a infantaria de Ney, o Ajax e o Achilles dos tempos modernos. O aventureiro rei de Napoles, sempre na frente e a galope, distingue-se pelo esplendor dos seus uniformes bordados. Rodeado do seu estado maior, o impetuoso duque de Elchingen caminha tranquillo, vendo ao longe fugirem, enxotados pelos couraceiros de Murat, os bandos de cossacos da divisão russa Nevéroffskoi. Na vanguarda do corpo de exercito de Ney marcha um regimento, cujos soldados revelam na tez crestada origem meridional. O seu uniforme é côr de castanha, nas calças lista vermelha, dragonas verdes, polainas brancas. É este o primeiro regimento da legião lusitana, d'essa legião heroica, arrancada em 1808 á sua patria, forçada a combater debaixo de uma bandeira inimiga, e que alli mesmo sustenta com tristeza, mas com denodo, a gloria do nome portuguez.

Tambem nós tinhamos os nossos representantes n'essa cruzada do occidente; os filhos d'este paiz, onde flori a laranjeira, iam internar-se n'essa terra gelada, os que tinham nascido debaixo de um céu azul, acalentados pelos bafejos de uma primavera quasi eterna, iam sentir os horrores de um inverno septemtrional, morrer debaixo de um céu lugubre e pesado, procurando debalde com o olhar, annuviado pela suprema agonia, uma arvore, uma flôr, a espiral de fumo de uma choupana alvejante, que lhe recordasse a patria.

Subito vê-se a paizagem monotona alegrar-se um

tanto com a visinhança da agua, depois divisa-se ao longe um rio espelhando na sua superficie os raios de ouro do sol, depois, como um sonho oriental, surge além a alva Smolensko, debruçada sobre o Dnieper, que lhe corre pelo meio, ostentando ao sol, que lhe incende e lhe illumina as cupulas byzantinas, as suas innumerables egrejas, entre as quaes avulta a formosa cathedral, trepando pelas collinas da margem opposta, e apresentando ao exercito invasor a sua vasta cintura torreada.

Então esquecem-se as fadigas, os presentimentos, as tristezas; lembram só as entradas triumphaes nas cidades conquistadas; a victoria, coroada de loiros, parece aos olhos de todo o exercito fluctuar no horizonte, sacudindo as azas brancas, doiradas pelo sol, sobre as cupulas de Smolensko. De novo um bellico ardor inflamma os espiritos dos soldados; esquecem-se rivalidades nacionaes, para se aspirar apenas esse cheiro de polvora que inebria, para se escutar esse clamor dos campos de batalha que enche de orgulho as legiões victoriosas, para se soltarem gritos de entusiasmo, vendo passar por diante das fileiras, pensativo, com a fronte rodeada de uma aureola sobrenatural, o vulto já hoje quasi legendario de Napoleão.

À voz de Ney marcham os regimentos francezes soltando os brados de *Viva o imperador*. Na frente, silencioso mas decidido, vae o regimento portuguez. O segundo batalhão, commandado por Bernardino Moniz, atravessa o rio a nado, investe os arrabaldes de Smolensko, e sustenta-se contra forças superiores, com viva admiração do marechal, que vê os heroicos esforços d'esses auxiliares estrangeiros levarem a primazia á intrepidez enthusiastica das legiões nacionaes. Interrompe a noite o combate, e o

regimento portuguez, postado nos jardins, e constantemente álerda, alli espera que o dia desponte, que chegue Napoleão, e com elle a victoria.

Effectivamente o sol, ao nascer, encontrou desenroladas nas collinas as principaes divisões do exercito francez, commandadas pelo proprio imperador. Fortificados na cidade, os russos preparam-se para uma resistência desesperada. Sôa o signal do combate. Á direita a cavallaria impetuosa do general Bruyère dispersa os dragões russos, que debalde tentam resistir a essa avalanche de homens e de cavallos. Os polacos de Poniatowski, influenciados pelo odio nacional, entram nos arrabaldes da cidade que foi outr'ora sua. Ney investe a cidadella. Ao mesmo tempo Davoust, encarregado do ataque principal, avança com as suas tres divisões, e desaloja á ponta da bayoneta os russos de posição em posição. Estes, desesperados, voltam ao ataque, dirigidos pelo principe Eugenio de Wurtemberg; mas esta sortida furiosa veiu esbarrar no muro de ferro, que as divisões polacas de Poniatowski e as francezas de Davoust formavam, unindo-se por cima das ruinas das casas derrubadas. Fatigados uns e outros, ficam nas mesmas posições, e a voz solemne da artilheria compõe o epilogo d'essa scena de destruição.

A noite descera entretanto, e o seu manto de trevas veiu cobrir a cidade e o funebre espectaculo dos seus arrabaldes juncados de mortos. Ambos os exercitos procuravam no somno forças para o combate do seguinte dia, quando de subito os soldados do regimento portuguez, que estava mais proximo da cidade, despertam aos gritos das sentinellas. Um clarão immenso avermelhava o horisonte.

Era o incendio de Smolensko.

III

DOIS PORTUGUEZES

Os incendios tinham até ahí assignalado a retirada do exercito russo, e, segundo a bella phrase de Mendes Leal na sua formosa poesia *Napoleão no Kremlin*, ao ataque dos francezes oppunham os generaes de Alexandre o deserto como unica defesa. Esse systema barbaro de guerra não espantára soldados, já habituados em Hespanha a encontrarem a devastação como inimigo. Que ardessem as aldeias, as meses, os bosques, não era caso de grande admiração; já era novo mas ainda explicavel que fossem entregues ás chammas as villas e as cidades de menor importancia, mas que Smolensko, uma das mais opulentas cidades da Russia, fosse, com tanto sangue frio, sacrificada, symptoma era esse de uma guerra furiosa, implacavel, sinistra, tal, que nem mesmo o patriotismo a desculpa. E alli nem era o

patriotismo, porque o povo chorava em torno das suas casas arruinadas, dos seus haveres perdidos, e a mão barbara e indifferente dos soldados é que accendia esses incendios colossaes, que foram dignos cirios funerarios para tamanhas exequias como as do primeiro imperio francez.

Dentro em pouco a nova sinistra voou de bocca em bocca entre os assaltantes, e os soldados, ainda mal despertos, correram estupefactos a presenciar esse spectaculo atterrador, mas imponente na sua horrida magestade. Ao clarão sinistro das chammas saíra das sombras a paizagem, e a cidade, de cujo seio jorravam torrentes de fogo e de fumo, apresentava o aspecto do Vesuvio em erupção. O céu avermelhava-se com o reflexo do incendio, e o Dnieper, espelhando nas suas aguas essa vastissima tela rubida, parecia arrastar na corrente o sangue todo que n'esse dia se derramára. O pittoresco amphitheatro de Smolensko, cujo aspecto n'essa manhã encantára os olhos do exercito francez, apresentava agora, aos clarões incertos das labaredas, uma apparencia espectral. A alva Smolensko, a cidade querida dos antigos polacos, a bem amada dos czares, estava n'esse momento verdadeiramente rainha; a mão dos selvagens cossacos lançára-lhe nos hombros um manto de purpura, cingira com um diadema de fumo as suas cupulas metallicas. Sobre as torres do recinto, como sobre a torre mythologica onde estava encerrada Danaé, caíam em chuva de oiro as innumeras scintellas, que do foco do incendio se arrojavam ao firmamento. A brisa nocturna, soprando com brandura, fazia ondular, como scintillantes madeixas, as labaredas que fluctuavam sobre os tectos das casas. Os arredores da cidade, coalhados de tropa, aclaravam-se tambem com essa luz immensa.

Via-se, ao longo do Dnieper, desenrolarem-se, como serpentes de fogo, os regimentos francezes em cujas bayonetas os lampejos do incendio distante acendiam tremulas luzes. E ao fundo, n'uma collina, que dominava a cidade, contemplando este espectaculo horroroso, com a fronte melancolica, os braços cruzados sobre o peito, illuminado pelos reflexos d'esse vulcão acceso pela mão dos homens, a austera figura do glorioso imperador!

Era impossivel combater o incendio. Como se haviam de aventurar os francezes durante a noite n'uma cidade, onde talvez ainda o exercito russo se preparava a cingir com um circulo de bayonetas esse monte abrasado, onde juntamente com as riquezas da Russia ardiam tambem os recursos que o exercito conquistador alli julgára encontrar?

Ao alvorecer do dia seguinte, alguns soldados do corpo de exercito do marechal Davoust arriscaram-se a saltar para dentro do recinto da muralha, e encontraram a cidade abandonada pelas tropas moscovitas. Logo todo o exercito irrompeu nas ruas de Smolensko, procurando salvar os armazens em fogo, e arrancar á devastação d'esse elemento furioso a cidade infeliz, victima do feroz despotismo dos seus defensores. Percorrendo em todas as direcções as ruas cobertas de mortos e de feridos, os soldados francezes foram encontrar a velha cathedral de Smolensko atulhada de velhos, de mulheres e de creanças, que no sacro edificio haviam procurado asylo, antes contra a selvajaria dos seus compatriotas, do que contra o resentimento dos vencedores. Tranquilisados por estes, conduzidos para fóra da igreja, os desgraçados vieram encher com as suas lamentações as ruas e as praças da cidade arruinada.

Entretanto as nuvens, accumulando-se no céu, es-

condiam o esplendor do sol; o vento principiava a soprar com furia; um ribombo sinistro, como um ecco de artilheria, resoava ao longe no horisonte sombrio; principiavam a cair largas e pesadas gotas de chuva; tudo annunciava uma d'essas formidaveis tempestades de estio, que são tanto mais intensas quanto menos duradoiras, e que já na passagem do Niemen tinham desabado subitamente sobre o exercito invasor, como um presagio do céu. Deixando a cidade debater-se nas garras do fogo, e uma porção do exercito a combater o elemento destruidor, muitos soldados e officiaes tinham-se espalhado pelos arredores de Smolensko, procurando asylo nas aldeias proximas e nas casas dispersas pela collina, em quanto o infatigavel Murat corria com os seus cavalleiros perseguindo a rectaguarda dos russos, e galopando pela estrada de Moscow.

Um official general de physionomia energica, mas ao mesmo tempo melancolica, fronte vasta, cabello curto, olhar sereno, bocca bem desenhada e denunciando firmesa, caminhava levando o cavallo a passo, e procurando evidentemente alguma casa onde se abrigasse. Não escolhera bem o sitio. Tres ou quatro habitações demolidas pelo canhão era tudo o que se via, e depois um ermo, onde algumas arvores, mal enfolhadas, torciam os braços descarnados com a violencia do vento. O general comtudo continuava a caminhar, envolvendo-se na sua ampla capa. É que divisára ao longe no viso de uma collina, isolada, lugubre, quasi pendurada sobre o abysmo, uma choupana que parecia habitada, porque da chaminé saia uma espiral de fumo, mas uma espiral pacifica, muito differente das que a essas horas ondulavam sobre os tectos da cidade.

O cavallo pareceu comprehender tambem que alli

encontraria repouso, porque, sem precisar do incitamento da espora, metteu a trote. É verdade que a procella imminente começava a rugir. As gotas de chuva eram menos intervalladas, o trovão ribombava mais proximo, e o vento zunia com violencia. Ao mesmo tempo ouviu-se o galope de outro cavallo, e um official, vestindo o uniforme de coronel de cavallaria, de magestosa estatura, e physionomia nobre, sopeou as redeas ao approximar-se do general.

— «Por aqui, meu caro marquez de Loulé, disse-lhe este sorrindo-se e estendendo-lhe a mão. Anda tambem á procura de um asylo?

— «Ando, respondeu o coronel de cavallaria. Em Smolensko é impossivel aturar a desordem que por lá vae, e eu confesso que estou morrendo por duas horas de socego. Aquella choupana tem-me uns ares de eremiterio da Thebaida que me tentam. Que diz a isto, Gomes Freire?

— «Digo, respondeu este rindo, que, sem encarar a choupana d'além debaixo d'esse ponto de vista eremitico, me parece muito melhor do que estes campos agrestes para abrigar dois christãos da tempestade que se prepara.

— «Então parece-lhe que será bom mettermos a espora aos cavallos?

Gomes Freire de Andrade não respondeu, mas seguiu a indicação do coronel. D'ahi a poucos instantes achavam-se ambos á porta da cabana.

Antes de entrarmos com os nossos personagens, devemos dizer duas palavras ácerca das circumstancias, que reuniam dois homens, que tinham nomes dos mais illustres na nobiliarchia portugueza, nas campinas gelidas da Russia, e fazendo parte do cortejo do homem prodigioso, que, partindo de tão bai-

xo, attingira aos pincaros mais vertiginosos das grandes humanas.

Gomes Freire de Andrade, o brioso e intelligente official, que, depois de se ter distinguido como voluntario no exercito de Catharina II que tomou Oc-zakoff, deu prova do muito que valia na campanha do Roussillon, vira a sua carreira subitamente cortada pelo decreto imperial, que, depois da invasão de Junot, ordenou que se formasse uma legião portugueza que fosse servir no exercito francez. Não teve a gloria de defender a patria, podendo prestar tantos serviços e adquirir tanto renome nas fileiras anglo-portuguezas, e nem sequer teve tambem a gloria de ser recompensado como merecia nas fileiras imperiaes, porque a energia da insurreição portugueza, fazendo com que o imperador desconfiasse das tropas d'esta nação que tinha encorporadas nas suas phalanges, apesar do valor que ellas mostravam, impediu-o de confiar commandos importantes aos generaes nossos compatriotas, ainda que estivesse conscio de que elles os poderiam desempenhar melhor do que muitos dos seus proprios officiaes.

Assim, n'essa posição falsissima, estava Gomes Freire na campanha da Russia, figurando no estado maior do imperador, que lhe confiou, ao internar-se no imperio, o governo de uma provincia da Lithuania.

O coronel marquez de Loulé saíra de Portugal tambem, commandando o segundo regimento de cavallaria dos tres d'essa arma, a que foram reduzidos os doze que existiam quando Junot invadiu a nossa patria. Mas a legião, que partira de Portugal brilhante e numerosa, estava já muito diminuida, primeiro pelas deserções, depois pelos serviços que prestou na sanguinolenta campanha de

1809. Assim para essa campanha da Russia, d'onde tinba de voltar completamente dizimada, fôra apenas com quatro regimentos, tres de infantaria, commandados por Francisco Antonio Freire Pego, Candido José Xavier, e Manuel de Castro Pereira, e um de cavallaria de que era commandante o marquez de Loulé.

E, agora que sabemos como os acasos da fortuna tinham conduzido a tão longinquas regiões os nossos dois illustres compatriotas, entremos com elles na choupana, porque a tempestade já rebentou com furia, os relampagos incendeiam o horisonte, a chuva desaba com violencia, e o vento zune tristemente nos esqueletos das arvores desfolhadas.

IV

A CABANA DA FEITICEIRA

Era uma choupana miseravel e de um aspecto sinistro. Pelas taboas mal unidas coava-se o vento, e gemia seus queixumes lugubres como vozes tumultuarias. Não havia janella; a claridade do céu insinuava-se frouxissima por uma fresta que se rasgava no tecto. Um bom fogo, que ardia em vasta lareira, illuminava com os reflexos avermelhados as paredes pobrissimas d'esta habitação isolada, que o vendaval a cada instante ameaçava desenraizar para a arrojar ao abysmo, a cuja beira estava pendurada, e em cujo fundo se ouviam rugir as aguas de uma torrente, que ia a pouca distancia confundir-se com o Dnieper. A um canto estava um monte de pelles, onde se enrolava uma figura verdadeiramente espectral. Era uma velha, escaveirada, lugubre, com os cabellos brancos desgrenhados, o olhar vago, mas

brilhando ao mesmo tempo com uma luz viva e como que diabolica. Um cão da Siberia, tão magro como a dona, estava estirado junto d'ella, e começou a rosar com um modo ameaçador, quando assomaram á porta os dois brilhantes officiaes.

Elles pararam, e trocaram entre si um olhar pouco satisfeito. Evidentemente, se a chuva não ensopasse a estrada, e se o monte não apresentasse o aspecto de um ermo agreste e maninho, os nossos dois compatriotas prefeririam dar uma nova galopada, e ir procurar asylo a outra parte. Mas a tempestade tornava-se cada vez mais furibunda, e o fogo, chispando e estrallando, namorava os olhos de Gomes Freire e do marquez.

Junto da choupana havia uma especie de telheiro, onde os dois cavallos já estavam abrigados. Os dois officiaes não se sentiram com animo de tornarem a montar, e... passaram o Rubicon; entraram.

Gomes Freire, que sabia duas ou tres palavras de russo, tentou explicar á velha que lhe pediam hospitalidade por alguns momentos, em quanto não passava a maior furia da tormenta. A velha cravou n'elles um instante o seu olhar estranho, resmungou algumas palavras, que Gomes Freire não entendeu, e que se apressou por isso mesmo a considerar como um consentimento, e recaiu na atonia em que a tinham encontrado.

O marquez de Loulé e Gomes Freire de Andrade approximaram-se do fogo, com um sentimento de bem-estar que era redobrado pelo zunido do vento que fazia oscillar a cabana, e pelo som da chuva que desabava em torrentes. É o eterno egoismo, tão suave, do homem que se regala em saborear um prazer de que outros muitos estão privados, egoismo que já o pagão Lucrecio conhecia e cantava.

—O seu eremiterio da Thebaida, disse Gomes Freire rindo, transformou-se n'uma verdadeira caverna de feiticeiras.

—Que importa? respondeu o marquez rindo tambem. *Feiticeira ou não, tem um optimo fogo, e, ainda que os combustiveis lhe sejam fornecidos por Satanaz em pessoa, aqueço-me a elle sem remorsos.*

N'este momento sentiu-se um tropear de cavallos, que vinham a todo o galope, e que pararam á porta. Logo depois esta abriu-se, e entraram em scena dois novos personagens. Um d'elles vinha de chapéu armado, e todo envolto n'um amplo capote militar a escorrer em chuva; o outro vestia o traje pittoresco dos judeus da Lithuania.

—O duque d'Elchingen! disse Gomes Freire espantado.

Era effectivamente Ney, que, desembaraçando-se do capote, e apparecendo com o seu brilhante uniforme de marechal do imperio, se dirigiu aos dois portuguezes, dizendo com affabilidade:

—Oh! o sr. marquez de Loulé! Mr. d'Andrade! Folgo immenso de encontrar tão boa companhia onde esperava apenas ver o focinho de uma feiticeira russa. *Porque devem saber, meus senhores,* continuou o marechal jovialmente, que a nossa hospedeira, que deve ser aquelle embrulho que eu vejo para allí enrolado em cima de umas pelles, é nem mais nem menos do que uma bruxa em toda a extensão do termo. Uma verdadeira bruxa, que tem commercio directo com sua magestade Satanaz I, imperador dos infernos, que monta n'um páo de vassoura melhor do que qualquer dos nossos couraceiros nos seus robustos mecklemburguezes, e que adivinha e prophetisa como m.^{elle} Lenormand em pessoa.

— Pois, sr. duque, disse Gomes Freire alegremente, peço para mim uma porção das honras que v. ex.^a tão liberalmente concede á boa velha, porque também adivinhei.

— Bom! bom! adivinhe em quanto estiver nas nossas fileiras, mas não lhe aconselho que faça o mesmo, quando voltar á sua patria. A inquisição podia muito bem queimal-o por essa prenda.

— Não me pregava peça. Os russos tomaram a precaução de nos irem chamuscando a pouco e pouco, de fórma que, se isto continua, será o fogo o nosso elemento, e sua magestade o imperador dos francezes regressará a Paris com um exercito de salamandras.

— Ora! Que diabo hão de fazer os russos a não queimarem as suas cidades? Morriam de frio e nós também, se não fossem estes brazeiros. Mas o que adivinhou finalmente?

— Que a mulher era feiticeira.

— Guapo adivinho! Não precisava este bom Samuel.... Samuel.... Samuel que?

— Samuel Wasilivowski, respondeu o judeu lithuano abaixando a cabeça.

— É isso, não me posso costumar a estes malditos nomes; se aquelle demonio do Poniatowski não fosse valente como um leão, nunca seria capaz de saber como elle se chamava; decorei-lhe o nome, á força de ter de o citar nas participações. Mas não precisava este honrado Samuel de me avisar que a mulher era feiticeira, para eu o adivinhar só pelo aspecto do antro.

— E arriscou-se n'esta caverna do Macbeth, conhecendo a habitante? perguntou o marquez de Loulé sorrindo-se.

— Que remedio! A tempestade surpreendeu-me,

quando eu ia estabelecer-me n'uma aldeia proxima. E, decididamente, se isto é uma succursal do inferno, declaro que, sendo como é a companhia tão agradavel, prefiro esta residencia ao proprio paraíso, se tenho que apanhar muita chuva d'aqui até lá.

Mas a choupana estava n'esse dia destinada a reunir brilhantissima sociedade. A porta abriu-se, quando Ney pronunciava as ultimas palavras, e um homem, com um uniforme doirado e bordado em todas as costuras a escorrer em agua, entrou na choupana. De entretidos com a sua conversação animada, nem tinham sentido o galope do cavallo.

—Olé! disse Ney desatando a rir, Murat tambem!

—O rei de Napoles! exclamaram os dois portuguezes.

Ouvindo este titulo de rei, o judeu lithuanio abriu uns olhos pasmadissimos, e recuou até um canto da choupana.

Murat correspondeu, abaixando a cabeça, á profunda cortezia dos dois portuguezes, e dirigindo-se a Ney, disse:

—Voltava a Smolensko, para ver se descanso um pouco, porque ha oito dias que estou transformado em centauro; o estado maior e a escolta... ficou tudo alli á rectaguarda; Grouchy ainda me acompanhou um pedaço, afinal não pôde aguentar o galope do meu cavallo; surprehende-me a tempestade, procuro um abrigo, depara-se-me esta choupana, e aqui estou.

—Pois, meu caro Murat, acudiu o duque d'Elchingen, se o imperador não te houvesse já outorgado uma corôa, seria esta a occasião de t'a prophetisarem, e aquella boa mulher que ali vês a um canto dir-te-ia «Tu serás rei» como qualquer d'aquel-

las magas do *Macbeth* de Ducis, que se representou em Dresde na vespera da nossa partida.

—Então é feiticeira? perguntou Murat sorrindo-se.

—Em corpo e alma, respondeu Ney.

—É exacto o que o marechal diz? perguntou o rei de Napoles voltando para os portuguezes.

—Como o evangelho, meu senhor, respondeu Gomes Freire. Demais póde vossa magestade certificar-se....

—Como?

—Interrogando-a.

—Mas se eu não sei russo!

—É impossivel que Satanaz desampare a sua serva n'esta conjunctura, acudiu o marquez de Loulé. Elle a fará entender e fallar o francez.

—Escusamos de esperar essa intervenção diabolica, disse o marechal Ney. Temos um interprete. Samuel!

O judeu lithuano deu um passo em frente, fazendo muitas medidas, e enrolando nas mãos o seu barrete de pelles.

—Samuel, continuou o marechal, diga a essa mulher que sua magestade el-rei de Napoles, o marechal duque d'Elchingen, o sr. coronel marquez de Loulé, e o sr. general d'Andrade querem conhecer a sua sciencia nigromantica. A enumeração dos nossos titulos e qualidades, continuou o marechal, voltando-se para os seus companheiros, deve produzir o seu effeito em Satanaz, que de certo se não incommodaria por quaesquer pelintras, e que assim talvez se digne apparecer-nos em pessoa.

Entretanto o judeu approximava-se da mulher, e trocava com ella algumas palavras em russo. Depois voltou-se para o marechal, e fez-lhe com a cabeça um signal affirmativo.

Houve um momento de silencio, durante o qual se ouviu distinctamente a trovoadá ainda longinqua, os lugubres gemidos do vento, e a bulha que fazia a chuva batendo no tecto, e a torrente, engrossada pelas aguas do céo, resaltando de pedra em pedra.

O cão soltou um uivo prolongado.

Os quatro bravos sentiram involuntariamente correr-lhe um calafrio pelas veias.

A velha ergueu-se lentamente, e avançou para o meio da casa com um passo hirto e sepulchral. Era verdadeiramente um esqueleto, parecia que se lhe sentiam ranger os ossos. Os cabellos brancos fluctuavam-lhe em torno das faces cadavericas, nos olhos encovados reluzia-lhe um fulgor sinistro.

— Estou prompta, disse ella.

O clarão da fogueira pareceu rodeal-a de um sanguineo esplendor; o cão uivou lugubrememente, e o vento gemeu com tristeza coando-se pelas fendas da porta.

A TRAGEDIA DE PIZZO E O DRAMA DE SALVATERRA

O marechal Ney foi o primeiro a sacudir a impressão, que entorpecera um momento as faculdades de todos, ao verem erguer-se, livida e solemne, aquella figura de feiticeira. Voltando-se pois para o seu antigo camarada Murat, disse-lhe rindo:

— *A tout seigneur tout honneur*. Interrogue vossa magestade o destino.

Murat ficou um momento pensativo. Não sei que vaga tristeza lhe anuviava o semblante. Depois, erguendo a pallida cabeça cuja expressão marcial estava agora substituida por uma ineffavel melancolia, murmurou:

— Sim, sempre desejei saber qual ha de ser a minha morte. Ambicionei a dos campos de batalha, no meio d'uma carga brilhante, ao som dos clarins, entre os relampagos da fuzilaria, e o cheiro ine-

briante da pólvora. Parece comtudo que não é essa a que me está destinada, porque bastantes vezes a tenho visto sacudir as azas, derrubando aos centenaes homens e cavallos, e nunca roçou por mim sequer uma das suas negras plumas. Vamos, continuou elle voltando-se para o judeu, o que devo fazer?

—Entregar a sua regia mão á feiticeira, respondeu Samuel humildemente; nas linhas confusas, que na palma da mão se cruzam, traçou Deus, dizem estes bruxos, a mysteriosa historia da existencia, historia que só elles sabem decifrar.

—Diabos me levem, murmurou Ney quasi ao ouvido do marquez de Loulé, se o rei de Napoles não está tomando o bruxedo a serio.

—Silencio, murmurou o judeu lithuano, subjogado, mais ainda do que Murat, pelos modos estranhos da velha feiticeira.

Esta com effeito avançara solemnemente, pegára na mão que o rei de Napoles lhe estendera, e principiara a psalmejar n'um rhythmo lento e monotono umas palavras que o judeu ia traduzindo. O vento abrandara um pouco mais, e o seu gemido melancolico parecia acompanhar o monologo da feiticeira como um tremolo de orchestra.

—A galope, dizia ella, sempre a galope! Leva-te n'um turbilhão o teu brioso corcel! As pedras da estrada illuminam-se de rapidas scintellas quando tu passas, anjo das batalhas, no teu vertiginoso galopar.

«És filho da guerra. Rolou-te aos pés do teu cavallo a corôa que cingiste. O dolman bordado foi o sopro ardente dos combates quem o transformou em regio manto.

«Mas o destino impelle-te. Não paras. O teu ca-

vallo arabe leva-te comsigo na sua carreira vertiginosa, e tu não podes já sustel-o, ainda que vejas aberto diante de ti o precipicio horrendo.

«A galope! a galope! Erguem-se diante de ti as chammas e os gelos; não recuas. Avermelha-se o horizonte, ennubla-se depois, e tu galopas sempre, arrojado pelo destino ao desconhecido, ao impossivel, ao infortunio, á morte.

«A morte! Oh! bem vejo onde ella te espera emboscada. Voeja em torno de ti no turbilhão das batalhas, mas foge-te sempre, porque a morte no campo da peleja é o repouso e a apotheose, e ella quer-se apoderar de ti n'uma hora lugubre, no meio do silencio da noite, ao som do quebrar monotono das vagas no fraguado solitario, quando te confranger a angustia immensa, quando a ave sinistra, que roça a ponta da aza na espuma das vagas, soltar na amplidão o seu pio funeral.

Houve um silencio. Ney, Gomes Freire e o Marquez escutavam dominados por uma vaga commoção. Murat sorria, mas o suor orvalhava-lhe a fronte pallida. A velha em pé, illuminada pelo reflexo es-carlate do fogo da lareira, com os cabellos brancos fluctuantes, parecia a pythonisa erguida na tripode oracular.

O vento gemia triste, triste como uma queixa de finados. O cão siberiano soltou um uivo longo e plangente. A velha continuou:

—«Vejo-te. É noite. O mar geme o seu cantico eterno. A lua esconde o rosto pallido entre as nuvens baças. Não tens corôa nem sceptro. Rei, fugiram-te os cortezãos, general não tens em torno de ti soldados. Só te restam os raros cortezãos do infortunio, os raros soldados do proscripto.

«É é noite, e o mar solta, no seu marulho cons-

tante, não sei que indefinidos queixumes, e a ave sinistra, que roça a ponta da aza na espuma, envia aos eccos da amplidão o seu pio funerario.

«Prepara-se já o supplicio. O juiz iniquo pronunciou a sentença; na escuridão da noite vejo reluzir os canos polidos das espingardas. Tu estás immovel, triste, mas firme. Uma linha sinistra de fuzis se abaixa lentamente na direcção do teu peito, ouço o estrondo, vejo relampaguear doze lampejos rapidos, e entre o fumo da polvora adeja o espectro da morte envolvendo-te no sudario branco».

Um trovão resoou ao longe, o vento soltou mais alto a sua voz gemebunda, e os uivos do cão da Siberia responderam ás lugubres inflexões das ultimas palavras da velha.

—Fuzilado! murmuraram involuntariamente os dois portuguezes.

Murat esteve um instante silencioso, mas depois, levantando a cabeça, acudiu sorrindo:

—Então, meus senhores, sempre é morrer d'uma bala, ou de doze, o que ainda mais lisongeia. Em todo o caso parece-me que a minha cabeça, apesar de ser coroada recentemente, valia a pena que a fizessem rolar á luz do dia n'um cadafalso, como o de Whitehall e o da Praça da Revolução. Que querem? o rei Murat fundador de dynastia não merece as honras de Carlos I ou de Luiz XVI, podres vergonteadas dos regios troncos abastardeados de Stuart e de Bourbon.

—Deus me perdoe, acudiu o marquez de Loulé sorrindo, vossa magestade está discutindo a serio a visão d'esta phantasia septentrional, que a tempestade magnetisa, fazendo-a desentranhar-se em visões tão dignas de fé como as de Cagliostro ou as de Mesmer. A poesia em prosa, que o nosso

bom Samuel nos traduziu com tanta perfeição, não merece honra tamanha.

—Tem razão, sr. marquez, respondeu Murat, e devo confessar que o romance da boa mulher não brilha pela verosimilhança. Em todo o caso nós vivemos n'um tempo tão extraordinario, que as mais estranhas supposições devem ser admittidas de preferencia ás rasoaveis. *Credo quia absurdum*, dizia ainda outro dia Talleyrand a proposito da paz, que a Turquia parece querer assignar com a Russia, em vez de aproveitar o ensejo para tornar a empolgar algumas das boas provincias, que os moscovitas lhe têm ido constantemente surripiando.

—Abaixo a politica, bradou o marechal Ney; estamos aqui para uma consulta diabolica, e eu não me declare satisfeito, em quanto não tiver a honra de conversar cara a cara com o proprio Satanaz. Em todo o caso não deixemos affrouxar a inspiração da pythonisa, saibamos uma vez por todas de que modo havemos de morrer. Sua magestade o rei de Napoles, Joaquim Murat, fuzilado summariamente á noite á beira-mar. Vamos adiante. Sr. marquez de Loulé, chegou a sua vez.

—V. ex.^a não quer dar a Satanaz as honras da etiqueta? disse o marquez rindo. Duque e marechal do imperio, devo ceder-lhe o lugar.

—Nada, nada, tratemol-o sem cerimonia.

—Obedeço, acudiu o marquez.

E, dando um passo em frente, continuou estendendo a mão á feiticeira:

—E eu, boa velha, como devo morrer?

Esta encarou-o longamente e depois respondeu:

—Filho da terra onde resplende um sol ardente, como te julgarás feliz em regressar á patria, sem saber o destino que lá te espera! Como pisarás de

novo ufano os tapetes do palacio dos soberanos do teu paiz!

«Teme o palacio, teme esse terreno onde se es-correga em sangue, como no antro dos bandidos. Debaixo das casacas bordadas palpitam corações devorados por paixões tão vis, como as que incendem o animo dos assassinos.

«O espadim da côrte facilmente se transforma no punhal. No tecto do pobre a repugnante aranha fia a sua fragil teia, mas nas abobadas doiradas dos paços outra aranha mil vezes mais ignobil tece as suas armadilhas: é a insidia, é a traição, é o odio.

«É um dia, ao saíres descuidado e orgulhoso do paço dos teus soberanos, verás de subito lampejar na sombra o olhar traiçoeiro, e desviarás com repugnancia a vista, já anuviada pelas sombras da morte, quando no rosto, que ainda hontem te sorria, transluzir afinal todo o odio, havia muito, recalcado no coração.

«É sobre o teu cadaver abandonado tripudiará o assassino, e na hora extrema vêr-te-has mais só, mais triste, mais desamparado de affeições, do que se o teu corpo servisse no campo de batalha de repasto aos corvos immundos.»

E a velha calou-se, e por um momento só se ouviram os longinquos rumores da tempestade.

O marquez de Loulé deu um passo á rectaguarda, abanando a cabeça melancolicamente.

—É um triste fim o que me prophetisas, disse elle. Serei condemnado então a estampar com o meu sangue na fachada dos paços portuguezes a mancha, que tantas vezes ennodou as pedras dos palacios dos Tiberios do Norte?

E caiu em profundo scismar.

O marechal Ney avançou então, não já ironico e

zombeteiro, mas erguendo altivo a cabeça intrepida:

—Prophetisa de desgraças, disse elle, como hei de eu morrer? Dize-o afouta. Seja qual fôr a morte que me destines, duvido que seja ella capaz de me fazer desmaiar.

E a nobre figura do bravo dos bravos, illuminada em cheio pelo rubido clarão da fogueira, desenhou-se, radiante de orgulho e de serenidade, no fundo escuro da choupana.

VI

NEY E GOMES FREIRE

A velha cravou n'elle um profundo olhar, depois murmurou :

— «És o leão das pelejas. Quando sacotes a juba, os relampagos, que n'ella scintillam, deslumbam o inimigo. Estendes a mão, e os batalhões prostram-se ao teu aceno; e quando tu passas a galope por diante das fileiras das tuas divisões, corre um vago frêmito pelas veias dos teus soldados; como se o fulgor dos teus olhos fosse um lampejo do olhar do genio da guerra.

«Que morte poderá tingir-te de pallidez as faces? A morte do campo de batalha, a essa aspiras tu; o punhal cairia da mão do assassino ao aproximar-se do teu peito, e o cadafalso ser-te-ia pedestal d'onde a tua estatua gigante se ergueria a topetar nos céos, deixando prostrados no pó ensanguentado os teus mesquinhos algozes.

«Mas espera-te um genero de morte, que te fará descorar, que te inundará a fronte de suor angustioso, que te fará curvar a cabeça, que julgava affoita poder desafiar o raio.

Um silencio de alguns instantes succedeu a estas palavras articuladas com energia. Os quatro visitantes pareciam suspensos dos labios da sua estranha hospedeira

Esta continuou em voz baixa e lugubre:

—«Morrer sabendo que aquelles que nos amaram na terra virão derramar lagrimas sobre o nosso tumulo, que a nossa lembrança viverá na memoria dos que partilharam connosco os mesmos perigos, dos que sempre sentimos ao nosso lado na estrada da existencia, morrer assim alegre o coração dos bravos. A alma desprende-se dos laços corporeos sem esforço, e vôa, batendo as azas brancas, á morada do Omnipotente.

«Mas a morte é angustiosa, quando a desillusão a acompanha, quando as flores, que nos perfumaram a vida, e que esperavamos se nos espalhariam na lousa, as vemos, crestadas por um bafejo impuro, desfazerem-se e voarem a todos os ventos.

«Mas a morte é angustiosa, quando a mão dos nossos irmãos de armas nos estampa na fronte o estigma de traidor».

—Traidor eu! bradou o marechal Ney levando involuntariamente a mão ao punho da espada.

O rei de Napoles pousou-lhe a mão no braço fazendo-lhe signal para que se acalmasse.

A velha continuou:

«Os seguidores do homem da Providencia abandonaram na hora das provações aquelle que lhes constellára o peito, que os levára consigo no turbilhão da sua fortuna maravilhosa, que os agrupá-

ra radiantes em torno do pedestal, onde campeia a sua estatua gigantéa.

«Cortezãos tão vis como os servos dos reis, ou-saram de frente impudente reunir-se em tribunal supremo, condemnar o homem que sempre tinham visto na vanguarda, quando soprava a brisa ardente das batalhas, cujas inebriantes emanações tão depressa esqueceram para respirarem com delicias o incenso vil dos thuribulos palacianos.

«E condemnaram-te á morte dos traidores, deixaram teus filhos e tua mulher, que se ufanava do nome glorioso que lhe tinhas dado, rojarem a frente humilhada nos degraus das escadarias regias, e consentiram que um homem os arredasse com o pé, e insultasse a gloria, que era o patrimonio de todos, que todos deviam guardar e zelar com orgulho.

Ney estava pallido como um defunto; os labios convulsos tremiam-lhe. A mão apertava febril o punho da espada.

Murat contemplava-o com tristesa. Os dois portuguezes immoveis escutavam as palavras mysteriosas da velha, que o judeu lithuano ia traduzindo á medida que ella as soltava dos labios oraculares.

E a feiticeira continuou com voz breve:

«E os soldados, que tantas vezes conduziste á victoria, alinhar-se-hão na tua frente. Pelas faces crestadas pelo sol de mil batalhas correrão os prantos em fio; e as balas dos teus companheiros de armas hão de varar o teu corpo, não no campo da honra, mas no campo da ignominia.

Calou-se. A tempestade ia pouco a pouco abrandando. A chuva cessára. Só o vento bramia ainda, soltando sinistros queixumes na porta que oscillava desconjuntada.

—Se Deus permittiu que para esta mulher se rasgasse o véo do futuro, disse Ney com gravidade, teremos ainda que ver, nós que assistimos a tantas scenas de gloria, tristes scenas de deshonra e de vergonha. A providencia as affaste; não porque eu receie a morte que me prognosticam, mas porque não desejaria que o meu sangue ennodoasse as fardas, até agora immaculadas, de heroes que fizeram immortal o nome da nossa patria.

Depois, mudando de tom, accrescentou:

—Diabos me levem; a influencia da tempestade, e d'esta voz lugubre que pronuncia palavras mysteriosas, e d'este scenario tão em harmonia com as suas prophecias, desarranjou-me a cabeça. Estou tomando a serio a Lenormand de Smolensko, eu que sempre me ri da pythonisa parisiense. Vamos, mr. de Andrade, não se queira esquivar tambem a ouvir coisas desagradaveis. Eu e Murat fuzilados, o Marquez assassinado; só lhe deixamos disponivel o patibulo. Aproveite-o.

Gomes Freire de Andrade sorriu-se, e, estendendo a mão alva e fina á feiticeira, perguntou-lhe em lingua russa:

—E eu?

A velha pegou-lhe na palma da mão, e disse secamente:

—Tu, que illustraste a tua patria, tu que por ella derramaste o teu sangue, tu que duas vezes, primeiro nas fileiras russas, depois nas fileiras francezas, tão alto levantaste o nome da tua nação, e o fizeste respeitado, quando todos o vilipendiavam, terás em recompensa a forza.

—A forza! disse Gomes Freire recuando e franzindo o sobr'olho. Os Freire de Andrade têm na nobiliarchia portugueza nome bastante illustre para

que se lhe possam conceder as honras da decapitação; e o tenente general Gomes Freire não deshonrará a farda para que o privem do fuzilamento, a morte do soldado.

—E comtudo, continuou a feiticeira com voz triste, é na força que eu vejo balouçar-se o teu corpo; é a ella que te arrastam; vestes a alva tunica do padecente; mas consola-te! quanto mais affrontoso é o supplicio, mais esplendente é a palma do martyrio; a ignominia do castigo iniquo enche de vergonha os algozes, mas é a apothese da victima.

«Para que me arrancaram do meu socego? continuou ella tristemente. Porque me forçaram a mergulhar os olhos no futuro, e a mostrar-lhes n'esse espelho mysterioso as scenas que a Providencia benigna occulta aos mortaes, que não poderiam supportar a previsão dos infortunios, que o véo do porvir esconde? Saboreae a vida, a gloria, as ebriedades do triumpho, e deixae o destino ir desenrolando pouco a pouco o sudario das desventuras que prepara.

E, dizendo isto, a velha recuou, e deixou-se cair, como que prostrada pelo cansasso, no montão de pelles que lhe servia de leito.

Sem dizerem palavra, os cinco hospedes saíram da choupana, depois de terem atirado com alguns rublos para junto da velha que nem ergueu a cabeça. A tempestade abrandára. Os pallidos raios do sol proximo do occaso, insinuando-se por entre as nuvens, alegravam um pouco a paizagem.

Silenciosos, todos montaram a cavallo, e partiram a galope descendo a collina. Mas d'ahi a pouco, as nuvens, afastando-se, deixaram resplender livremente o sol, que as incendiou purpureando-lhes as franjas; e aquelles, a quem estavam prophetisa-

dos tão sinistros destinos, sentiram ir-se dissipando a lugubre impressão, que lhes pesava no espirito, e, esquecendo as prophcias, acordaram com as suas gargalhadas os eccos da montanha.

.....
 D'ahi a dois dias, o exercito francez punha-se de novo em marcha. Principiava a sua descida para o abysmo, e o conquistador audacioso ia rolar por essa escada de desventuras, cujos degraus se haviam de chamar: Moscow, Beresina, Leipsick, Fontainebleau, Waterloo, Santa Helena.

E d'ahi a doze annos, sendo assassinado o marquez de Loulé¹, achavam-se completamente realisadas as quatro prophcias da feiticeira de Smolensko.

¹ O meu bom e mallogrado amigo Silva Gayo, no seu formoso romance *Mario*, poz muito em duvida o assassinio do marquez de Loulé, e, se não deixou completamente demonstrada a falsidade da imputação que em tempo se fizera a um alto personagem, pelo menos impossibilitou o historiador de dar como assente um facto, contra o qual o distincto romancista juntou uma grande massa de argumentos apreciaveis.

O romance, e principalmente o romance phantastico, tem deveres menos severos. A feiticeira russa não era infallivel. Aproveitando uma tradição dramatica, não lhe dei fóros de historica. No texto conservei á prophcia da feiticeira um certo vago, para impedir interpretações, que poderiam ser calumniosas da memoria de um dos personagens das nossas lutas politicas. Além d'isso esta nota serve para attestar aos leitores, que, adoptando a supposição do assassinio do marquez de Loulé, não me colloquei ao lado dos que juram na veracidade do facto, e apenas aproveitei, dos diversos modos porque é narrada a morte do marquez, aquelle que melhor quadrava á indole do meu romancinho.

VII

ENTRE AS ROSEIRAS

Era uma casinha alvejante entre moitas de rosas que se baloiçavam ao sopro da brisa e que se espelhavam na limpida superficie do Douro, que susurrava aos pés da branca habitação.

Proximo do sitio em que hoje campeia o formoso palacete do Freixo, n'aquella deliciosa bacia, onde o rio tortuoso, mudando rapidamente de direcção, parece de longe cingido por todos os lados de aldeias gentis que fogem pela serra acima, e semelha um d'esses lagos da Suissa de verdejantes margens, matizadas de povoações risonhas, de aguas serenas que a brisa muito ao de leve encrespa, erguia-se a modesta mas fresca e bucolica morada, aonde conduzimos os leitores por uma linda manhã da primavera de 1809.

Primavera tempestuosa como poucas! A Europa

tremia com os passos d'esse gigante Napoleão, que, na sua carreira vertiginosa, assentava hoje as suas tendas moveis á beira do Tejo, amanhã obrigava os crystaes do Danubio a espelharem-lhes a sombra vacillante.

Mas o que importava isso ao Douro, que sussurrava entre os fragedos, á brisa que meneiava as folhas, ás rosas que perfumavam os ares?

E, flor não menos gentil do que ellas, labio não menos perfumado, oihar não menos puro do que esse ridente céu da primavera, como podia a formosa donzellinha que chegava de quando em quando á janella da casa das roseiras prestar attenção á tempestade politica que estremecia os thronos, e devastava a Europa?

O cheiro dos cadaveres attrahe os corvos immundos, mas a pombinha branca, ouvindo o estrondear da artilheria, esconde-se no seu doce ninho, e arrulha suspiros, e ama á sombra fresquissima das arvores onde tímida se acoitou.

E comtudo o vulto feminino, que vimos assomar á janella, vem pallido e assustado. porque ao longe, muito ao longe, echo sinistro, voz lugubre e aterrador, resoa de espaço a espaço o canhão.

O pé do estrangeiro calca ousado a terra indomita de Portugal. Um povo todo se ergue para repellir a invasão, e, serpente monstruosa, heroica e repugnante, cinge nas suas mil escamas o corpo do invasor. Nobre é o commettimento, selvagem o modo de o realisar. A vibora é sempre hedionda, quer vá morder á estrada o viandante descuidado, quer morda o calcanhar do imprudente que a pisa.

Por isso nós, recebendo com ufania o legado de gloria que essa geração nos transmittiu, desviamos

a face ruborisada ao pensarmos nos crimes que foram de tal gloria o preço.

Em 1809 começava esse pelejar de tigres. O marechal Soult, depois de ter feito embarcar em precipitada derrota o exercito inglez de sir John Moore, marchára sobre Portugal, tentára em vão atravessar o Minho, seguira ao longo d'esse obstaculo, que torneára em Traz-os-Montes, levára adiante de si as diminutas forças, commandadas pelos generaes Silveira e Bernardim Freire de Andrade, entrára em Chaves constantemente perseguido por turbas immensas de populacho, que se dispersavam ao primeiro tiro, mas que assassinavam os homens isolados, os feridos, e interceptavam as communicações, d'alli marchára em direcção a Braga, derrotára ainda uma vez as guerrilhas que tinham, como a hydra, mil cabeças a cada golpe renascentes, atravessára o rio Ave superando novas difficuldades, e apresentára-se finalmente diante do Porto no dia 27 de março. Eram os canhões do seu corpo de exercito que a nossa gentil menina ouvia pallida de susto, quando enquadrava a sua cabecinha, linda e loira como uma aquarella de Lawrence, na moldura das rosas que enfeitavam a janella.

N'isto sentiu-se o galope d'um cavallo, que vinha do Porto, e logo se viu assomar o cavalleiro, official de dragões portuguezes. Sem duvida era essa a pessoa tão impacientemente esperada, porque logo a voz melodiosa da moradora da casa das roseiras bradou com inexprimivel jubilo:

—Madrinha! querida madrinha! é o nosso Henrique. É o teu irmão, Clara! É o teu dono, Valente.

E em seguida formára-se um grupo á porta da casa. Compunham-no uma senhora de idade, com o rosto banhado de lagrimas de alegria, e duas lindas e ju-

venis senhoras enlaçadas n'um estreito abraço, nas quaes facil nos seria distinguirmos a galante vigia, pelas rosas mais vividas que lhe purpureavam as faces, pelo jubilo ethereo que abrilhantava o olhar. Por traz d'este grupo viam-se apparecer as faces bronzeadas de dois ou tres criados um dos quaes se tornava notavel pelas fôrmas herculeas, e o focinho intelligente d'um formidavel cão de fila, que era de certo a creatura que fôra designada pelo nome de Valente.

O joven official apeou-se n'um pulo; atirou com as redeas do cavallo a um criado, e lançando-se nos braços da senhora idosa, tremulo de alegria louca, bradou:

— Minha mãe!

Depois foi um delirio de caricias ardentes, de perguntas que ficavam sem resposta, e que se cruzavam com outras interrogações. Henrique não se esqueceu d'um só dos personagens do grupo, beijou sua irmã, acariciou o cão, e deu uns «Bons dias» acompanhados por um sorriso amigavel ao hercules, que levou aos labios com respeito a mão do joven official.

Mas os olhos d'este, olhos negros e vivos, não se desfitavam um instante do rosto da afilhada de sua mãe. Ainda não tinham trocado uma palavra, e já se tinham feito tantas confidencias, já tinham trocado tantas caricias ineffaveis n'esse olhar longo, voluptuoso como o beijo mais terno...!

Elle nem se lembrava de que ainda lhe não fallára. Ella não se queixava de ter sido esquecida.

Foi a mãe e madrinha que primeiro reparou em tal, e, desatando o collar que formára com os braços em torno do pescoço de seu filho, impelliu-o brandamente, dizendo:

— Então não abraças Eugenia? Não dás um beijo na tua noiva?

E logo um beijo, fremente mas tímido, ligeiro como um bater de aza de pomba, collou instantaneamente os labios dos dois desposados. Dir-se-ia que temiam alli em presença de todos haurir a louca embriaguez que referve na taça dos amores.

Depois dirigiram-se para dentro de casa. Abriam-se as janellas, e Henrique pôde ver, encostando a cabeça á mão com certa melancolia, o Douro a deslisar brandamente, e na margem fronteira as aldeias dispersas pela falda verde da montanha.

— És nosso hoje, Henrique? perguntou anciosa a mãe. Concede-te um instante de repouso esse monstro devorador da guerra?

— Momentos apenas, minha boa mãe! Não ouve além o canhão? É a voz do dever.

— O dever! bradou ella torcendo as mãos com desespero. E se é dever santo defender a patria, em cujo solo nasceste, não é dever ainda maior e mais sagrado não turvar os ultimos dias da mãe que te trouxe no seio?

— É dever meu, acudiu Henrique, velar pela mãe que soffre. E a patria soffre, desamparada pelos que deviam protegê-la e guial-a, calcada aos pés pelos estrangeiros que se dizem seus defensores, invadida pelos ambiciosos, deshonorada pelos seus filhos, que, a pretexto de salvarem a terra natal, aviltam a humanidade! Que guerra esta, minha mãe! Que guerra de tigres e de cannibae! Oh! é santo o patriotismo, nobre o derramar-se até a ultima gota de sangue pela defeza do territorio, mas o crime, o assassinio é infame, seja qual fôr a mascara debaixo do qual se esconda. Levante-se o povo inteiro em massa, armado de chuços, de enxadas, para repellir

a oppressão, envolva-se o inimigo n'uma rede de ferro, isso é grande, isso é nobre; mas assassinar os feridos, commetter atrocidades inauditas nas trevas da noite para depois fugirem, como covardes, quando o sol esplende, como se temessem o olhar vingador de Deus, isso é infame, e isso é o que eu vejo praticar, todos os dias, com lagrimas de raiva e de vergonha.

— Mas, acudiu a mãe, dizem que os francezes são tão maus! que assassinam, que roubam, que incendiam!

— Os francezes são sôldados, mas são homens, e teem, como taes, todas as más paixões, que Sata-naz accende no coração humano. Em guerra leal e briosa terão brios e pundonor, mas a guerra traiçoeira, que lhes fazemos, desorganizando-lhes a disciplina, transformou-os em fêras. Pobre patria! ficará livre talvez, mas dilacerada e deshonrada.

— E o teu regimento, meu Henrique?

— O meu regimento! Consta de cem ou duzentos soldados que eu e dois ou tres officiaes a custo contemos nas fileiras, e com o qual protegemos de quando em quando a fuga desordenada dos bandidos sanguinarios. Esses fracos restos do exercito estão completamente desmoralizados. Não reconhecem chefes, senão os padres ferozes que deshonram a religião de Christo, prégando a mortandade quando deviam advogar a paz, fomentando odios quando deviam acalmar paixões. O crucifixo não é nas mãos d'elles bandeira de misericordia, não é mesmo espada gloriosa, é punhal. O *religioso do habito branco* anda no Minho, repetindo em mais larga escala as façanhas da inquisição! E entretanto os poucos generaes que nos restam são victimas dos proprios soldados! Bernardim Freire, e o brigadeiro Vallongo lá ficaram traspassados pelas baionetas dos seus!

— Ó filho, filho, não te vás reunir a esses homens! Que trances em que me deixas!

— Se todos abandonassemos Portugal, o que seria feito d'elle? Velemos porque a Europa saiba que ha ainda um resto de civilisação n'esta malfadada terra. Hoje mesmo pude limpar de macula horrenda a bandeira portugueza. Um general francez, o general Foy, fôra-nos enviado como parlamentar. A sua vida devia ser sagrada a todos os que teem a mais leve noção das praticas em uso, desde tempos immemoriaes, nas nações civilisadas. Matavam-no, se o não protejo com o peito, e com a voz. Se de todo as abandonarmos a si mesmas, o que farão essas hordas selvagens, que um padre fanatico dirige, o bispo do Porto?

— Ó filho das minhas entranhas que te não torno a vêr! bradou a pobre mãe n'um pavoroso soluço.

Foi um quadro dilacerante. Enlaçado por esses braços femininos, tão frageis e tão poderosos, braços de mãe, de noiva, de irmã, Henrique, sentia as lagrimas banharem-lhe as faces, e não podia desprender-se d'esse collar de amor. Era a ventura que elle abandonava para ir procurar a morte, era o idyllio sereno á beira do horroroso drama, era o porto dulcissimo e além as vagas monstruosas.

Venceu o dever. Soltando-se dos braços que o retinham, Henrique fugiu, desceu a escada soluçando, montou a cavallo, e cravando-lhe as esporas, partiu na direcção do Porto.

Por muito tempo se ouviu apenas n'aquella casa risonha o soluçar da mãe, da irmã, da noiva. O Douro deslisava brandamente, a brisa meneava as rosas que todas se desfaziam em perfumes, e o céu da primavera desdobrava por cima d'este quadro o seu manto de purissimo azul.

Ao longe troava o canhão.

.....
Decorreram quarenta dias. Sabe-se quaes foram os desastres que tornaram para sempre nefasto o dia 29 de março na cidade do Porto. A multidão sanguinaria, que arrastava pelas ruas os cadaveres dos suppostos jacobinos, apenas tocou a investir nas fileiras francezas, e as columnas de Lahoussaye, Mermet, Delaborde, Merle, Franceschi, atravessaram como um turbilhão de ferro e de fogo as ruas da cidade, não pensou senão em fugir na direcção da ponte. Massas enormes de povo desvairado e attonito, sulcado pelo canhão francez e pela metralha portugueza que da margem fronteira ceifava egualmente os cavalleiros de Franceschi e os miseros fugitivos, accumularam-se loucamente na ponte de barcas, que de subito se escancarou n'uma voragem enorme, onde desapareceram milhares de desgraçados! O rio apresentava um aspecto horroroso, tão horroroso que os proprios francezes estacaram estupefactos e suspenderam a perseguição. Em presença d'este immenso desastre, Henrique, á testa de dez ou doze velhos soldados do Roussillon, carregava furioso os esquadrões francezes que se abriam diante d'elle, attonitos de tão desesperada coragem. Mas a massa do povo, que elle pretendia proteger, levou-o envolto na sua furia insana até á beira do Douro. O seu brioso corcel não hesitou, e precipitou-se no rio. Por instantes lutou contra a corrente, mas foi esta a mais forte, e Henrique, já desfallecido, sentia as primeiras agonias da morte horriavel do naufrago, quando, estendendo instinctivamente a mão, se pôde aferrar á borda d'um barco. Fez um esforço violento, e saltou para o batel. D'ahi a poucos minutos estava em Villa Nova de Gaia.

Entretanto Soult estabelecia-se no Porto, e, desvairado por esses fumos de ambição que n'essa época entonteciam os generaes republicanos transformados em duques e principes, concebeu a esperança de trocar o seu ducado de Dalmacia pela corôa de Portugal. Elevado n'esses perigosos devaneios, olvidou os seus deveres militares, e tanto que sir Arthur Wellesley, avisado por um traidor (o capitão Argenton) da incuria que presidia aos movimentos do exercito de Soult, formou o projecto de surprehender este novo Annibal nas delicias da sua Capua.

No dia 11 de maio, dia em que reatamos o fio n'esta singela narração, o exercito inglez aproximava-se do Douro, sir John Murray á testa de dois batalhões atravessava-o em Avintes, e enviava ao seu general todos os barcos de que se podera apoderar.

Ao entardecer d'esse dia, Henrique dirigia-se a galope á casa das roseiras. Um secreto presentimento o saltejava; e, quando viu ao longe as moitas floridas, que lhe levavam o perfume hospitaleiro do lar materno, em vez de enterrar as esporas na barriga do cavallo, deixou cair as redcas, e comprimiu com ambas as mãos o coração, que lhe batia com força.

Mas o cavallo continuava a caminhar, ainda que vagarosamente. De subito Henrique soltou um grito de dôr e de espanto.

Em vez da casa alvejante que de longe lhe sorria divisára umas paredes ennegrecidas pelo fogo. O raio, lascando o carvalho, fulminára o ninho tranquillo.

E as roseiras viçavam em torno das negras ruinas, como tinham viçado em torno das paredes bran-

cas, e o mesmo perfume embalsamava os ares, e o céu da primavera sorria, inundado de esplendor.

O joven official correu como um doido na direcção das ruinas; explorou-as soltando a cada instante gritos de desespero. Onde estavam os habitantes d'essa casa outr'ora tão risonha? E aquellas roseiras, mudas e indifferentes, só davam perfumes em resposta ás loucas perguntas de Henrique.

Nem um rasto, nem um vestigio do drama sanguinoso, que por força alli se representára!

Quando Henrique saiu, pallido e com os olhos injectados de sangue, encontrou um velho campo-nez que o mirava tristemente.

—Antonio Gil, onde está minha mãe? onde está minha irmã? onde está Eugenia?

—Mortas; respondeu o velho. Acoçados pelos francezes, uns guerrilhas do Porto fortificaram-se aqui. Nada sei do que se passou n'esta casa. Mas, quando os jacobinos saíram d'ella depois de terem entrado pelas janellas, e pelas portas arrombadas, a casa das roseiras era o cirio que allumiava essa noite de funeraes.

—E ellas não fugiriam? tornou Henrique aferrando-se a esta ultima esperanza.

—Quando Soult mandou reparar os estragos do combate na cidade do Porto, onde, segundo parece, elle se queria fazer rei, entre muitos cadaveres que juncavam salas arruinadas, encontraram-se tres corpos de mulheres abraçados uns aos outros, e meio devorados pelas chammas.

Henrique não disse uma palavra, não derramou uma lagrima. Silencioso entrou de novo na casa arruinada.

Quando voltou, Antonio Gil soltou um grito de doloroso espanto; os cabellos d'esse joven official

de vinte e quatro annos, cabellos negros como o ebano, estavam brancos, mais brancos do que os do velho.

Antonio Gil fugiu aterrado. A noite principiava a envolver no seu manto lugubre todos os objectos, e o pobre ancião julgou ter diante de si um phantasma.

No dia seguinte sir Arthur Wellesley entrava no Porto, e o duque da Dalmacia retirava precipitadamente na direcção da Gallisa.

VIII

O FRADE DA ERMIDA

No dia 26 de setembro de 1810 enchia um rumor desusado as solidões tranquillias do Bussaco. Essas alamedas sombrias, habitualmente percorridas apenas pelos monges melancolicos, viam tumultuar á sombra do seu arvoredos annoso turmas de soldados que se alinhavam junto do muro da cerca, e grupos de generaes e de ajudantes de campo que galopavam na direcção do mosteiro, onde sir Arthur Wellesley, recentemente elevado á dignidade de lord Wellington, estabelecera o seu quartel general.

Era ao cair da tarde; as fardas vermelhas dos soldados e dos officiaes inglezes, illuminadas pelos raios do sol poente, enchiam de phantasticos reflexos as longas ruas umbrosas da matta ascetica. O pallido Christo das capellas contemplava com melancolia esse spectaculo guerreiro, e na cruz affron-

tosa do Calvario parecia perguntar ao Omnipotente de que servira o seu sangue derramado pelos algos, os seus soffrimentos e as suas humilhações.

Continuava a guerra. Napoleão, ainda uma vez vencedor da Austria, enviára o heroe de Essling e de Wagram ao unico ponto da Europa, onde a victoria não coroava constantemente as suas armas. O illustre Massena, á testa d'um brilhante exercito e tendo por subalternos Ney, o Achilles da epopéa napoleonica, o aventureoso Junot, e o prudente Reynier, invadia Portugal depois de ter tomado á viva força a praça hespanhola de Ciudad-Rodrigo e a praça portugueza de Almeida. Diante d'elle retirava o exercito anglo-portuguez que se fôra postar nas alturas que dominam a risonha bacia do Mondego.

O bosque sagrado do Bussaco estava pois, como dissemos, cheio de bellicos rumores. O asylo da meditação fôra profanado pelo demonio sanguinoso da guerra.

À porta d'uma d'essas ermidas, onde alguns monges procuravam a solidão absoluta, sentava-se um frade, com a cabeça encostada ás mãos. Era um velho, pelo menos assim o indicavam as cãs que lhe coroavam a frente, e que o sol poente, coando-se atravez da folhagem, illuminava com um derradeiro reflexo. A pouca distancia da ermida sentia-se o palrar melancolico d'uma fontinha. Mais abaixo via-se a capella tosca, onde a piedade do architecto figurou o pretorio de Jerusalem e por uma aberta das folhas podia-se entrever o vulto do Christo, e a figura grutesca d'um Pilatos de turbante, que a indignação devota do esculptor dotára d'um nariz ultra-romano.

N'aquelle recanto sombrio ainda não penetrára o

tumulto. Ouvia-se apenas o doce murmúrio da brisa, e o gorgear da água corrente.

Mas de subito sentiram-se passos apressados e um borborinho de vozes. Ao mesmo tempo o monge ergueu a cabeça. Coisa estranha! aquelle rosto coroadado de cãs era o rosto d'um mancebo de vinte e cinco annos, sulcado pelo soffrimento, macerado pela penitencia, mas illuminado ainda por essa chamma juvenil, que o gelido sopro da senectude só consegue apagar.

Os recém-chegados trajavam o brilhante uniforme de officiaes generaes do exercito inglez. Prestavam uma respeitosa attenção e respondiam com deferencia a um general de quarenta annos, de physionomia intelligente, porém mais reflexiva do que inspirada, e em cujos olhos se encontrava a luz fria do bom senso, mas não a chamma do genio.

Vinham todos do caminho da Cruz-alta.

— Poderam observar, meus senhores, dizia o general em quem os leitores já reconheceram lord Wellington, as disposições dos francezes. Com a sua bravura temeraria e irreflectida, tencionam vir-se despedaçar nos fragedos da serra. Estes fanfarrões do Ney e do Massena julgam que os soldados inglezes se deixam sacudir, tão facilmente como os hespanhoes, das posições que occupam. Pois Junot já nos devia conhecer. Parece-me que no Vimeiro lhe demos uma soffrivel lição. Mas de nada lhes servirá. Tanto peor para elles. As baionetas britannicas não perderam a tempera, e ainda podem apparer perfeitamente as cargas d'esses endemoninhados. Amanhã temol-os comnosco. Crawford, lembro-lhe que lhe confio o ponto mais importante da nossa linha. Se amanhã Massena não mudar as suas combinações, tem o meu caro general por adversario

n'este gigante duello nada menos que o marechal Ney, o heroe de Elchingen.

— Medir-nos-hemos, respondeu serenamente o impertigado britannico, mas tomo tambem a liberdade de lembrar a vossa graça que para repellir o assalto disponho principalmente de tropas portuguezas. N'uma circumstancia tão importante desejaria poder ter mais confiança nos soldados que hei de mandar.

— Entenda-se com Beresford, respondeu lord Wellington com alguma ironia, elle assevera que os soldados portuguezes, depois de disciplinados, hão de dar aos nossos lições de firmesa.

— E sustento o meu dito, acudiu o interpellado. A batalha o demonstrará.

— Bem, não duvido, tornou Wellington, mas é certo que, se o nosso governo, em vez de enviar ao matadouro de Walcheren a flor do nosso exercito, m'o tivesse mandado como reforço de que tanto carecemos, não lançaria mão d'este ultimo recurso. Porém as nossas camaras de Westminster-Hall parecem-se com o senado de Carthago. Ha dois mil annos que estes fiadores da liberdade publica deixam esmagar os pobres Annibaes victoriosos com o eterno argumento: «Se pedis reforços depois d'um triumpho, o que pedirieis depois d'uma derrota?»

— Dizem que temos alliados, acudiu um outro general sorrindo-se ironicamente.

— Alliados, tornou lord Wellington com desprezo, alliados, meu caro Picton! Desembarace-me d'elles o nosso governo, e receberei essa noticia com mais jubilo do que uma boa divisão das minhas tropas da India. Alliados! Rezo, apesar de protestante, um bom par de orações a Nossa Senhora de Guadelupe, se faz com que elles estejam quietos no

fundo da sua Andaluzia. Parvos e fanfarrões, não fazem senão transtornar-me os planos; com as suas repetidas derrotas desmoralisar-me-iam as tropas, se d'isso fossem susceptíveis. Eu a dizer-lhes: «Não se aventurem em batalhas campaes, defendam as praças, façam campanha de guerrilhas, e é o que podem fazer melhor.» Nada, não estão satisfeitos, em quanto não se fazem bater em planície rasa. Vejam os D. Quixotes, se eu tivesse n'elles a mais ligeira confiança, o que me succederia agora, depois de Ocaña? Como guerrilhas sim, são uns magnificos auxiliares, esses bandidos.

Todos se riram. O grupo estacionára junto da ermida, sem que reparassem no frade que os ouvia attento. Demais como fallavam em inglez, não reprimiriam a sua franquesa, ainda que tivessem notado a presença d'uma testemunha.

—Devo participar a vossa graça, acudiu o general Beresford, que o prior do mosteiro me disse que uma chusma de camponeses só esperam que lhes demos armas para travarem um combate de atiradores com o exercito de Massena.

—De modo nenhum, de modo nenhum, acudiu vivamente Wellington, não quero que esses salteadores perturbem as operações do exercito regular. O seu officio é perseguir a retaguarda, emboscar-se contra os destacamentos, matar os forrageadores, destruir os recursos do paiz, e interceptar as communicações, mas tudo longe de mim, longe de mim.

—Vergonha sobre o alliado perfido, que sacrifica ao seu egoismo a honra d'uma nação! Vergonha sobre os traidores, que vem defender os seus interesses particulares em cima do cadaver d'um povo amigo, que se servem da sua putrefacção hedionda

como meio de defeza, e que se riem das victimas, e cospem o sarcasmo nas ulceras.

Estas palavras, proferidas na lingua ingleza em tom solemne e austero, fizeram voltar a cabeça a todos esses brilhantes generaes. Viram então o frade, em pé, com a indignação a fusilar-lhe nos olhos, o braço estendido com um gesto de fulminante anathema.

— Meu padre, disse lord Wellington apenas se recobrou do espanto, não foi minha intenção offender a briosa nação portugueza. Mas o seu povo, pouco esclarecido, tem instinctos selvagens, inda que nobres, que repugnam talvez a um militar, porém que elle desculpa e aproveita quando vê que não se revelam senão como explosões d'um patriotismo infrene.

— E acima do patriotismo não está a humanidade? Quando é justo e nobre o fim são licitos todos os meios? Não; bem o sabeis, senhores inglezes, filhos talvez d'aquelles que em Fontenoy trocaram cortezias com os inimigos antes de começar o fogo. A guerra, essa necessidade fatal dos povos que se debatem nas convulsões d'onde deve brotar a victoria d'um principio regenerador, não é uma lucta de selvagens, não é uma pugna de feras. Temperem-se as espadas no fogo do patriotismo, entre-se de rosto erguido e radiante no campo do torneio, e depois Deus que julgue os combatentes. As causas santas teem a invulnerabilidade de Achilles, são feridas, mas não morrem. O assassinio nefando, o crime abominavel serve só para tornar mais sanguinea a peleja, para coalhar de mais victimas os campos da batalha, sem fazer dar um passo ao triumpho dos grandes principios.

— Estou perfeitamente de accordo, continuou lord

Wellington sempre cortez e subjugado pela influencia do austero monge, mas se o povo meridional é assim, como hei de eu oppor-me ao seu modo de combater?

— Não desprezando tanto este pobre paiz vilipendiado e opprimido, que já caminhou na vanguarda do exercito civilisador; organisando o movimento patriotico, e não entregando-o á influencia perniciosa dos chefes que se lhe deparam. O que fez a França quando a Europa ameaçou invadir-lhe o territorio? Despregou a bandeira tricolor, e agrupou á sua sombra os seus filhos heroicos, fez dos soldados generaes, e são esses generaes improvisados os que dominam hoje o continente do Vistula ao Tejo, de Viena a Madrid. Mas a minha desgraçada patria tem de soffrer uma longa expiação, hoje é vilipendiada egualmente por inimigos e alliados, o seu territorio não serve senão para campo de batalha, os seus filhos não merecem mais do que serem arrojados ao tremedal dos crimes que a civilisação estigmatiza. Continuae embora, reservae nos vossos boletins as paginas doiradas da Iliada peninsular para os vossos soldados, as paginas negras para os nossos compatriotas, accendei cada vez mais a saturnal tresloucada, e lançae uma ponte sobre os rios de sangue para passarem as vossas phalanges disciplinadas, mas cautella com a historia, cautella com a posteridade! Virá um dia em que serão desvelados estes mysterios, e em que os vindoiros saberão com horror que houve um paiz em que inauditas cruezas mancharam uma guerra gloriosa, e que a Grã-Bretanha, a rainha da civilisação, atravessou esse paiz seu aliado não com o facho da luz redemptora mas com a tocha do incendio, não como nobre protectora, mas como instigadora de crimes, não como regene-

radora, mas como cúmplice occulta da oppressão. Ide em paz, senhores, e desculpae a ousadia do pobre monge, a quem as estrellas das suas noites solitarias explicam ás vezes as paginas santas do Evangelho.

E afastou-se. A um gesto de lord Wellington, os generaes inglezes desviaram-se tambem, e o commandante em chefe, aproximando-se do monge, quando este ia a entrar na sua ermida, disse-lhe:

— Meu padre, sois talvez injusto comnosco, ou serei eu, não o nego tambem, injusto com o vosso paiz. Mas parece-me tão elevado o vosso espirito, são tão differentes as vossas palavras das que estou costumado a ouvir na bocca dos monges d'esta desgraçada nação, que me desculpareis a curiosidade talvez indiscreta. Quem sois vós?

— Um cadaver, respondeu o monge friamente.

— E onde aprendestes essa mansidão evangelica, esse respeito pela humanidade; essa ardente caridade que até os inimigos abrange?

— No tumulo.

E entrou na ermida, deixando estupefacto o general inglez.

IX

A BATALHA

Ao alvorecer do dia 27 de setembro ia um tumulto indescritível na matta do Bussaco. Apparecera alli um religioso hespanhol, um d'esses fanaticos sanguinarios que escondiam debaixo do habito o cilicio e o bacamarte, e, assumindo um tom prophetico, annunciára aos seus piedosos irmãos morte e ruina, se os francezes conseguissem tomar posse da montanha santa. Os bons dos frades, des-norteados já pelo turbilhão que lhes invadira a pacifica morada, perderam de todo a cabeça com as prêgações do seu collega hespanhol, e não pensaram senão em fugir para Coimbra. Mas o ardor da caridade venceu o medo que se lhes apoderára do espirito. Reflectiram que depois da batalha os feridos precisariam de curativo, os moribundos das consolações da religião. Ficaram; mas agrupados na ca-

pella do mosteiro, pedindo ao Senhor que desviasse o raio da sua ira da habitação dos seus servos.

Só um, encostado tranquillamente á porta de Sulla, relanceava os olhos com profunda tristeza para o pittoresco espectáculo que se desdobrava diante d'elle. Os primeiros alvares da manhã illuminavam frouxamente os visos da serra coroados de pinhas de soldados. Aqui divisava-se, como longa serpente de sangue, uma divisão ingleza com as suas fardas vermelhas, além distinguiam-se confusamente, por entre o nevoeiro que toucava o monte, as boccas de bronze da artilheria.

O frade, em quem os leitores já reconheceram Henrique, fôra-se collocar no meio dos seus compatriotas. Diante da porta da matta pela serra abaixo até á aldeia de Sulla estão formadas a divisão Crawford, a divisão ligeira, e a brigada Pack. Oito regimentos portuguezes aqui figuram: 4, 7, 16, e 19 de linha, 1, 2, 3, e 4 de caçadores.

Eram pouco mais de seis horas da manhã quando principiou o ataque. O nevoeiro não levantára, e encobria o movimento do inimigo. De subito Henrique viu para a sua direita como que um relampago sanguineo raiar a nevoa, depois ouviu o estrondo da artilheria. Logo passou por diante d'elle um turbilhão de generaes e de ajudantes de campo. Ouvindo essa voz do canhão, que desperta os brios do guerreiro, Henrique sentiu um frêmito correr-lhe pelas veias; desempennou-se-lhe a elevada estatura, e nos olhos fulgurou-lhe uma scentelha de fogo marcial. Mas uma nuvem immediatamente lhe turvou a frente, e apagando-lhe o lume do olhar, estampou-lhe outra vez no rosto o sello da melancolia dolorosa.

Entretanto o fogo continuava na direita mostrando que estava accessa a peleja. Com grande espanto

porém de Henrique, na esquerda não havia nem um signal de aproximação do inimigo. Até onde a vista se podia estender, não se viam senão as divisões de Reynier, que, partindo de Santo Antonio do Cantaro, marchavam em admiravel ordem ao assalto das posições da serra de Alcoba. Do marechal Ney não apparecia nem uma testa de columna, ou porque o nevoeiro as encobrisse, ou porque effectivamente ainda estivessem longe da sua linha de combate. Henrique sentia confranger-se-lhe dolorosamente o coração. Conhecia elle o effeito desastroso, que em tropas novatas e mesmo em tropas aguerridas produz esta longa espera antes de romper o fogo, e temia que as forças portuguezas podessem, pela mais leve hesitação, justificar ou pelo menos desculpar o desprezo de lord Wellington.

Pairemos nós sobre o campo de peleja, e abraçámos n'um olhar unico as differentes peripecias, que a um tempo se realisam em todos os pontos da serra.

Eram, como dissemos, pouco mais de seis horas da manhã, quando a divisão Merle do segundo corpo de exercito, commandado pelo general Reynier, se precipitou de baioneta calada sobre as alturas de Alcoba. Sempre foi temivel o primeiro impeto das tropas francezas, irresistivel principalmente o das tropas imperiaes, costumadas a vencer, inflammadas de entusiasmo pelas gloriosas recompensas que esperavam os mais bravos; quando o grito de *Vive l'empereur* resoou nas alturas, quando os rufos do famoso passo de carga acordaram os echos da montanha, e quando as baionetas do 2 ligeiro e do 36 de linha commandados pelo general Sarrut, e do 31 ligeiro guiado pelo general Graindorge, luziram aos primeiros raios do sol diante dos olhos deslumbrados dos recrutas portuguezes, quando esses rostos

queimados e marciaes dos soldados de Napoleão appareceram entre os tufos de verdura que vestiam as fragas, o regimento 8 sentiu-se um instante abalado. Foi o sufficiente para que os francezes tomassem posse da planura, e, apesar dos esforços desesperados do regimento portuguez, o fizessem recuar em desordem. Mas então a artilharia toma a palavra; inflammam-se os cumes da serra, e uma avalanche de metralha desaba sobre a divisão franceza. Os generaes e os coroneis caem fulminados na frente dos regimentos que incitam a progredir. O nosso valente 8, que tem de tomar uma desforra, une-se em linha compacta, cala baioneta, e os seus recrutas imberbes penetram no amago das linhas imperiaes. O 88 e o 45 inglez seguem o seu brillante guia. Dirigem-nos com um sangue frio imperturbavel os tenentes coroneis Wallace, Meade e Douglas. A divisão franceza não resiste ao inesperado ataque; debalde os soldados, intelligentes e destemidos, se aferram a cada tufo de verdura, se emboscam de traz de cada penedo, e descem a montanha como o leão ferido que o caçador persegue. Os recrutas portuguezes já tiveram o baptismo do fogo, e nada resiste ao seu impeto auxiliado pela marcha impassivel dos regimentos inglezes, e pelo fogo das baterias.

Ao mesmo tempo a brigada Foy da divisão Heudelet (segunda do corpo de Reynier) avançava pela estrada, e atacava com o mesmo impeto. São tres regimentos que marcham, o 17 e o 31 ligeiros e o 70 de linha. Mas o cheiro da polvora já embriagara os nossos valentes recrutas. A brigada portugueza do general Champalimaud, e o 74 inglez commandado pelo tenente coronel French nem lhes dão tempo para se formarem em linha de batalha. Em vão

os soldados imperiaes parecem tomar raiz nas posições que occupam, em vão o seu brilhante general faz ouvir entre o estridor da batalha essa voz eloquente que ha de depois vibrar na tribuna franceza. Fere-o uma bala, e a sua brigada vacillante, acabrunhada pelos tres regimentos que tem na sua frente, e por tres batalhões de reforço que o major general Leith envia em soccorro do seu collega Pictou, retrograda precipitadamente e vae-se formar na planicie protegida pela cavallaria do general Montbrun.

É n'este momento que as tropas portuguezas vêem desenrolar-se diante d'ellas como as escamas brilhantes d'uma serpente as divisões do marechal Ney. Tremulam ao sopro da brisa matutina as aguias victoriosas, resplendem ao sol, que se desemboçou do manto de nevoa, as baionetas que inscreveram nas pyramides do Egypto, nas muralhas de Vienna, nos fragedos dos Alpes as paginas dispersas da epopéa imperial. Corre um vago frémito pelas veias dos soldados portuguezes. Julgam ver ao longe, sacudindo a joba doirada pelo sol, esse leão das batalhas a quem Napoleão cognominou o bravo dos bravos.

Consta de tres divisões o seu corpo de exercito, a divisão Loison, a divisão Marchand, e a divisão Mermet. Fica esta em reserva, e a primeira avançando sobre a aldeia de Salla, leva adiante de si a brigada portugueza que a defende. Mas, passado este primeiro impeto, a que em nenhuma batalha do principio d'este seculo resistiram os adversarios dos francezes, a brigada reorganizou-se, e os tenentes coroneis Luiz do Rego, e Hill com o 16 e o 1, e o major Armstrong com caçadores 4 contiveram o ataque do general Simon, e impediram-lhe os progres-

7

72

sos. A segunda brigada da divisão Loison, commandada pelo general Ferrey, trepa a muito custo aherando-se aos rochedos, porém caem sobre ella a divisão ligeira e brigada portugueza Coleman e desalojam-na das posições, onde nem consegue formar-se. Chega n'este momento a passo de carga a segunda divisão do corpo de exercito de Ney, levada ao ataque pelo general Marchand. Mas a embriaguez da victoria, que já consideram segura, exalta o animo dos nossos soldados. O coronel Palmeirim com o 7 de infantaria dirige um fogo mortifero sobre as divisões francezas accumuladas á beira das penedias, o coronel José Cardoso de Menezes Soutomayor dá uma carga de baioneta com o 19 que excita a admiração dos proprios adversarios, e que immortalisa esse bravo regimento de Cascaes. Por toda a parte as nossas tropas, como dissera Beresford, dão lições de firmesa ás tropas britannicas, e rivalisam em ardor com as tropas de Napoleão.

O fogo é horrível por todos os lados. Os echos da montanha sagrada repetem o formidavel estrondo dos canhões. Os pincaros da serra, inflamados pelos relampagos da fuzilaria, semelham um horrido Sinai. As nuvens de fumo enovelam-se doirdas pelo sol, e sobem lentamente ao céu. Quando o vento as dissipa, vê-se apparecer, grave, melancolico, austero, o vulto da Cruz alta como um protesto do christianismo contra estes dilaceramentos da humanidade. Os cadaveres francezes juncam os penedos. O general Simon está prisioneiro em nosso poder. A maior parte dos chefes das columnas de ataque estão mortos ou feridos. O corpo do exercito do general Reynier não tenta renovar o ataque. O do marechal Ney combate ainda, mas principia pouco a pouco a retirar-se. É n'este momento que

o general Beresford, passando a galope pela recta-guarda do regimento 1 de caçadores, commandado por Jorge de Avilez, que tiroteia com o inimigo, vê um frade percorrendo o campo da batalha. Pára e reconhece-o. É o monge da ermida.

— Ministro de paz, homem humanitario, diz elle com profunda ironia na voz, é este o vosso logar? Quem vos mandou aqui?

— Deus!

E, tomando nos braços robustos um official francez ferido, o frade affastou-se com elle para o ir collocar a abrigo das balas.

O vento infunava-lhe as pregas do habito, e no meio do tumulto da batalha a sua corôa de cabellos brancos semelhava uma auréola de paz.

Tocava a retirar nas fileiras francezas, e os portuguezes, ufanos da sua brilhante estreia, viam, com a espingarda em descanso, marchar em boa ordem na planicie os bravos regimentos que tinham repellido. Tremulavam as aguias imperiaes ao sopro da brisa da tarde, altivas depois da refrega infeliz, como se lhes não tivesse já caído das garras o raio com que fulminavam a Europa.

X

A CONFISSÃO

Quaes tinham sido os sentimentos de fr. Henrique durante a batalha, quaes eram os que lhe salteavam o espirito agora que tinha nos braços e amparava e protegia um camarada d'esses homens, que tinham entrado na sua vida, como demonios fataes, para a transformarem n'um longo e doloroso inferno?

Um só; o sentimento da misericordia infinita.

N'essa tarde em que lhe tinham encanecido os cabellos, mil projectos sinistros lhe haviam tumultuado na mente. Era o do suicidio o que mais o perseguia. Mas n'esses tempos em que alguns eremiticos se erguiam longe do povoado, raro seria o homem de coração, saltado por um pungente desespero, que não preferisse á branca mortalha do suicida a mortalha negra do monge.

Perseguia-o tambem uma idéa terrivel de vingança, de vingança longa, lenta, indefinida, vingança, que involveria mil innocentes no castigo d'um culpado, e que faria descer o vingador ao nivel d'esses criminosos, cujas infamias eram a causa primordial da selvatica pugna que assolava o territorio portuguez.

Henrique julgou ver os doces phantasmas de sua mãe, de sua irmã, de sua noiva, com o rosto banhado de lagrimas, pedindo a Dens no céu que affastasse o pensamento infernal do espirito d'esse ente querido. Julgou que o sangue, derramado por elle, iria tingir de maculas vermelhas as vestes alvissimas d'esses entes celestiaes. Fugiu apertando a cabeça entre as mãos, e foi bater á porta do Bussaco. Abriu-se ante o desgraçado esse portão que nunca era surdo aos rogos dos infelizes, e essas arvores consoladoras de tantas tristezas, esse Christo confidente de tantas magoas, essas ermidinhas testemunhas de tantas luctas intimas acolheram com melancolia, mas com affecto, esse novo romeiro do sofrimento.

E durante um anno as arvores, as imagens santas, as fontes murmurantes, os horisontes melancolicos tiveram voz para dizerem ao infeliz: «Perdôa! perdôa! perdôa! Se a maldição macular as tuas preces, encontrarão ellas cerradas as portas do Empyreo, e recairão sobre a tua fronte em orvalho de sangue!» E debalde elle macerava o corpo, debalde impunha a si mesmo dolorosas obrigações, um murmurio secreto dizia-lhe no fundo do coração: «Vingança!»

Mas a vista da batalha, onde era espectador quasi indifferente, e não actor exaltado pela vertigem da lucta, influiu mais no seu espirito do que a sua lon-

ga conversação com as arvores e com as estrellas. Não distinguira os francezes mortos dos cadaveres dos seus compatriotas; a cada homem que caia, pensava elle nas lagrimas da mãe, da esposa, da irmã quando recêbesse o officio, lacrado de preto, a annunciar-lhe o funebre successo.

Estava silencioso o campo de batalha; ouviam-se apenas os gemidos dos moribundos, sentia-se o rodar dos carros de ambulancia, viam-se os cirurgiões militares discriminando os feridos dos mortos. O official francez, que o frade tinha nos braços, era um capitão de trinta annos, em cujo rosto parecia transluzir ainda todo o ardor selvagem da peleja. Era sympathica a sua physionomia; mas percebia-se que n'aquella organização vigorosa as paixões haviam de rebentar com uma furia estranha, e a nenhum freio cederiam, apenas desencadeadas.

Um cirurgião inglez, que passava, chamado pelo frade veio examinar a ferida.

—Se o mando transportar para a ambulancia, morre-me no caminho, disse elle friamente, poupe-mos-lhe essa última dôr. Vou pensar-lhe o ferimento, para o alliviar um pouco, e depois creio que ficará melhor, continuou o cirurgião zombeteando, nas mãos de vossa reverencia do que nas mãos d'um hereje. É verdade que estes malditos dizem que são atheus.

E, depois de pensar o ferido como promettera, continuou a sua lugubre tarefa, cantarolando com uma voz de inglez uma aria qualquer de Cimarosa ou de Spontini.

O official francez abriu os olhos; e as suas primeiras palavras foram:

—É nossa a victoria? *Vive l'empereur!*

—Tranquillise-se, acudiu o frade em francez, a

batalha terminou gloriosamente para ambos os exercitos. Mas socegue, qualquer commoção lhe pôde ser fatal.

—Que me importa a morte, se as aguias ainda uma vez poisaram triumphantes nõ cume das seranias? Bandeira gloriosa, á tua sombra dormirei contente o somno da eternidade. Mas vejo, continuou elle reparando no habito do monge, que nos foi a sorte adversa? Respondei-me, generoso sacerdote, a fortuna inconstante virou pela primeira vez as costas ao anjo da victoria?

Mas acabando de proferir estas palavras, em que transparecia a emphase caracteristica do tempo, o official sentiu uma dôr agudissima e um desfallecimento que lhe revelaram o seu estado perigoso.

—Ah! vejo que findou o meu dia! Salve immortalidade! Vou transpor ufano os sombrios humbraes. Raiou com a minha aurora o sol da republica, illumina o meu poente o sol da gloria bellica! Oh! continuou elle como se um pensamento subito lhe ennegrecesse o espirito, bem dormiria eu tranquillo no campo da honra, se...

Parou suffocado. E depois, voltando-se para o frade, exclamou:

—Meu padre, agradeço-vos o carinho com que me trataes. Não o esperava do inimigo, não o esperava n'este paiz maldito onde a guerra se faz mais com o punhal do que com a espada, não o esperava de um portuguez.

E depois continuou nobremente:

—Nem o merecia.

Houve um momento de silencio. Henrique olhava para elle com surpresa.

—Meu padre, oiça-me de confissão. Dizer o meu crime será para mim allivio e penitencia.

— Estou prompto a ouvir-vos, irmão, tornou Henrique gravemente.

— Depressa, depressa que eu sinto a morte, que se aproxima. E morrer sem ser absolvido de Deus seria um castigo horrivel.

— Tende confiança, irmão; é infinita a misericórdia de Deus.

— Sou engeitado, disse elle, chamo-me Augusto Draguignan, porque n'essa pequena cidade do sul da França vi a luz do dia. Privado das caricias de mãe, todo o meu affecto concentrei n'essa outra mãe, descaroavel muitas vezes, mas que sempre faz pulsar o coração de seus filhos, pela qual sacrificamos a vida para a fazermos potente, livre e gloriosa. Essa mãe vasta e santa é a patria, é a França. Ó patria! que sempre brilhes entre as nações da Europa, como um sol entre os planetas, é o desejo extremo de teu filho moribundo!

E um rubor fugitivo illuminou as faces pallidas do joven capitão. Depois veio a lividez precursora da morte.

— Oh! apressemo-nos, continuou o official. Deus, dae-me forças! A minha vida desde a idade dos dezeseis annos foi a vida do soldado. Alferes em Marengo, tenente em Austerlitz, capitão em Friedland, arrojou-me emfim a fatalidade a esta desgraçada Hespanha. Foi aqui, foi aqui que ao lado dos sonhos da gloria appareceu o livido espectro do remorso.

Parou de novo, pedindo agua. Henrique poz-lhe á bocca uma cabaça cheia de fresquissima agua da fonte de Santa Theresa, que elle tomara a precaução de trazer. O ferido bebeu soffregamente, e depois continuou:

— Sabe que guerra de morte nos teem feito os

peninsulares. Primeiro surprehendidos pela novidade da lucta, logo depois exasperados, commettimos, devo confessal-o, excessos lastimosos que as represalias não justificam. Se a todos os que foram criminosos como eu os perseguir egual remorso, parece-me que a punição ainda excede o crime.

Sem saber porque, Henrique prestava uma attenção febril á narrativa do joven official. Este continuou:

— A 29 de março de 1809 entrámos na cidade do Porto. A plebe oppozera-nos uma resistencia desesperada, mais sanguinaria do que efficaç. Atravessámos as ruas, levando adiante de nós massas de povo que nos assassinavam ás esquinas, mas que fugiam desapoderadamente, apenas as nossas baionetas scintillavam nas praças. Em quanto a grande porção dos fugitivos corria na direcção da ponte, um bando de camponezes armados, que o meu regimento desalojava de viella em viella, retirava sempre fazendo fogo, atravessando a cidade, e saindo d'ella pelo lado do nascente. Eu e os meus soldados estavamos n'um grau de exaltação impossivel de descrever. Se nas fluctuações do combate cediamos um palmo de terreno a essa turba furiosa, apenas o recuperavamos, viamos os nossos feridos assassinados, mutilados barbaramente. O alferes da minha companhia, moço a quem eu consagrava um affecto fraternal, caira em poder d'elles e logo depois vira eu com lagrimas de raiva a sua cabeça sanguinolenta erguida, como horrido pendão, entre os gritos ferozes d'essa horda de cannibaes. De posição em posição fomos constantemente repellindo a turba, que ora se dispersava, ora reapparecia mais furiosa até uma casa que banhava os pés no Douro, e cuja fachada branca surgia lindamente moldurada de roseiras.

—Deus meu! bradou Henrique sentindo correr-lhe pela frente frio suor.

—Que tem? perguntou o official.

—Nada! continue, tornou com voz rouca o frade pondo a cabaça de agua á bocca do francez, como se temesse que lhe faltassem as forças, antes de concluir a sua narrativa.

Este bebeu avidamente e continuou:

—Fortificaram-se os bandidos n'essa casa risinha, e durante meia hora um fogo mortifero nos dizimou as fileiras. Tres vezes fomos repellidos, tres vezes voltámos á carga furiosos. O meu sangue meridional refervia-me nas veias, o sangue dos provençaes, o sangue em que o demonio accende as paixões loucas dos assassinos. Confesso-o com vergonha. Não era já o capitão de Friedland, o soldado de Napoleão, era um bandido como aquelles a quem combatia. Os meus labios estavam seccos, os meus olhos injectados de sangue. A cabeça do alferes espetada n'um chuço e posta no telhado da casa, entontecia-me, despertava em mim umas sedes desconhecidas de vingança feroz. Fui o primeiro que entrou por uma janella. Vi tudo vermelho diante de mim. Os bandidos fugiam. Lembra-me que um cão enorme saltou-me ás guellas, rachei-lhe a cabeça com uma formidavel cutilada. Um camponez herculeo, armado com um machado, correu contra mim. Puz a espada nos dentes, saquei de uma pistola e desfechei. O Hercules caiu. Duas mulheres jovens e uma idosa ajoelharam aos meus pés pedindo misericordia... Oh! agua! agua! tenho uma sede infernal.

Mas o frade, com a cabeça apertada nas mãos, lívido, com os dentes cerrados, não respondeu ao pedido.

— Agua! tornou o official.

— Continua! trovejou o frade, se não queres a maldição eterna.

O francez olhou para elle com um terror desvairado.

— Oh! é a expiação, bradou a final. Mas eu era engeitado, mas eu não tivera nunca beijos de mãe, sorrisos de irmã. Não via na mulher o anjo da familia, porque a familia era para mim uma palavra sem significação. Repelli-as. Uma era bella, bella como um sonho de creança, como uma visão de poeta. Que me importava isso? Gosaria mais um deleite feroz. Estreitei-a nos braços, apesar dos seus gritos, das suas supplicas.

— Infamia! rugiu o frade com os cabellos erriçados, e lançando mão instinctivamente da espada do joven official.

Este nem reparou no movimento.

— Sim, infamia, infamia atroz! continuou o francez, mas entre os seus gritos e as suas lagrimas ouviu-se de subito um brado sinistro: «Fogo!» Os bandidos, fugindo, tinham incendiado a habitação, «Mata! mata!» clamaram os meus soldados furiosos. «Mata!» rugi eu, louco de ferocidade, espumante, enraivecido. Ouvi gritos dilacerantes. Vi um montão informe, entre o qual relampagueavam baionetas á luz vermelha das chammas que de toda a parte irrompiam. Fugi... mas fugia comigo a visão do remorso. Perseguia-me na vigilia das batalhas, como o espectro de Cesar. Perseguia-me na ebriedade do triumpho, como o escravo insultador. Oh! soffri torturas loucas. Padre, cumpre o teu dever, absolve-me, absolve-me!

— Que te absolva, eu! rouquejou Henrique, mas não sabes quem tens diante de ti? Essa velha infeliz era minha mãe, essa mulher que quizeste pro-

fanar era a minha noiva, a que assassinaste talvez era minha irmã.

— Oh! meu Deus! bradou o ferido.

— Sofreste? perseguiu-te o remorso? Olha para mim; n'uma hora encaneceram-me os cabellos! Falla ainda em soffrimentos, se o ousas.

— Oh! perdão! perdão!

— Não! vingança! vingança! Ensine-me Satanaz o segredo das torturas, com que te hei de pagar n'estes momentos de existencia que te restam os annos de ventura que me roubaste. Morre blasphemando Deus, amaldiçoando a patria!

— Mata-me! mata-me!

— Não! dava-te a minha vida se pudesse para te estrangular morrendo, e arrastar-te comigo para o inferno.

— Uma sede de agua ao menos, tornou o official torcendo-se com desespero.

— Tens sede? bradou o frade com um sorriso infernal; olha, vês esta agua? Vou entornal-a diante de ti, e cada gota derramada ser-te-ha uma braza ardente a calcinar-te as entranhas.

E ia pôr em execução a ameaça quando de subito parou.

Davam Ave-Marias. No silencio do campo de batalha, ha pouco cheio de tumulto, resoava melancolico o som religioso do sino. Era uma voz do céu a dizer: «Misericordia.» Era a voz do meigo Jesus a dizer: «Caridade.»

Na sombra do crepusculo Henrique viu esvoaçar uns vultos de azas brancas. Estamparam-se-lhes no horisonte as fórmias vaporosas. E passaram por diante d'elle sua mãe, sua irmã, sua noiva, e cada uma dos labios pallidos soltava brandamente a palavra: «Perdôa!»

E a mão de Henrique abaixou-se insensivelmente, e approximou a agua dos labios calcinados do moribundo. Este bebeu, soltando um grito de alegria.

— És santo, murmurou elle.

— Sou peccador, disse Henrique ajoelhando.

— Oh! a absolvição, meu padre!

— Como sacerdote, e como martyr, como ministro da victima do Calvario, disse o padre solemnemente, e como victima eu mesmo, perdôo-te o meu longo martyrio, e o martyrio dos que assassinaste. Seja Deus tambem contigo misericordioso.

E, como se o espirito do official francez só esperasse esta absolvição para se desprender dos laços corporeos, o moribundo balbuciou palavras inintelligiveis e soltou o ultimo suspiro.

O sino vibrou de novo na amplidão dos ares, e a doce melodia espathou-se como um perfume ce-leste pela encosta da montanha inundada de sangue.

O frade ajoelhou, e um rio de lagrimas, as primeiras, que derramara depois do fatal successo, correu-lhe pelas faces abaixo.

Era já a recompensa. É doce perdoar. É santa a misericordia.

XI

A DESPEDIDA ¹

Partira no dia 27 de novembro de 1807 para o Brasil a esquadra anglo-portugueza, que levava a seu bordo o príncipe regente fugitivo, a pobre louca D. Maria I, o resto da família real, uma grande porção da côrte, e innumerous particulares que se esquivavam á invasão franceza de Junot, seguindo o exemplo desanimador dos seus soberanos, que foram então os primeiros na fuga, e que nem sequer chegaram a ser os ultimos no combate, porque ninguem pôde ver um só descendente de D. João I, nos campos de batalha onde se decidiam os destinos da monarchia. Fôra doloroso e pungitivo o quadro do embarque da fami-

¹ A narrativa que se vae lêr é um pouco phantastica; mas devo dizer, para me salvar de responsabilidades, que o digno major acreditava piamente n'ella, como acreditava no caso da feitiçeira de Smolensko.

lia real. A confusão e o terror pairavam com negras azas sobre essa vergonhosa scena. O povo, accumulado no caes de Belem, mal sabia se devia optar pela piedade ou pelo desprezo, vendo as lagrimas com que o principe regente se apartava da patria, e ouvindo os gritos furiosos da pobre rainha, que, n'uma crise de loucura, recusava embarcar, suppondo que tambem a conduziam ao patibulo de Luiz XVI. Era um patibulo, sim, porèm mais vergonhoso do que o do filho de S. Luiz, porque n'elle se decapitava a honra da monarchia portugueza.

No dia 30 de novembro entrava em Lisboa um bando de homens esfarrapados, exhaustos de fadiga e de fome, quasi desarmados, e protegidos apenas pelo prestigio do nome de Napoleão. Eram as invenciveis phalanges que enxotavam do solo da patria os seus naturaes defensores! O povo contemplava estupefacto esses recrutas imberbes, que tinham atravessado o reino a passos de carga, e profanado o sacro territorio defendido outr'ora, pollegada a pollegada, contra os aguerridos terços de Filippe IV. Só vendo relampaguear no olhar audacioso de Junot o esplendor da coragem intrepida, só contemplando a fronte dominadora do antigo sargento de Toulon, queimada pelos soes da Italia, do Egypto e da Palestina, podia perceber o successo d'esta marcha rapidissima. Era a audacia legitimada pela gloria, que dava ao vôo altivo das aguias imperiaes a sua triumphal serenidade.

Desprezando a opinião dos conquistados, Junot, sem tomar as minimas precauções, correu logo á barra para ver se podia impedir de alguma fórma a fuga da familia real. Os navios sumiam-se no horizonte, e as balas francezas foram-se apagar no sul-

co de espuma das suas quilhas. Junot resignou-se e principiou a organizar a conquista, entendendo-se para esse fim com o tremente conselho de governo deixado pelo principe D. João, e que se compunha do marquez de Abrantes, dos tenentes-generaes Francisco da Cunha Menezes e D. Francisco Xavier de Noronha, do principal Castro e de Pedro de Mello Breyner. A bandeira portugueza, arriada nos fortes e substituida pelo tricolor estandarte, a dissolução das milicias, a contribuição de guerra imposta ao reino, o emprestimo forçado exigido dos negociantes lisbonenses, vieram testemunhar brutalmente o aviltamento a que a nossa patria descera, aviltamento apenas redimido pela solemne promessa que fez Junot de um Camões para cada provincia. Esses Camões haviam de ser fabricados em Paris, na manufactura das olarias poeticas, dirigida por Fontanes, Esmènard e Luce de Lancival, os corypheus disciplinados da litteratura do imperio.

Em fevereiro de 1808, uma estranha medida veio sobresaltar o animo dos portuguezes, e provar-lhes que teriam de sorver, trago a trago, o calice das humilhações. O exercito portuguez, que assistira, fremente de raiva, a essa inaudita invasão, devia ser dissolvido por decreto imperial, reorganizado n'uma legião escolhida, e enviado para as fileiras do grande exercito napoleonico. O general Junot, já então duque de Abrantes, mandou logo pôr em execução o decreto, encarregando d'esse trabalho os generaes portuguezes. Os doze regimentos de cavallaria existentes deviam ser reduzidos a tres, os vinte e quatro regimentos de infantaria a cinco, a legião de tropas ligeiras a um batalhão de caçadores a pé e um esquadrão de caçadores a cavallo. D'esta reduccão foram encarregados os tenentes-

generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, o marechal de campo D. Rodrigo de Lencastre, os brigadeiros Pamplona, D. José Carcome e João de Brito Mousinho, e o coronel Francisco Antonio Freire Pego. Operada a redução, as reliquias dos differentes regimentos foram enviados para differentes sitios, afim de se condensarem nas suas novas unidades tacticas, e a legião ficou organizada da seguinte maneira.

Commandante em chefe, o marquez de Alorna; segundo commandante, Gomes Freire; chefe de estado-maior general Manuel Ignacio Pamplona.

A legião formava duas divisões de infantaria, e uma brigada de cavallaria. Commandava a 1.^a divisão D. José Carcome, tendo por chefe de estado-maior João Ribeiro de Sousa; commandava a 2.^a João de Brito Mousinho, tendo por chefe de estado-maior Manuel de Brito Mousinho. A brigada de cavallaria obedecia ás ordens de D. Manuel de Sousa.

Dos tres regimentos de cavallaria foram nomeados coroneis Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar, Alvaro Xavier das Povoas e o marquez de Loulé; o esquadrão de caçadores a cavallo tinha por chefe José de Mello. Os cinco regimentos de infantaria tiveram por coroneis Joaquim de Saldanha e Albuquerque, marquez de Ponte de Lima, Francisco Antonio Freire Pego, conde de S. Miguel e Francisco Ferrari; o batalhão de caçadores a pé obedecia a Francisco Claudio Blanc.

E agora que já cumprimos a tarefa preliminar de pormos o leitor ao facto das circumstancias em que se trava a acção da narrativa, pedimos-lhe que nos acompanhe n'um passeio para o lado de Nossa Senhora da Luz onde os restos dos regimentos 1, 4, 7 e 10 de cavallaria se estão refundindo n'um

regimento novo, que ha de ser o primeiro das tropas montadas da legião.

Estava proximo a expirar um dos primeiros dias de março. No largo de Carnide, sitio donde se desfructa um amplo e suave horisonte, uma senhora joven ainda, pallida bastante, encostada ao braço de um joven cadete de cavallaria, contemplava o melancolico panorama que diante d'elles se desenrolava, illuminado pelos ultimos raios do sol poente. A brisa fria da tarde, conservando ainda o sopro agreste do inverno, fazia estremecer a fragil creatura, que se agasalhava mais então na capa em que se envolvia, e comprimia uma tosse obstinada que lhe rasgava o peito.

— Menina, dizia-lhe com inquietação uma senhora edosa que se conservava um pouco afastada, são horas de nos recolhermos. Tua mãe não ha-de gostar que estejas apanhando os regêlos da tarde.

— Descance, minha boa tia, respondeu a interpellada com um sorriso; não ha perigo em quanto o sol estiver no horisonte. Bem sabe que o sol é o calor e a vida. Este sol de Portugal, continuou ella insistindo com uma intenção secreta, meu Deus, quanto eu soffreria se me privassem d'elle!

— E, comtudo, sua tia tem razão, acudiu o cadete córando um pouco; o sol é ainda frouxo bastante, e não tem as propriedades vivificadoras que lhe attribue. Maria, cuidado com a sua tão melindrosa saude.

— Não é mortifera a brisa da patria, amigo, por mais agreste que sopra. O sol da nossa terra é sempre meigo e bom. Deus queira que sinta bem esta verdade, agora que vae ser privado d'elle por esses crueis inimigos que tudo nos roubam, ai! quantas vezes com jubilo dos roubados!

O cadete conservou-se silencioso.

— Não responde, Raphael? tornou ella dolorosamente. É pois verdadeira a minha apprehensão? Vae partir, vae deixar-nos, vae deixar a sua patria vilipendiada pelo estrangeiro, e só pensa na gloria que poderá adquirir debaixo de estranhos pendões! Ai! Raphael, como o desvaíram os sonhos da ambição! Que vertigem fatal é esta que arrasta a Europa toda na esphera louca d'esse conquistador insaciavel? Arranca os filhos dos braços das mães e os noivos de junto do leito das noivas moribundas, até n'este paiz que devia odial-o!

— Maria, Maria, por Deus não pense assim, por Deus não diga essas coisas dilacerantes! Não vê que se me parte o coração com a idéa de sair de Portugal deixando-a enferma, ainda que tenha a certesa de que a ha de reanimar, como a flor abatida, o sôpro da primavera? Mas que hei de fazer? Hei de abandonar as minhas bandeiras? Não hei de fazer todo o possivel para salvar a honra portugueza, já que a independencia da patria é impossivel garantil-a? Não me sorrirão os seus olhos com mais amor quando eu voltar, coberto de gloria, d'essas luctas epicas, a que Portugal era ha tantos annos estranho? Não me desprezaria se eu fizesse o contrario do que faço, se eu merecesse, em vez da espada que cinjo, a roca ignobil que a aristocracia vendéana enviava aos fidalgos, que não tomavam parte nas pelepas heroicas onde se defendia a realesa contra a republica triumphante?

Maria olhou para elle com profunda tristeza, e o seu pallido rosto mais pallido ainda se fez quando ella poisou a mão branca de cera e transparente no braço do mancebo.

— Não confundamos, disse a gentil senhora com

um descórado sorriso : sabe que sou de uma logica implacavel. O que faziam os vendéanos? Batiam-se por um principio que elles julgavam santo e nobre, e que effectivamente o era; defendiam as suas convicções, a sua bandeira, e tinham ainda a cavalheiresca honra de defender juntamente uma infeliz mulher e uma creança desgraçada. Ah! não julgue, Raphael, que sou incapaz de perceber essas grandes dedicações que fazem pulsar o coração dos homens. Erga-se amanhã em Portugal o grito da independencia, e serei eu a primeira a cingir-lhe a espada e a dizer-lhe: «Vá, combata, morra pela causa santa da patria.» Longe estou de ser romana, mas sou portugueza, e portugueza educada nas tradições viris dos nossos antepassados cavalheirescos, d'aquelles que voavam ao combate com as charpas bordadas pela mão das esposas. Mas, Raphael, a guerra pela guerra! matar por matar, sem intenção definida, sem causa apenas para conquistar isso a que se chama gloria! Gloria! Como pôde existir a gloria guerreira assim desacompanhada de tudo quanto a justifica! Gloria vã, gloria falsa, ensanguentada lentejoila!

Estava tão bella dizendo isto, a sua fronte resplendia com tão viva intelligencia, transparecia no seu olhar ardente uma convicção tão profunda, que o joven cadete, commovido, não pôde fazer mais do que beijar-lhe a mão. Porém estremeceu ao sentir-a inteiriçar-se-lhe entre as suas, e olhando para Maria, viu-a, prostrada pela reacção que á exaltação naturalmente se seguiu, curvar a fronte como um lyrio desmaiado. No sobresalto começou a chamar a tia, que veio a correr, exclamando:

—Que imprudencia! eu bem dizia...

Fôra um vágado apenas; a graciosa menina re-

cuperou de prompto os sentidos, e, dando o braço ao cadete, dirigiu-se vagarosamente para casa.

Jam silenciosos; o sol desaparecera já no horizonte, e no pallido azul do céu começavam a palpitár as pallidas estrellas; os vagos murmurios do crepusculo espraivam-se como um hymno religioso pela extensão dos campos. Era o mugido dos bois, o grito distante do pastor, o zumbir dos insectos, todas essas notas melancolicas que fluctuam no immenso teclado da criação n'essa hora mysteriosa. Como expressão mais sensível d'essa melodia vaga, o toque das Ave-Marias vibrou, solemne e triste, no sininho da egreja campestre.

Maria, ouvindo bater Trindades, parou de subito, e levantando com a mão um pouco as fartas e negras tranças, que pareciam pesar-lhe na cabeça, fez parar o cadete, e disse-lhe com um tom de voz baixo e febril:

— Oíça! esta hora não se esquece; é a hora das saudades, é a hora da melancolia, e para quem vae deixar a patria, ainda que tenha o coração empedernido, deve ser por força uma hora de solemne tristesa. Quando estiver longe, bem longe de Portugal, e ouvir de subito bater Trindades n'alguma capellinha estrangeira, ha de estremecer de certo, e na memoria ingrata ha de se lhe avivar subitamente este quadro obliterado, este panorama vasto e melancolico, estas sombras esfumadas do crepusculo, estas estrellas de oiro fino, e todo este indefinivel perfume da patria, que n'esta hora rescende mais intenso do que nunca das campinas nataes. É possível então que a minha imagem lhe surja tambem diante dos olhos pallida e triste. Dê-me uma lagrima, Raphael, porque já não existirei de certo, não terei sobrevivido ao seu esquecimento. Raphael,

julga que é a primavera que me ha de dar vida? Ai! continuou ella com um triste sorriso, é a primavera, mas a primavera da alma: o amor! O amor sim! O meu coração precisa de trasbordar, de casar com os magneticos effluvios, que de outro coração namorado se exalem, o seu proprio magnetismo! Amei-o, Raphael, talvez porque o vi assim fraco, incerto, accessivel a todas as commoções, harpa eólia vibrando a qualquer sôpro de amor ou de gloria, e liguei-me a essa natureza expansiva que tão cruelmente me castiga. Bem! agora parta; não o retenho nem o posso reter; mas lembre-se de uma coisa: no dia em que me olvidar, no dia em que se partirem violentamente estes laços sympathicos que ligam os nossos corações, lavrou-se, Raphael, a minha sentença de morte... Oh! nada me diga, continuou ella vendo que elle ia a fallar, nada me jure, bem sabe que adivinho e por mais distante que esteja, hei de sentir despedaçar-se a nossa corrente de amor. E, se alguma vez ouvir bater Trindades, terminou ella com lagrimas na voz, lembre-se da patria, Raphael, e da noiva que matou.

A noite principiava a desdobrar o seu manto sobre as collinas e os valles; aos murmurios do crepusculo começavam a succeder o fremente silencio nocturno, e as estrellas avivavam-se no azul escuro do céu. O seu frouxo clarão banhava como que em luz etherea o vulto gracioso de Maria, dava-lhe á fronte pallida suaves reflexos, e desenhava-lhe vagamente as fórmias airosas do corpo. Havia n'ella um não sei quê de sobrenatural; lembrava uma visão prophetica, trazia á mente a imagem da Velleda de Chateaubriand, no meio do bosque sacro, com os negros cabellos cingidos da corôa de carvalho, austera, nobre e sublime. Ao longe o silencio

nocturno quebrou-o a voz fresca de uma rapariga, que voltava talvez da fonte cantando pelas azinhas atapetadas de relva:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saúde»;
eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

A canção veio expirar, melancolica, no ouvido dos dois noivos. Casava-se tão bem com os sentimentos que lhes tumultuavam no peito, que as lagrimas, represadas por muito tempo, irromperam dos olhos do cadete, e inundaram, como chuva abençoada, as mãos febris de Maria.

Estavam proximos da casa, que ficava á beira do caminho. Um torcicollo da estrada escondêra-os momentaneamente das vistas da tia discreta, que os acompanhava a distancia; Maria puxou para si o cadete n'um impeto de amor, e, poisando-lhe na testa os labios ardentes, disse-lhe:

—Chora, coração infantil, tão accessivel a todas as commoções, e que tão facilmente as esqueces. Por isso te amo, e por isso me has de matar, querido, querido noivo da minha alma.

— Oh! Maria, ainda n'isso pensas?

A voz dizia ao longe:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saúde.»

Maria sorriu-se tristemente, e dizendo-lhe: «Adeus! adeus para sempre!» fugiu para casa, deixando-o ficar no meio da estrada, immovel e soluçante.

.....
No dia seguinte os clarins do primeiro regimento de cavallaria da legião lusitana acordavam ale-

grememente os echos da alvorada. O cadete Raphael, radiante de jubilo, domava com a mão fina e alva o ginete fogoso, e sacudia ufano os loiros anneis do cabello, preso no capacete do uniforme. Ao passar por diante das janellas de Maria, relanceou para lá um olhar tímido e como que envergonhado, mas as janellas estavam cerradas, e elle, depois de ir um instante pensativo, vendo que ficára muito atraz do seu esquadrão, metteu as esporas ao cavallo, e partiu, inebriado pelo galopar, pelos perfumes da madrugada e pela harmonia bellica dos clarins, a tomar o seu posto na fileira.

Por traz dos vidros do mirante do jardim, Maria assistia com um amargo sorriso a esta scena muda, e seguia com os olhos arrasados de agua o regimento até que se perdeu ao longe n'uma nuvem de poeira. Depois levou a mão ao coração como se uma dôr aguda o traspassasse, sorriu-se de novo e murmurou :

Eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

Estava pallida como uma defuncta; apanhou um malmequer, e dirigiu-se para casa desfolhando-o distrahida.

As bafagens do vento traziam, como um murmuro vago, as ultimas notas dos clarins estridulos.

O primeiro regimento de cavallaria partia para Salvaterra de Magos, donde devia marchar para França.

XII

SEGUNDA VISTA

Raphael da Silva Menezes era filho de um dos melhores fidalgos da côrte, que partira com o príncipe D. João para o Rio de Janeiro. Quizera levar consigo o filho, mas o moço cadete, mais guerreiro do que patriótico, exaltado havia muito tempo pelas narrações d'essas campanhas maravilhosas que assombravam o mundo, desde que em 1796 surgira no horisonte italiano o astro militar de Bonaparte, cujo fulgor completamente offuscou as estrellas de Cesar, Turenne ou Frederico, não quizera perder a occasião de ver de perto os heroes d'essa *Illiada* de boletins, em cuja leitura desvellava as noites. O pretexto, que elle dera a seu pae para desculpar a sua teima, fôra a defesa da patria, que de um momento para o outro podia reclamar o seu braço. Não ha duvida que se o grito de re-

volta resoasse nos muros de Lisboa, ou nas campinas do Alemtejo, ou nos serros da Beira e de Traz-os-Montes, Raphael correria a enfileirar-se no exercito nacional, e, depois de comprimentar cortezmente os seus adversarios, cumpriria o seu dever patriotico á frente da insurreição.

Mas Portugal parecia completamente resignado á sua sorte; a occupação franceza não encontrava a minima resistencia, e Raphael pensou com secreto jubilo que poderia ir tomar parte nas épicas façanhas dos exercitos do imperador. Não me accussem o rapaz por isso. Não era elle só que occultava no fundo do coração os mesmos sentimentos. Os loiros dos soldados francezes tiravam o somno a muitos bravos, condemnados, havia um bom par de annos, aos estereis ocios da vida de guarnição. Demais o sentimento patriotico não estava ainda bem definido. Contra quem deviamos reagir? Contra os francezes, ou contra os inglezes? Em nenhum dos campos tremulava livre e ufana a bandeira das quinas. Se de um lado se desfraldavam as aguias francezas, o estandarte, a cuja sombra se abrigava a familia real portugueza, tinha estampado o leopardo inglez. Não sei qual era mais humilhante, se a invasão imperial, se a protecção britannica.

Por isso Raphael ficou. O pae sorriu-se para dentro, julgando que uma das causas principaes d'essa resolução emanava dos lindos olhos de D. Maria de Menezes, sua prima bastante afastada, de quem era promettido noivo. Os entaces ajustados pela familia encontravam d'esta vez, caso raro, o pleno assentimento d'aquelles de cuja mão se havia disposto. Raphael amava e respeitava Maria, esta consagrava a Raphael um amor, que tinha a um tempo os ardores do affecto conjugal e a gravidade do amor de mãe.

E, ^{contudo,} eram ambos quasi da mesma idade, porém Maria era incontestavelmente uma mulher superior. Espirito ardente e entusiastico, de uma instrução rara ainda hoje, muito mais rara n'esse tempo, instrucção que adquirira quasi sem mestres, Maria chegava a assustar seus paes pelo fervor com que a sua imaginação se arrojava ás mais elevadas concepções da intelligencia humana. Fragil de corpo, alma como que devorava e queimava esse transparente involucro, e o fogo que lhe ardia lá no intimo dava-lhe ás vezes uma lucidez quasi sobrenatural. Penetrava os pensamentos mais occultos dos outros com uma segurança aterradora. O seu olhar, brilhante de intelligencia, explorava os mais reconditos reffolhos da alma que se expunha ás suas observações. Não admira, pois, que Raphael não lhe soubesse nem podesse occultar o sentimento que o dominava.

Maria amava-o, e amava-o loucamente. Por quê? Ella mesma o dissera. Captivára-a esse espirito ingenuo e facil de commover, namorára-se d'essa organização poetica, um tanto feminil e cavalheiresca. Bem sabia que elle nunca a poderia comprehender, bem sabia que o amor que ella lhe tinha fascinava-o mais do que o penetrava, e que era muito ardente esse sentimento para que o pobre moço não refugisse instinctivamente do abrazador contacto. Era como o amor, que as deusas ás vezes consagravam aos filhos dos homens; Endymião havia de tremer sempre quando a severa Diana lhe apparecesse radiante na gruta da floresta.

Depois, digamol-o francamente, Maria tinha uma organização artistica, e a belleza attrahia-a. No nosso organo de sexo feio, queremos recusar ás mulheres o gosto por aquillo mesmo que n'ellas nos

fascina, a correção harmoniosa das feições, ainda que muitas vezes n'ellas se não espelhe nem a intelligencia, nem a alma apaixonada. Maria amava Raphael tambem porque elle era bello. Os cabellos loiros frisavam-lhe naturalmente; o olhar era incerto, mas muitas vezes varonil, meigo bastantes vezes; o buço nascente desenhava-se bem, orlando o labio vermelho; tinha airosa estatura, e ninguem montava a cavallo mais elegantemente do que elle.

Os leitores sorriem-se, as leitoras comprehendem-me talvez, lembrando-se dos seus primeiros sonhos; mas o que é certo é que uma invencivel fatalidade ligára o destino de Maria ao capricho de Raphael.

A pobre menina estava enferma, como vimos; a doença do peito, que opprime fatalmente estas organizações delicadas, aggravára-se com os frios e as tempestades d'esse terrivel inverno de 1807, que poderia ter sido para Junot, se no governo portuguez houvesse resolução, quasi tão fatal como o de 1812 foi para o exercito da Russia; esperavam seus paes que a primavera no campo a restabelesse: mas ao doce influxo de maio oppunha-se uma influencia terrivel; a da ausencia de Raphael.

Comtudo, os primeiros mezes pareceram justificar um pouco a esperança por todos alimentada; as brisas da primavera, refflorindo tudo em torno, tambem a reffloriam a ella. Passava horas esquecidas no sitio em que se despedira de Raphael, e voltava sempre animada e risonha. As cartas do seu noivo succediam-se ininterruptas. O regimento estava em Salamanca, e Raphael, enfasiado da sua inacção, todo se desfazia em protestos de amor e de saudade. Entretanto rebentou a revolução da Hespanha, indignada contra a prepotencia de Napoleão e as insídias de Bayona. Maio sacudia sobre

os campos a sua túnica perfumada, e o céu azul ria como um verdadeiro céu de Anacreonte. Comtudo, uma nuvem toldava o coração de D. Maria de Menezes. Ia rebentar a guerra. O regimento do seu noivo partira de Salamanca para Valladolid, por ordem de Junot. As cartas tornaram-se mais raras, porque a revolução interceptára os correios, mas a gentil menina com isso não se abatêra; bem sabia ella que era seu o coração do seu noivo, em quanto a gloria, essa deslumbrante rival, não apagasse a sua imagem. As tropas portuguezas iam-se aproximando cada vez mais de França. As outras cartas que recebeu foram successivamente datadas de Burgos, de Victoria, e, finalmente, de Bayona.

Chegára entretanto o mez de agosto de 1808, e Portugal fremente, cobrando novos brios com o desembarque das tropas inglezas commandadas por sir Arthur Wellesley, ergueu-se em massa para combater o inimigo. As guerrilhas ferveram por toda a parte. Mas as scenas principaes do drama representavam-se entre Lisboa e a Figueira, e entre as tropas francezas commandadas por Junot e as forças inglezas de sir Arthur Wellesley. Não era o duque de Abrantes general capaz de se medir com o futuro lord Wellington. Possuia todos os defeitos dos generaes educados na escola de Napoleão, sem ter das suas qualidades brilhantes outra que não fosse uma coragem a toda a prova. Não soube senão arrojarse como um toiro ás alturas inaccessiveis do Vimeiro, onde Wellesley prudentemente se fortificára, e dar ás suas tropas a occasião de desenvolverem uma intrepidez esplendida, mas infructifera. Comtudo, a sua energia salvou-o da vergonha extrema por que passára Dupont em Baylen. Encerrando-se no castello de S. Jorge, mostrou-se decidido a morrer

com as armas na mão antes que a entregar-se. O general inglez, que só queria livrar-se d'elle para possuir o mais depressa possível em Portugal o ponto de apoio de que necessitava para resistir ao impeto das tropas imperiaes, deu-lhe a capitulação que elle quiz, prestando pouca attenção ás reclamações dos portuguezes, seus alliados, que tendo contribuido tão energicamente para o successo, não lucravam com a victoria mais do que obedecerem a Wellesley em vez de obedecerem a Junot.

D. Maria de Menezes seguira com ancia as varias peripecias d'esta lucta. Além de estarem n'ella empenhados os interesses da sua patria, que D. Maria presava como verdadeira compatriota de D. Filippa de Vilhena, além d'isso, outro interesse mais directo a preocupava. Se Junot soffresse um desastre similhante ao de Dupont, se as tropas francezas ficassem prisioneiras de guerra, não seria inevitavel a sua troca pelas forças portuguezas que tinham sido arrastadas para França? E então Raphael voltaria, oh! voltaria de certo.

Assim, foi com jubilo sincero que ella recebeu a noticia das batalhas de Roliça e do Vimeiro; foi quasi com enthusiasmo que viu passar os soldados de um regimento francez que se recolhia a Lisboa, em cujas physionomias, ainda intrepidas e marciaes, se lia não o abatimento, mas a revolta contra os golpes da fortuna, que os feria depois de os ter protegido por tanto tempo. No dia immediato D. Maria pôde ver do seu mirante resplenderem ao longe aos raios do sol as fardas vermelhas dos soldados inglezes. Alguns officiaes foram aboletados em sua casa; Maria acolheu-os como a libertadores, e elles não poderam deixar de manifestar a sua admiração por essa flor ainda pallida, mas que ia re-

cobrando viço ao calor do sol e da esperança. Ao ouvirem as entusiasticas palavras com que ella acclamava o triumpho completo da causa patriótica, vendo com que ardor ella desejava que sir Arthur fizesse passar as tropas francezas por baixo de umas novas forcas caudinas, os officiaes inglezes chamavam-lhe rindo a *rainha Boadicéa*. Ella ria-se tambem, e os paes, pouco perspicazes, julgavam que Raphael estaria esquecido, e já lançavam as suas vistas matrimoniaes para um joven e ruivo lord, que hospedavam em sua casa, e que devia possuir um dia quasi um condado inteiro.

Mas tudo mudou quando a capitulação de Cintra foi conhecida. Os officiaes inglezes vieram noticial-a um pouco envergonhados. Maria ouviu-os em silencio e de sobr'olho franzido. Quando elles acabaram perguntou-lhes por entre os dentes cerrados:

—E nada se estipulou ácerca da legião portugueza?

—Nada, respondeu um d'elles; as tropas francezas retiram sem condições. Junot ameaçava fulminar Lisboa com a sua artilheria, e nós para salvarmos a capital de um reino alliado...

—Oh! quanto lhes devemos estar agradecidos, exclamou ella erguendo-se de um impeto. Beijámos-lhes as mãos por tamanha mercê! Compraram barato o campo de batalha de que tanto precisavam. Oh! mas, se Deus fôr justo, ainda um dia o facho assolador da guerra, cujas faiscas tão facilmente semeiam pela Europa, lhes ha de abraçar os monumentos d'essa Londres de que tanto se ufanam.

E saiu, pallida e fremente como uma prophetisa antiga.

Veiu o outono desbotar um pouco as rosas, que a primavera desabrochára nas faces da gentil me-

nina, mas a esperança animava-a e o seu coração estava tranquillo. Adivinhára que não chegára ainda para Raphael o momento da crise. Depois, Napoleão entrára na Hespanha, e a sua presença e o seu genio restabeleciam em toda a parte o ascendente das suas tropas. Os hespanhoes batidos em Burgos e Somosierra; o exercito inglez de sir Jolin Moore levado em completa derrota caminho de Corunha, presagiaram uma grande mudança de aspecto nos negocios da peninsula. Maria desejava-o. Todos os seus desejos só se concentravam agora na volta de Raphael, fosse qual fosse a bandeira que o conduzisse. Mas subitamente rebenta a guerra da Austria. Napoleão sae de Hespanha, a legião portugueza acompanha-o a novos campos de batalha. Este golpe foi mortal para a pobre senhora. A nova primavera vinha espalhar alegria nos campos, e ella definhava-se ao sôpro agreste do outono d'alma. Presentia que Raphael para sempre lhe fugira.

Comtudo, o anno de 1809 ia correndo, e os rumores da guerra longinqua chegavam aos ouvidos dos portuguezes empenhados n'uma guerra não menos cruel. Maria conservava-se indifferente ás desgraças da patria, e só escutava os vagos echos da pugna gigante que se travava ao longo do Danubio. Uma segunda vista interior parecia revelar-lhe as peripecias d'essa campanha, que em Portugal mal se conheciam pelas versões atrasadas e desfiguradas das gazetas inglezas.

Uma tarde de julho Maria estava, segundo o seu costume, sentada no largo de Carnide, ouvindo a brisa estival murmurar nas folhas das arvores, e vendo os raios do sol, que ia pendendo para o occaso, mas que ainda campejava bastante alto no céu, reverberarem nas janellas das casas da aldeia, accen-

dendo nos vidros fogos rubros e scintillantes. Maria estava pallida e magra; os seus grandes olhos brilhavam com esplendor febril nas faces cavadas pela doença. O pésinho, distraído, brincava com uma ou outra folha, sêcca prematuramente, que a viração despegava da ramaria da arvore que sobre ella estendia a sua vasta sombra. Mesmo por cima da cabeça de Maria, uns poucos de passarinhos chilreavam doidamente, bem descuidosos das tempestades que assolavam a Europa. Ouvindo-os, Maria sentia uma tristeza immensa a inundar-lhe o coração; o seu pensamento voava para bem longe, e ia pairar sobre o exercito agrupado nas margens do Danubio. Subito os passarinhos calaram-se. Maria ergueu a cabeça, fez-se pallida, e uma dór repentina traspassou-lhe o coração.

—Meu Deus! disse ella.

Seu pae e sua mãe, que passeiavam a pouca distancia, voltaram-se a esse grito. Viram-n'a já de pé, quasi livida, com uma das mãos encostada ao tronco da arvore, com a outra comprimindo o coração.

—Que é isto? exclamaram elles correndo para sua filha.

—Oh! nada, nada; voltemos para casa... Uma dór subita... um deslumbramento... nem eu sei o quê... uma loucura.

Mas estava visivelmente desvairada. Os olhos brilhavam sinistramente, os labios convulsos tremiam.

—Esqueceu-me, murmurou ella, para sempre, para sempre!

Seu pae deu-lhe o braço e foi-a conduzindo e amparando até casa. Entrou e deitou-se logo. Mandou-se chamar a toda a pressa o medico.

Do leito, Maria podia seguir o esmorecer da luz

solar. Viu apagar-se a chamma no horizonte, viu as sombras do crepusculo invadirem a planicie, e os seus olhos, cravados n'esse espectaculo, pareciam não se poder desfitar d'elle em quanto os seus labios murmuravam:

— Bem o sabia!... Oh! os presentimentos... Senti, senti partir-se, como lhe dissera, a corrente que nos ligava... O que succedeu n'este instante?... Não o adivinho... mas o coração bem o sabe.

A mãe escutava-a convulsa e banhada em lagrimas.

Pela estrada uma rapariga passava cantando:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saudade»;
cu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

Maria ergueu-se na cama, escutando silenciosa o canto singelo da camponeza, e os seus labios, franzidos n'um sorriso amargo, iam repetindo tambem a letra da cantiga. Quando a ultima nota se perdeu na distancia, a pobre menina caiu desfallecida no travesseiro.

No sino da egreja bateu, grave e lenta, a primeira badalada das Ave-Marias.

XIII

A CAMPANHA DE 1809

As campanhas de Bonaparte possuem uma particularidade notavel, que lhes dá o incrível poder de fascinação que exercem no espirito de quem lê as paginas brilhantes da grande epopéa do nosso seculo. Essa particularidade não é a do arrojo; tambem Cesar o teve, tambem Condé, tambem Alexandre: não é a da rapidez dos movimentos; já Frederico a possuiu: não é a da madura concepção das manobras; tinha para isso um perfeito modelo em Turenne: mas é a de uma combinação de todas as qualidades, que transforma a guerra n'uma sciencia exacta, o aventurar dos lances n'um calculo infallivel, o resultado de uma campanha na solução prevista de uma equação mathematicamente desenvolvida. O campo estrategico transforma-se debaixo dos pés de Bonaparte n'um taboleiro de xa-

drez; as divisões movem-se como as diferentes peças, o exercito inimigo occupa fatalmente as posições que o seu adversario lhe indica; Napoleão dirige-lhe as manobras como um bom jogador mostra de antemão ao parceiro as casas onde ha de por força collocar os peões e os cavallo. O grande general francez ganha uma victoria como quem dá um «xeque mate», com uma infallibilidade que aterra e que deslumbra.

Ha de chegar um momento em que lhe hão de falhar todas as combinações, mas não será nem porque a fortuna lhe vire as costas, nem porque o seu genio desfalleça, mas porque a sua immensa ambição sublevou contra si todas as forças da natureza, todas as leis providenciaes, porque as peças do jogo se lhe desconjunctam nas mãos, não sendo já simples divisões, nem mesmo simples corpos de exercito, mas turbas innumeradas de soldados de todos os paizes, de recrutas e de veteranos, de crianças e de homens feitos, ou porque esse campo estrategico, de que era d'antes tão senhor, se transforma para elle n'um volcão sempre aberto, ou porque as necessidades fataes da sua politica desvairada o forçam a lançar mão de manobras desesperadas, recursos de jogador perdido, em que elle mesmo deixa de ter confiança.

Mas a campanha de 1809 ainda é uma d'aquellas em que o seu genio estrategico se desenvolve com uma perfeita limpidez; e nunca mesmo se tornou mais evidente a superioridade de Napoleão, porque o seu adversario não era para desdenhar, rebellava-se com todas as suas forças contra esse despotismo (permittam-me o termo) do jogador eminente, e via-se, comtudo, obrigado a seguir a linha implacavel em que Bonaparte o fazia permanecer.

Muito tempo se demorára a Austria a declarar a guerra, esforçando-se por illudir Napoleão, e aproximando sorratamente as suas tropas da fronteira bavara, afim de surprehender os francezes, dispersos nos acantonamentos da Allemanha, quando fossem para operar o seu movimento de concentração. Conseguiu-o em parte. Berthier, commandante interino do exercito francez, não manobrou com a ligeiresa conveniente, e o archiduque Carlos, á testa da força principal do exercito austriaco, marchando pela margem direita do Danubio, pôde collocar-se entre as duas massas principaes do inimigo, a de Davoust á direita, em Ratisbonna, e a de Massena á esquerda, em Augsburgo. O seu plano era operar um rapido movimento de conversão sobre a direita, dar a mão ao general Bellegarde, que descia da Bohemia com cincoenta mil homens pela margem esquerda do Danubio, envolver assim completamente o marechal Davoust, e infligir-lhe uma derrota memoravel, se não conseguisse fazel-o prisioneiro com o seu corpo de exercito. O plano era bem concebido e digno dos talentos militares do archiduque.

Mas n'esse momento entrava Napoleão em scena.

Para se comprehenderem bem as manobras immortaes d'esta primeira campanha parcial de cinco dias, campanha maravilhosa, que não tem equal na historia militar, é necessario que demos uma rapida idéa do theatro da guerra e das disposições dos dois exercitos.

Imaginem um trapesio, cujos quatro lados são constituídos da seguinte maneira: o do norte é formado em parte pelo Danubio, desde o seu confluente com o Isar até Ratisbonna, e d'ahi em diante pela estrada de Nuremberg; o lado occidental forma-o

a estrada de Nuremberg a Augsburgo; o do sul é a estrada de Augsburgo a Munich; o de léste é o Isar de Munich até ao seu confluente. A superficie d'este trapesio é cortada por innumerous rios, lagôas e collinas. O Danubio, deixando em Ratisbonna de fazer parte do perimetro da figura, sulca em torcicollos a superficie, e vem em Donauwerth marcar o ponto médio do lado occidental.

O archiduque Carlos, á frente de cento e cincoenta mil homens, atravessa o Isar e colloca-se no centro do trapesio, prompto a convergir para envolver Davoust em Ratisbonna. Massena continua a estar em Augsburgo, Napoleão chega a Donauwert apenas com algumas tropas bavaras. No meio d'aquelle labyrintho topographico os dois exercitos mal sabem um do outro, mas Napoleão adivinha e o principe Carlos hesita. O imperador, com a rapidez caracteristica das suas concepções, ordena um movimento de concentração. Davoust deve marchar ao longo do Danubio, Massena deve, partindo de Augsburgo, internar-se tambem na superficie do trapesio. Entretanto o principe Carlos continua imperturbavelmente o seu movimento de conversão. A esquerda da sua vanguarda marchando sobre o Danubio, a esquerda de Davoust esquivando-se ao longo do rio, hão de forçosamente encontrar-se. D'ahi resulta um choque. É o combate de Tengen, no dia 19. As tropas de Davoust combatem com vigor, sustentam-se no campo de batalha, e desfilam tranquillamente diante do principe, que não percebe esta apparição de tropas n'um sitio onde as não espera.

Incerto, hesitante, suppõe que Napoleão veiu em pessoa reforçar Davoust, e que tem o exercito francez na sua direita. Faz, por consequente, parar o

movimento de conversão e chama a sua ala esquerda a si. Mas Napoleão não o deixa respirar. Com os bavaros e wurtemberguezes que tem consigo, com os cincoenta mil homens que Davoust lhe traz, julga-se forte bastante, e no dia 20 investe essa esquerda austriaca que vae para reforçar o general em chefe. Vendo apparecerem de subito à esquerda os francezes que julgavam na direita, o principe Luiz e o general Hiller perturbam-se, pelejam como podem, mas são completamente batidos, e, cortados do exercito, retiram em desordem sobre o Isar. É a batalha de Abensberg.

Entretanto o archiduque Carlos espera debalde os reforços da sua esquerda. Napoleão, que tambem não tinha, como elle, noticias da posição do inimigo, porque o terreno accidentadissimo tornava impossiveis os meios habituaes de informação de que se usa na guerra, julgava ter repellido o principe Carlos em pessoa. Para operar esse movimento, que fôra uma roda, servira-se do marechal Davoust como peão. Mas, vendo os austriacos batidos, dispõe-se a aproveitar completamente as suas vantagens: ordena a Massena á direita que mude a sua ordem de marcha e que se dirija sobre o Isar para envolver o inimigo; a Davoust á esquerda que avance, porque não sùppõe que tenha inimigos na frente. Mas como não possui d'isso uma certeza absoluta, reforça-o consideravelmente, em quanto elle com o resto das tropas persegue no dia 21 os austriacos sobre o Isar, onde se junta a Massena. Completamente envolvidas, as tropas do principe Luiz e do general Hiller são destroçadas, e passam o Isar desmoralizadas e dispersas. É a batalha de Landshut.

Por outro lado Davoust, marchando com precaução, encontra o principe Carlos, que não sabe já o

que ha de pensar d'este turbilhão que o envolve. Pelejam e sustentam-se ambos nas suas posições. Este combate indeciso é o combate de Leuchlin.

Mas Napoleão, que avançara temendo sempre que lhe tivesse ficado á retaguarda algum corpo austriaco, apenas lhe chegam aos ouvidos os primeiros vãos rumores do combate, abandona a perseguição do principe Luiz e de Hiller ao marechal Bessières, que os segue com umas poucas de divisões, e volta com Massena á retaguarda. Era no dia 22; o principe Carlos, muito superior em forças ao marechal Davoust, preparava-se para o envolver completamente, quando se vê cortado por tropas francezas que parecem vir da fronteira austriaca. Perde a cabeça com esta multiplicidade de movimentos, bate-se com desespero, mas soffre uma derrota monumental. É a batalha de Eckmühl.

Fugindo na direcção de Ratisbonna, e dando de um lado a mão ao general Bellegarde, do outro á sua ala esquerda, cujo destino desastroso não conhece ainda completamente, pôde talvez sustentar-se. Mas os francezes perseguem-n'o, e logo no dia 23 assaltam a cidade, e obrigam-n'o a passar o rio e a lançar-se nos braços de Bellegarde. É o combate de Ratisbonna.

Assim em cinco dias obtinha-se logo um successo inaudito. Fazia-se perder a linha strategica ao inimigo, dispersava se completamente para todos os lados o exercito principal, matava-se-lhe, feria-se-lhe e aprisionava-se-lhe perto de sessenta mil homens, tomava-se uma energica offensiva que punha os francezes na estrada de Vienna, depois de se ter demolido o exercito que devia ser o muro de bronze onde se quebrassem os seus impetos, e desmoralisava-se o general adverso com este turbi-

lhão de manobras rapidas e perfectas. O principe Carlos assimillhou-se durante esses cinco dias a um jogador de florete, que, deslumbrado pelos relampagos do ferro do adversario, que, para assim dizer, o cingem n'um circulo de fogo, e tentando de balde acudir á parada, se vê completamente paralyzado e quasi que nem procura defender-se.

Póde-se attribuir isto á superioridade numerica das tropas? Não; o archiduque Carlos estava á testa de cento e cincoenta mil homens, e Bellegarde conduzia-lhe pela esquerda do Danubio cincoenta mil. O exercito de Napoleão constava de cincoenta mil homens de Davoust, de trinta mil bavaros e wurtemberguezes, e de sessenta mil homens debaixo das ordens de Massena, que só entraram em linha no terceiro d'estes cinco dias de combate. Mas uma das grandes qualidades de Napoleão foi sempre a de saber multiplicar as suas forças em presença do inimigo.

Vêem agora bem os leitores qual é a posição do exercito austriaco; o archiduque Luiz e o general Hiller, separados do principe Carlos, seguem na retirada pela margem direita do Danubio a linha que haviam seguido na offensiva, e o general em chefe, tendo sido obrigado a atravessar o rio, caminha pela margem esquerda, unido com o general Bellegarde. Mas o caminho da margem direita cobre Vienna, e todo o desejo do principe Carlos é, como se imagina, tornar a passar o rio para se unir aos generaes seus subalternos. Napoleão, pelo contrario, quer por força conserval-os desunidos. Para isso toma admiraveis disposições. Davoust passa a margem esquerda e persegue o principe Carlos. Este, que não deseja acceitar nova batalha junto do rio, lança-se nas montanhas da Bohemia, onde facilmen-

te destruirá o imprudente que o seguir, e d'onde espera descer n'uma rápida marcha a tempo de cobrir Vienna. Mas Napoleão conseguiu o seu fim; afastou-o do Danubio. Davoust torna a atravessar o rio e segue Massena, que marcha ao longo da margem direita, em quanto Bessières, seguido e sustentado por Napoleão em pessoa, continua a perseguir a antiga ala esquerda do príncipe Carlos, reforçada de quando em quando pelas reservas e guarnições que encontra no caminho. Debalde contudo, ella tenta demorar a perseguição; os francezes não lhe deixam tomar o folego um instante; o combate de Ebersberg, combate espantosamente sanguinolento, mostra qual é o desespero dos austriacos, mas tambem qual a impotencia dos seus esforços. Pela segunda vez Napoleão entra em Vienna triumphante.

Não adormece sobre os seus loiros, e Vienna não é para este invencível Annibal tão perigosa como Capua. O exercito do archiduque Carlos, tendo conseguido afinal a sua junção, conserva-se na margem esquerda do Danubio, para onde passaram Hiller e o archiduque Luiz. Napoleão quer tomar a offensiva. Em frente do inimigo fazem-se gigantes preparativos de passagem. Empregam-se longos dias n'esses preparativos, em presença de Vienna estupefacta com essa tranquillidade. A 20 de maio a passagem opera-se, e dá em resultado a sanguinolenta batalha de Essling. Algumas pontes que se romperam, e mais que tudo as munições de guerra que faltaram depois de trinta horas de lucta obstinada, pozeram termo ao combate. Os francezes voltam tranquillamente á margem direita e ás ilhas do Danubio que lhe tinham servido de ponto de partida; o archiduque Carlos conserva-se nos seus

entrancheiramentos. Mas este meio desastre não altera a serenidade olympica de Napoleão. Repara attentamente nos defeitos dos meios de passagem, combina, rectifica, emprega mez e meio em se preparar para um combate decisivo. Do seu lado, o principe Carlos cobre-se de novas e multiplicadas fortificações. A Europa espera silenciosa e attenta.

No dia 4 de julho estava tudo preparado. Em quanto o principe Carlos se obstinava em se conservar nos entrancheiramentos de Aspern e de Essling, e era conservado n'esse engano pelos preparativos de Napoleão, o exercito francez, protegido pelas sombras da noite, passava em massa á sua esquerda, e, quando alvoreceu o dia 5, o archiduque viu com espanto scintillarem sobre o flanco do seu exercito os milhares de bayonetas das tropas inimigas. Ao mesmo tempo principiava-se a executar o movimento admiravel calculado pelo imperador; fazendo da esquerda peão, os francezes executavam uma roda immensa, e, protegidos pelo fogo da artilheria da outra margem, levando adiante de si todos os postos avançados, iam-se desenvolver nas planicies de Wagram, onde Napoleão, mez e meio antes, prophetisára que havia de travar batalha. As fortificações de Essling tornavam-se completamente inuteis, e era no terreno escolhido por Bonaparte que o principe Carlos tinha de aceitar a lucta.

A batalha séria devia ser no dia seguinte; o general austriaco dera ordem a todas as suas guardas avançadas que não fizessem senão uma frouxa resistencia. Exaltados pelo orgulho do successo, os francezes julgaram poder n'essa mesma tarde terminar a contenda, e arrojaram-se temerariamente para levarem de assalto o monticulo de Wagram. Mas a resistencia dos austriacos foi intrepida e de-

sesperada; os francezes, repellidos depois de inu-
teis prodigios de valor, retiraram para as suas po-
sições, e os vapores da tarde expirante fluctuaram
como um véo de gaze sobre o rio vasto e limpido,
e sobre os dois exercitos que no dia seguinte se
haviã de despedaçar n'uma d'essas luctas de feras
que se chamam batalhas.

XIV

O BATER DAS TRINDADES

Uma ou duas horas depois de terminar essa inutil *échaffourée*, como os proprios escriptores militares francezes lhe chamam, um official de cavallaria da legião portugueza apartava-se do acampamento improvisado pelas tropas, e internava-se sózinho e a pé n'um bosquesinho que coroava uma eminencia pendurada sobre o Danubio, e por entre cujas arvores se divisava um conjuncto d'essas pittorescas habitações austriacas, em torno das quaes corre uma larga varanda. Era uma aldeia, com a sua egrejinha campestre, cujo campanario humilde se reflectia no Danubio. Este idyllio gracioso, lançado assim no meio dos horrores da guerra, produziria um effeito semelhante ao episodio de Herminia no poema do Tasso, se as paredes das casas esburacadas pelas balas, o desamparo em que ja-

zia essa aldeia completamente abandonada pelos seus habitantes, não inspirassem ao pensador uma tristeza ainda mais severa e pungente do que lhe inspirariam os quadros afflictivos do campo de batalha.

Comtudo, o joven official não parecia preoccupar-se muito com essas reflexões philosophicas, e a aria alegre, que ia cantarolando por entre os dentes, o modo marcial como fazia tinir as esporas e a espada, mostravam que, se procurava a soledade, não era senão para expandir o jubilo que lhe inundava o peito.

Effectivamente, acabára de receber a mais suave recompensa que se podia dar a um soldado de Napoleão. Momentos antes, quando o imperador passára a galope por diante da legião portugueza, acompanhado pelo marechal Oudinot, em cujo corpo de exercito estava incluída, o marechal dissera-lhe duas palavras ao ouvido, e o imperador, parando e fazendo sair das fileiras o official, pozera-lhe ao peito elle mesmo essa estrella dos bravos, que lhe parecia agora mais bella do que todas as estrellas que principiavam a scintillar no azul do céu.

Já os leitores reconheceram n'este heroe o nosso intrepido Raphael. Foi ás cinco horas da tarde do dia 5 de julho que recebeu, com enthusiasmo inexprimivel, das mãos do imperador essa gloriosa recompensa. Foi ás cinco horas da tarde que no largo de Carnide sentiu Maria aquella dôr subita no coração.

Digâmos rapidamente, antes de proseguirmos, que papel representára a legião portugueza n'essa campanha maravilhosa que a largos traços descrevemos.

Não entrou a legião nas primeiras acções d'esta immortal campanha. Partindo de Strasburgo, já fez parte dos reforços que iam preencher no exercito

de Napoleão as vagas dos campos de peleja. Chegada a Augsburgo, foi empregada em destroçar guerrilhas tyrolezas que infestavam as estradas. Em Augsburgo teve a noticia da batalha de Essling, e marchou logo depois para Vienna, juntamente com outras tropas frescas. Chegou á capital da Austria no dia 28 de junho, reuniu-se ao corpo de exercito do marechal Oudinot, e, atravessando o rio, entrou em linha de combate.

Foi então que o marechal Oudinot tentou levar de assalto a posição de Baumersdorf, em quanto Bernadotte investia Wagram, e Macdonald atravessava o pequeno riacho de Russbach. Mas os austriacos, segundo dissemos, defenderam-se briosamente. Duas baterias suas cobriam de metralha a encosta. Uma divisão franceza investe com impeto, dois batalhões portuguezes acompanham o ataque; mas a chuva de metralha é horrivel. A divisão, apesar da sua intrepidez, debanda; os batalhões portuguezes hesitam e recuam; então um joven official de cavallaria portugueza, loiro como um archanjo, arroja-se, expondo-se quasi só ao fogo das baterias inimigas. Esta heroicidade fascina e enthusiasma os seus compatriotas; voltam á carga, sustentam-se, triumpham. Um ajudante de ordens de Berthier, vindo ver o que se passa por esse lado, encontra os dois batalhões firmes debaixo de uma nuvem de balas, e a divisão franceza, que, colhendo novos brios no exemplo d'esses estrangeiros, volta envergonhada á carga, e saúda com vivas e applausos a coragem verdadeiramente épica dos seus auxiliares.¹ Raphael, alferes no principio da campanha, foi promovido a tenente no campo de batalha, e recebeu,

¹ Historico.

como vimos, a Legião de Honra das proprias mãos do imperador.

Como o coração lhe pulsava com ardor, ao receber essa recompensa invejada! Como n'esse instante o esplendor da gloria guerreira offuscou o scintillar já frouxo não só do amor da patria, mas tambem do amor de Maria. Se lhe restituisssem a liberdade e o pozessem a caminho de Portugal, Raphael n'esse momento fugiria para se ir collocar ao lado do deslumbrante imperador.

Era bem terrivelmente fatal a fascinação que o grande homem exercia!

Encostado a uma arvore, vendo o Danubio deslisar a seus pés, levando na corrente apressada as ultimas scintellas do sol, que se atufava ao longe nas suas aguas, doirando as cupulas mal distinctas e os terraços de Vienna que se desenhavam no horisonte, Raphael abria o espirito a todos os loucos sonhos da ambição. Via-se, depois de ganhar os postos a um e um no campo de batalha, subindo, finalmente, a marechal do imperio, tendo um ducado, um principado talvez, fazendo parte d'essa brilhante constellação militar que resplendia no céu do imperio. Era estrangeiro? Que importava? Tambem Poniatowski o era, e toda a gente sabia que receberia o bastão no primeiro ensejo favoravel. E o sol apagava-se pouco a pouco no horisonte; as fogueiras dos dois arrayaes principiavam a accender-se, como almenaras, nos cabeços do campo de batalha, os vapores da tarde exhalavam-se lentamente do Danubio, e o arvoredado que cobria a vasta ilha de Lobau tomava não sei que aspecto mysterioso de floresta druidica.

Raphael afastou-se lentamente, atravessando a aldeia deserta. De repente ouviu uma toada de vo-

zes portuguezas, e viu scintillar por entre as arvores o clarão de uma labareda. Aproximou-se sem que o presentissem, e divisou um grupo de soldados de infantaria da legião sentados sobre a relva, á roda de uma fogueira. Pareciam todos tristes, e um d'elles, com uma guitarra que achára meio de trazer juntamente com os petrechos militares, fazia-lhe vibrar as cordas n'um d'esses harpejos monotonos e melancolicos, que são o encanto do nosso povo, perfume de melodia todo impregnado nas fragrancias da terra natal.

Raphael sentiu um doloroso aperto de coração. Vacillou, e cairia se não se encostasse a uma arvore. «Patria, patria querida!» dizia esse murmurio plangente e queixoso da guitarra. Os soldados ouviam silenciosos, e pelas faces bronzeadas de alguns d'elles corriam as lagrimas em fio.

—A estas horas, disse um, é lá na minha terra o largar do trabalho. A minha velha mãe resa por mim á Virgem, e deita azeite na lamparina que arde sempre diante da imagem sagrada.

—E a minha Joanna, exclamou o guitarrista, a minha querida noiva, volta da fonte com o cantaro á cabeça, cantando talvez a meia voz, e pensando em mim. Parece que a estou a ver com as faces rosadas e os olhos negros. Ai! noiva da minha alma!

E, acompanhando-se com a guitarra, cantou com a voz cheia de lagrimas:

A ausencia tem uma filha
que tem por nome «saudade»;
eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

Oh! Raphael não pôde resistir! Um soluço pungitivo rasgou-lhe o peito, e o pobre tenente fugiu apertando a cabeça com as mãos.

As estrellas scintillavam no desmaiado azul do céu: os vapores da tarde fluctuavam sobre o Danubio; as fogueiras dos arrayaes lampejavam pallidas entre a bruma; a guitarra melancolica vibrava nas mãos trémulas do noivo saudoso.

Subito, no campanario da aldeia deserta resoou, grave e triste, a primeira badalada das Ave-Marias,

Jesus! Que mão ignota accordava o bronze adormecido? Ninguem estava na aldeia, e a voz do sino vibrava na solidão!

Raphael parou.

A segunda badalada gemeu no campanario.

As sombras do crepusculo desciam mais e mais sobre os campos; os vapores do rio tomavam phantasticas fôrmas.

Terceira vez vibrou o sino mysterioso.

Então um vulto vago e diaphano se formou lentamente diante dos olhos de Raphael; o vapor tomou consistencia, as roupas alvas e aéreas desenharam fôrmas airozas; um rosto bem conhecido, triste e pallido, se estampou no espaço. Raphael viu Maria diante de si.

— No dia em que se quebrar a corrente do nosso amor, murmurou a sombra sem que os labios se movessem, lavrou-se a minha sentença de morte. Mataste-me, Raphael.

A vaga fôrma desfez-se lentamente como surgira, dissipou-se a visão, e ouviu-se um suspiro longo e flebil, que expirou na solidão do bosque.

Raphael estivera immovel, com a fronte banhada de suor. Depois soltou um grito de desespero immenso, e fugiu como um doido na direcção do *bivac*.

A noite caira de todo; as estrellas brilhavam no céu, e a guitarra gemia, gemia ao longe, soltando ao vento nocturno a sua toada nacional.

XV

NO CAMPO DA HONRA

Não descreveremos a batalha de Wagram; já talvez de mais nos enlevássemos, arrastados pelo assumpto, n'estes quadros militares. Mas no desenlace d'essa immensa tragedia procuraremos apenas a ultima scena do nosso dramasiinho modesto.

O sol, rompendo no dia 6 de julho, illuminou um d'estes quadros sublimes que ficam para sempre gravados na memoria dos que os contemplam. N'uma extensão de mais de tres leguas desenrolavam-se trezentos mil homens promptos a virem ás mãos. O Danubio corria scintillante á esquerda do exercito francez. Ao longe, no fundo, divisava-se o perfil magestoso de Vienna, banhada de luz. Nos seus telhados e terraços agglomerava-se innumero povo, que vinha assistir de longe a esse prélio gigante onde se iam decidir os destinos de dois imperios.

À direita da linha sinuosa do exercito francez scintillavam as bayonetas das intrepidas divisões do marechal Davoust; logo em seguida, mas um pouco á retaguarda, o corpo de exercito do marechal Oudinot, duque de Reggio, esperava, com a arma no braço, a ordem de entrar em linha. Nas suas fileiras via-se a infantaria portugueza, e o primeiro regimento de cavallaria, immovel, debaixo das ordens do seu coronel Ferreira de Aguiar, preparava-se para alguma carga brilhante. Na retaguarda de um dos esquadrões, Raphael, sombrio e como que estranho ao que se passava em torno d'elle, parecia a estatua de um antigo cavalleiro. No centro o exercito de Italia, recémchegado, e commandado por Macdonald, anciava por se mostrar digno das épicas façanhas dos seus camaradas; logo depois desenrolavam-se as phalanges de Bernadotte, e na extrema esquerda, Massena, que dera uma quêda do cavallo dias antes, commandava as suas divisões dentro de um caleche.

Rompen a batalha, e os austriacos mostraram-se nos primeiros lances decididos a jogarem uma partida desesperada. A sua esquerda fez trepidar um instante o intrepido Davoust. A reserva de granadeiros e couraceiros, carregando Bernadotte, leva-o á retaguarda completamente derrotado; Massena vê-se quasi torneado pelas legiões inimigas. Já a direita do príncipe Carlos se apoia no Danubio, já a divisão Boudet, que formava o flanco esquerdo das tropas de Massena e de todo o exercito, recua em desordem, cedendo o terreno. Napoleão, que, no meio da sua guarda imperial e do corpo de exercito de Marmont, que constituia a reserva, fazia as suas ultimas disposições, corre á esquerda, por entre uma chuva de balas que parecem respeitá-lo.

«Firmes, diz elle, firmes uma hora só, e está a batalha ganha.» No meio do desalento que de todos se apossára, o olhar brilhante de Bonaparte, a sua serenidade, a sua confiança, tudo restabelecem. Aos gritos de «Viva o imperador», as suas divisões, dirigidas pelo intrépido Massena, tomam raiz nas posições em que se acham. Ao mesmo tempo Napoleão, correndo ao centro, ordena uma d'aquellas manobras sempre decisivas e sempre novas em que era tão fecundo o seu admiravel engenho. Reune todas as bocas de fogo disponiveis, forma-as n'uma immensa bateria de cem peças, e arroja-a contra o centro inimigo. Treme a terra com o peso enorme d'esta massa de canhões, os echos repetem espavoridos este estampido immenso, a chamma d'este volcão artificial illumina com sinistra luz, que sulca as densas nuvens de fumo, o campo de batalha. As divisões austriacas de granadeiros e couraceiros são demolidas como as muralhas de uma fortaleza, e pela brecha larguissima penetra, formado em columna cerrada, o exercito de Italia, que Macdonald dirige. Então a derrota é completa, essas brilhantes divisões dispersam-se completamente, e o principe Carlos vê, com lagrimas de raiva, desfazerem-se-lhe nas mãos os instrumentos da sua sonhada victoria.

Entretanto, á esquerda tambem os austriacos pareciam primeiro triumphar. Rosenberg e Hohenzollern multiplicam os assaltos contra o inabalavel Davoust, e algumas vantagens conseguem, mas então entra em linha o corpo de exercito de Oudinot. Lá vae a legião portugueza, grave e intrepida, mostrar o que valem ainda, quando os anima um sentimento nobre, os descendentes dos soldados de Albuquerque! Esse sentimento é o da gloria portugueza, da honra do nome de Portugal, que devem levantar

bem alto n'esses jogos olympicos onde combatem representantes de tantas nações! Briosamente o sustentam, e merecerão que o imperador d'elles diga depois da campanha: «Não ha na Europa melhores soldados!»

Entretanto, o regimento de cavallaria ficava ainda em reserva e immovel debaixo do fogo inimigo. Mas as balas austriacas parecem respeitar Raphael, chovem em torno d'elle e nenhuma lhe toca. Porém n'esse momento uma divisão do corpo de Hohenzollern ameaça sériamente o flanco de uma divisão franceza. Oudinot, tendo á mão esse regimento de cavallaria, envia-lhe a ordem de carregar.

Um relampago de jubilo illumina o rosto sombrio de Raphael. Vae em fim encontrar a morte por que tanto aneia. Não desembainha a espada; os sonhos de gloria já não tem poder sobre elle, mas em compensação enterra as esporas no cavallo, e n'um instante se acha na vanguarda dos esquadões. Os ligeiros cavallos não correm, vôam; os regimentos austriacos, lentos como verdadeiros allemães, nem tempo tem de se formar em quadrado. A cavallaria portugueza surprehende-os na marcha, destroça-os, debanda-os. Raphael penetra no mais accesso do combate com uma especie de raiva febril, mas ha n'elle um feitiço que o protege; as balas envolvem-n'o sem o tocarem. Quasi que suspeita que deve provocar a morte, leva a mão ao punho da espada, mas logo a deixa cair com desalento. Um sorriso amargo lhe contrae os labios.

—O que é a gloria guerreira, murmura elle repetindo as palavras de Maria, desacompanhada das circumstancias que a justificam? Estes homens que estão na minha frente não são os inimigos da minha patria.

Entretanto uma bateria austriaca vareja a cavallaria portugueza, e obriga-a a recuar. Só Raphael não recua; enterra as esporas no peito do cavallo e galopa direito á boca das peças. Os seus camaradas contemplam estupefactos este acto de loucura, quando vêem de subito desaparecer cavallo e cavalleiro n'uma verdadeira procella de metralha.

— Emfim! bradára elle caindo fulminado.

E o pensamento concluiu, porque os labios se recusaram a pronunciar palavras:

— Estás vingada, Maria!

.....
.....
Na vespera, 5 de julho, quando batia no sino da igreja de Carnide a ultima badalada das Trindades, expirava D. Maria de Menezes, soltando n'uma golphada de sangue uma palavra só:

— Raphael!

E n'essa mesma hora a sua pallida figura apparecia, vaga e diaphana, diante dos olhos do tenente nas margens do Danubio.

XVI

UM EPISODIO DA CAMPANHA DO MEXICO ¹

Todos conhecemos os ultimos acontecimentos do Mexico, acontecimentos, que transformaram a anarchica republica americana, graças á intervenção franceza, n'um imperio que por ora apenas se esteia nas bayonetas dos zuavos, mas que, para o futuro, se não commetter grandes erros, se desenvolver o espirito nacional, se entrar no caminho dos progressos materiaes, poderá conquistar mais seguras garantias de solidez ². Sabemos dos insultos selvagens e anti-politicos a que estiveram sujeitos os estrangeiros, da insistencia do governo mexicano em responder com orgulho ás reclamações das potencias occidentaes, da intervenção motivada por esse

¹ Era esta narrativa a que eu escrevera no Porto, para a enviar ao meu velho amigo, o major Napoleão.

² Isto era escripto em 1866.

inqualificavel procedimento, e, finalmente, do celebre convenio da Soledad, que isolando a politica franceza da politica ingleza e da hespanhola, deixou a divisão imperial em campo contra as forças todas da republica.

A questão da honra da bandeira arrastou a França talvez muito para além do ponto a que tencionára chegar. As aguias victoriosas de Alma, e de Solferino sustaram o vôo audacioso perante as muralhas de Puebla. O general Lorencez teve de recuar diante do indisciplinado exercito americano-hespanhol. A noticia d'este desastre militar deu rebates em França ao brio nacional. A memoria da antiga expedição de S. Domingos, em que a febre amarella, e as balas dos atiradores negros dizimaram os intrepidos soldados, que tinham atravessado incolumes os paúes d'Arcola, os areiaes do Egypto, as selvas de bayonetas austriacas de Hohenlinden, e as escarpas dos Alpes varejadas pelas carabinas dos caçadores tyrolezes, a memoria d'essa expedição infeliz, em vez de afrouxar o desejo de vingança, ainda mais o excitou. O novo grande exercito estava ancioso por demonstrar ao mundo que as vastas planicies da America não eram simplesmente o cemiterio dos vencedores da Europa, e que não perseguia uma fatalidade especial as armas francezas nas regiões tropicaes. Tratava-se de vingar a um tempo o ataque infeliz de Puebla, e a exterminação do exercito do general Leclerc. As aguias da Gallia tinham que ajustar contas antigas e modernas com os condores americanos.

Um exercito de trinta mil homens, commandado pelo general Forey, um dos heroes da Criméa, e o vencedor de Montebello, saiu dos portos francezes a bordo de uma esquadra, e singrou para o mar

das Antilhas. Desembarcou em Vera-Cruz, e, depois de uma especie de marcha triumphal, em que o exercito mexicano se dissipou, ainda mais depressa que o fumo dos canhões francezes, o general Forey chegou diante de Puebla.

Foi então que principiou a verdadeira guerra.

Não comportam nem a indole nem as dimensões da ligeira narrativa, a que este capitulo serve de prologo, uma discussão politica sobre o direito da intervenção, e o character justo ou odioso de uma guerra, emprehendida para tirar vingança de uma offensa real, e que, principiando debaixo de tão justiceiros auspicios, foi continuada por um capricho de pundonor militar, e levada a ponto de assumir o character de conquista, violando os direitos das nacionalidades e impondo, a um paiz livre, um governo, melhor ou peor do que o antigo, mas irrogado á humilhação dos vencidos pela pressão dos vencedores. Considerando a guerra apenas debaixo do seu ponto de vista militar, confessaremos que é esta campanha uma das mais gloriosas para o exercito francez. Reuniam-se contra elle dois elementos, cada um dos quaes bastara, nas eras brilhantes do consulado e do imperio, para obrigar a fortuna a atraiçoar a bandeira tricolor tão sua predilecta em todos os campos de batalha. Por um lado a influencia devastadora do clima tropical que prostrára os valentes do Egypto, do Rheno e de Italia, nas planuras do Haiti. Por outro lado a sublevação dos povos de raça iberica, o seu systema de guerra original e mortifero, que sepultára nos serros da Hespanha e de Portugal os heroes d'Austerlitz e de Friedland. Isolados, estes dois elementos haviam saído victoriosos da lucta. O que não fariam reunidos?

Por isso dizemos: A guerra só principiou, verda-

deiramente, quando o general Forey chegou diante de Puebla. Em batalha campal era irrisoria a lucta. Uma carga a de bayoneta dos zuavos dispersava os soldados mexicanos, como as hostes de Sault e de Suchet affugentavam as tropas hespanholas. Mas na defeza das praças contava Puebla uma ou antes duas ascendentes heroicas, Saragoça, e Numancia. Lannes e Scipião haviam estacado perante as muralhas das duas cidades. Forey parou tambem diante de Puebla.

Esta cidade recebeu com justiça a denominação de nova Saragoça. Para em tudo ser notavel a coincidencia, dava-se o caso de se ter o general sitiador distinguido no mesmo campo de batalha. O titulo de duque de Montebello recompensára as façanhas praticadas por Lannes n'esse ponto em 1808. Em 1859 ganhava Forey uma batalha em Montebello contra os filhinhos dos austriacos derrotados pelo heroico subalterno de Bonaparte. Ambos se encontravam, cara a cara, com inimigos da mesma raça, eguaes em denodo, e em situação identica. Ortega não envergonhou Palafox. A nova Saragoça só faltou um Byron para lhe cantar a gloria. O que prova mais uma vez que são mais raros os Homeros do que os Achilles.

Mas o systema de defeza da raça hespanhola não estaria completo se faltassem as guerrilhas. Não faltaram effectivamente. Em quanto o general Forey abria as parallelas diante de Puebla, iam-lhe sendo cortadas as communicações com a beira-mar pelos ataques audaciosos dos guerrilheiros, que salteavam os comboyos do exercito. Os desastres da guerra de Hespanha ameaçavam renovar-se. O exercito francez, internado no Mexico, via-se em imminente risco de se transformar de sitiador em sitiado, ou

de imitar a retirada de Massena, depois dos seus infructiferos ataques ás linhas de Torres Vedras. Mas essas terriveis lições sel-o-iam duplamente, se não tivessem aproveitado aos vencidos. Além d'isso, as guerras de Alger, guerras tambem de emboscada e ardis, haviam dado aos soldados e generaes de Napoleão III a experiencia, que faltava aos veteranos do primeiro imperador. O general Forey poz logo o dedo no unico meio de defeza, de que podia lançar mão. Combateu os mexicanos com as suas proprias armas; á entrada em campo dos guerrilhas respondeu com a organização dos contra-guerrilhas.

Este corpo, que tantos serviços prestou á occupação franceza e ao imperio de Maximiliano, apresentou, nos primeiros tempos da sua criação, o mais extravagante aspecto, que é possivel imaginar-se. Confusa miscellanea de trajos, de idiomas e de physionomias, parecia indicar que os obreiros da torre de Babel haviam desembarcado em Vera-Cruz para auxiliarem o novo imperio, que tambem tinha a sua feição variegada, porque apresentava a anomalia de ser a reconstrucção do throno dos Aztéques emprehendida por um imperador francez, em proveito de um archiduque allemão, eleito por colonos hespanhoes!

Expliquemos esta confusão.

Quando os francezes, de posse de Alger, se vi-ram obrigados a travar com os arabes e os kabilas uma guerra de montanhas, perceberam logo a necessidade de organisarem corpos ligeiros, e, se fosse possivel, de indigenas, que, por conhecerem bem as disposições do terreno, podiam ser oppos-tos com fructo a esses intangiveis inimigos, que appareciam e desappareciam com a rapidez do raio,

mas deixando tambem sempre, como o raio, vestigios da sua passagem.

Foi esse o motivo da creação dos zuavos. Uma tribu arabe, a tribu dos *zaouas*, que se havia ligado aos conquistadores, formou o primitivo nucleo dos regimentos. Depois em torno d'elles foram-se agrupando aventureiros audaciosos, a quem o ministro da guerra, com toda a generosidade, dava um passaporte para Alger, afim de os livrar das importunidades da policia. Já se vê que eram só admittidos os que tinham peccados veniaes, e não os que tinham na sua vida macula que implicasse deshonra, e que por conseguinte deshonorasse a bandeira, que se deve desfraldar illibada ao vento das refregas. Assim estes regimentos eram formados de gente um pouco turbulenta mas decidida, folgazã e audaz, agil sobretudo, porque os membros indigenas estavam habituados aos fragedos do Atlas, e os francezes já em Paris mostravam grande predilecção pelos caminhos extravagantes, onde se não aventura a dignidade da *gendarmerie*, taes como telhados, muros de quintal e outras vias excepcionaes.

Os bons resultados obtidos por esta idéa inspiraram o desejo de a desenvolver; a infantaria dos zuavos perseguia nos mais inaccessiveis pincaros da Kabytia os atiradores arabes, e era necessario não deixar o campo livre a esses terriveis cavalleiros numidas, que foram sempre, desde Jugurtha, o terror dos exercitos europeus. Na defeza as bayonetas dos quadrados francezes bastavam para aparrar o embate d'esse turbilhão de ginetes. Mas a retirada tinham-n'a os assaltantes sempre segura, porque seria necessario que fosse cada soldado da cavallaria franceza um Franconi, para que os po-

desse acompanhar nas penedias que elles galgavam como se cada cavallo tivesse azas nos pés, em vez de ferraduras. Remediu-se a este inconveniente pelo mesmo systema, que se applicára ao outro. Um corpo de cavallaria indigena foi creado com o nome de «spahis».

Esta dupla experiencia ensinou aos francezes o methodo de auxiliarem sempre os movimentos do exercito regular com estas tropas irregulares, conhecedoras do terreno, e proprias para atalharem a insurreição dos povos, quando elles tivessem a idéa de entrar em scena. Logo na campanha da Criméa, o marechal Saint-Arnaud, pensando nos damnos, que as nuvens dos cossacos lhe podiam causar, ordenou a organização dos *bachi-bozouks*, especie de cossacos turcos, encarregados de livrarem o exercito alliado das importunidades da selvagem milicia moscovita. Foi quasi inutil a organização, porque a invasão da Russia estacou perante as muralhas de Sebastopol, e não tiveram por conseguinte as forças alliadas de atravessar as solitarias *steppes*, dominio incontestado das hordas brutaes do Don, do Dnieper, e do Volga.

Se havia campanha, onde fosse indispensavel o auxilio d'essas tropas irregulares, era de certo a do Mexico. Abi a questão principal era a das guerrilhas, só d'esse lado é que se podia temer um desastre. Mas como obviar a elle? O exercito estava no Mexico n'uma posição completamente excepcional. Não tinha alli como na Turquia um paiz alliado, que lhe dêsse os seus irregulares para os organizar; não tinha como em Alger um nucleo indigena, a França a dois passos para lhe enviar as suas aventurezas recrutadas, tempo largo para as adestrar, e um quartel seguro, onde a organização se podes-

se fazer com toda a commodidade. Alli o paiz era adverso em massa,urgia o tempo, e os francezes não podiam chamar seu nem sequer ao terreno em que se projectava a sombra dos seus regimentos. Havia um unico meio, foi para elle que se appellou. O Mexico é ainda o El-Dorado dos europeus, ou pelos proprios recursos, ou por ser, para assim dizermos, a porta do maravilhoso paraizo da California. Fervilham nas suas cidades os aventureiros de todas as nações, gente resoluta, avida de riquezas, amiga da lucta, doida pelos acasos da vida errante. Foi com esta canalha de heroes que se formaram as contra-guerrilhas.

Imaginam já o que devia ser, especialmente no principio, uma similhante tropa. O allemão taciturno formava ao lado do palreiro francez, do monosyllabico inglez, do expansivo italiano, do phantasiioso hespanhol, do avido suiso. A disciplina conservava-se, graças aos esforços do coronel Dupin e dos seus subalternos, mas a muito custo. Porém o fim preencheu-se; as guerrilhas, se tentavam atacar os comboyos, recebiam, segundo as regras grammaticaes, uma resposta no mesmo caso em que faziam a pergunta. Ás vezes esses eternos inventores de emboscadas caiam nos mesmos laços, que tinham por uso armar, e o general Forey poudé continuar o cerco de Puebla, tomal-a, e marchar sobre a capital. sem receio de ver os seus feridos assassina-dos, as suas bagagens roubadas, os seus comboyos salteados.

Um dos officiaes d'essas contra-guerrilhas, o conde de Kératry, deu na *Revista dos Dois Mundos* de 1 de outubro de 1865 uma noticia circunstanciada das expedições em que tomou parte. Interessantissimo por qualquer lado que se considere, ou como

subsídio para a historia militar da campanha do Mexico, ou como quadro dos costumes barbaros d'essas terras americanas em pleno seculo XIX, abunda esse artigo em anedotas que podem servir de base a romances altamente commoventes, se as deparar a habil penna de um Alexandre Dumas, ou de um Paulo Féval. Não ousamos tanto, que não são para isso as nossas forças, e apenas tentamos esboçar, na leve narrativa que se segue, um caso horroroso sim, mas cuja veracidade é asseverada por um official francez, e confirmada, sendo necessario, pelo testemunho dos seus collegas, que elle invoca, caso que pôde dar aos nossos leitores uma idéa do que eram, ha pouco tempo, e do que provavelmente ainda hoje são os costumes de um paiz, que se apresenta como civilisado.

XVII

PEREZ LORENZO

No dia 3 de maio de 1863, ao cair da tarde, reinava em Medellin, cidade mexicana situada á beira do Rio-Jamapa, extraordinaria agitação. Abriam-se e fechavam-se portas, descerravam-se janellas, e homens vestidos de modo extravagante, ainda que pittoresco, davam-se pressa em correr para o sitio, onde resoavam as notas vibrantes de uma corneta, que tocava a assembléa. Estes homens, cuja physionomia devastada indicava a maior parte das vezes uma existencia excepcional, levavam *revolvers* mettidos no cinto, e punham ao hombro a carabina moderna. Comtudo o seu armamento era tão caprichoso como o seu traje, o que dava azo a que alguns d'elles apresentassem um aspecto de verdadeiros arsenaes d'antigualhas, e que, desde a frecha dos Azteques até á carabina raiada de Minié, não hou-

vesse arma que não tivesse a sua representante n'este pouco veneravel congresso. Com estes homens cruzavam-se, trocando algumas palavras ou alguns gestos amigaveis, outros que mostravam, pelo uniforme, pertencer ao corpo de infantaria da marinha franceza. Os mexicanos pacatos assomavam ás janelas para espreitarem curiosos este bulicio, e, com uma das mãos no fecho e a outra na tranca, preparavam-se para as cerrarem immediatamente, assim que os ares se mostrassem turvos. Depois, quando acabavam de passar esses magotes de gente armada, tudo se trancava de novo, e as ruas desertas caíam n'um profundo silencio.

Pois não era porque a tarde não estivesse linda, e porque as laranjeiras, as baunilhas, e as pimenteiros, que rodeiam a formosa cidade com perfumado cinto, não exhalassem as suas fragancias mais suaves. Mas Medellin, a cidade das festas e dos bailes, a voluptuosa creoula, que se recosta á beira do rio, refrescando-se com o leque das suas palmeiras, e balouçando-se na sua rede de lianas a dois passos de Vera-Cruz, havia tres dias que vergava a um pungentissimo receio. As guerrilhas mexicanas, animadas pela impunidade, já se não contentavam apenas em esperar os viandantes nas estradas, vinham até ás portas da cidade, e, aproveitando a espessa verdura, e as floridas moitas que cercam Medellin, emboscavam-se n'ellas e varejavam as ruas com um diluvio de balas, que affugentava os tranquillos burgoezes, e obrigava a guarnição a fazer uma sortida quasi sempre infructifera, porque, se bem que as guerrilhas retiravam, retiravam sem perderem um homem só, e voltavam d'ahi a pouco a repetir as mesmas façanhas.

A guarnição de Medellin compunha-se de contra-

guerrilhas, de uma companhia de infantaria de marinha, e d'uns vinte d'esses soldados mexicanos, affectos aos francezes, e commandados por Llorente. Todos estes bravos mordiam-se de raivosos ao verem a impudencia dos guerrilhas, mas tinham de se contentar com essas demonstrações de colera, porque o chefe dos assaltantes soubera por tal fórma dissimular o sitio do seu covil, que, por mais diligencias que se fizessem, não era possivel atinar-lhe com os rastos.

Comtudo n'esse dia decidira o coronel Dupin, que, dêsse por onde dêsse, a contra-guerrilha havia de tomar a offensiva, e bater matto até descobrir a caça, embora ficassem estirados na espessura das florestas virgens os caçadores desde o primeiro até ao ultimo. Mais valia isso do que supportar-se por mais tempo que uns miseraveis salteadores estampassem tão feia macula na bandeira tricolor, vindo todos os dias insultar impunemente a cidade protegida pelas azas possantes das aguias imperiaes.

Por isso reinava tanta agitação na graciosa cidade mexicana, e os seus habitantes, em vez de tomarem indolentemente o fresco da tarde tão apreciavel n'essas *tierras calientes*, cuja temperatura é sempre abrasadora, em vez de respirarem com *morbidezza* os calidos perfumes, que a brisa dos laranjaes sacudia da tunica impalpavel, seguiam com avides os movimentos da guarnição.

Ao pé da casa do coronel Dupin era maior o reboliço. Os officiaes francezes passeavam dando o braço uns aos outros, mirando com olhos galanteadores o rosto moreno de algumas gentis mexicanas, cujas negras pupillas lampejavam por traz dos vidros da janella, ou relanceando-os com tristeza para o Oriente, cujo extremo horisonte, já entenebrecido

pelas primeiras sombras do crepusculo, lhes escondia a patria, para onde a alma lhes voava nas azas da saudade.

Os turbulentos soldados da contra-guerrilha formavam grupos pittorescos; um inglez, um hespanhol, e um italiano faziam louvaveis, mas baldados esforços para se entenderem, mais adiante a quemada tez e o sombrio olhar de um mulato contrastavam com a candida pelle e o olho azul de um allemão. Este com um chapéo de palha, calça até meia perna, e jaqueta de veludilho safado encostava-se á boca de um bacamarte, aquelle de boné de tocador de realejo, comprido casaco, botas rotas, e correias de côr duvidosa, revistava escrupulosamente a fecharia da sua espingarda. Os soldados de marinha esperavam com as armas ensarilhadas, os contra-guerrilhas de cavallo, tendo passado no braço a redea dos ginetes arreitados a capricho, puxavam baforadas de fumo dos seus *papelitos*, ou accendiam a abrigo do vento os seus magnificos regalias. Era um quadro pittoresco e digno de se observar.

Já o coronel Dupin, uniformisado e prompto, apparecera á janella, e relanceara os olhos para a tropa variegada que tinha debaixo das suas ordens, quando assomou ao fim da rua um vulto embuçado n'uma capa, que se dirigiu rapidamente para a casa, que servia de quartel general.

Era um hespanhol novo e esbelto, cuja traje ficava escondido pela ampla capa castelhana, que punha com garbo. A fina e pallida cabeça, coroada de cabellos negros, e coberta com um chapéo andaluz, poisava-se erecta e firme. A pallidez do rosto, n'esse instante mais que pallido, livido, chegava a assustar, tanto mais quanto lhe dava um grande realce a gola de veludo negro, que contrastava com a pal-

lidez que apontámos. Mettiam medo os olhos, tal era a sua atonia. Não tinham nem uma lagrima: parecia que o sopro queimador de uma procella lh'as bebera uma a uma, e lhe exaurira as fontes d'onde ellas manavam. O seu andar parecia d'espectro, rapido mas hirto. Involuntariamente affastavam-se todos d'elle, e davam-lhe campo largo para passar. Gelavam-se as conversações dos grupos ao seu aspecto; e um vago e indefinivel calafrio corria pelas veias dos mais valentes.

— Que vulto de melodrama! disse um official francez reagindo contra a impressão que sentira como todos os outros, e voltando-se para um dos seus camaradas.

— Isto foi comparsa da Gaité, que trouxemos nas bagagens sem darmos por tal, redarguiu o interpellado. Gosta de fazer os ensaios a alguma distancia da scena, e veiu até ao Mexico estudar attitudes.

— Qual historia, homem! Isto é o phantasma de Fernão Cortez, que nos vem fulminar com os seus anathemas por termos poisado o pé sacrilego n'esta catholica terra. Não acha, amigo? continuou em hespanhol, voltando-se para um logista mexicano, que, sentado á porta do seu estabelecimento, picava com toda a gravidade um rolo de tabaco, e embrulhava o classico cigarro.

— Que diz *usted?* perguntou o logista, mettendo a navalha nos dentes para nivellar o tabaco picado, e enrolar a preceito o *papelito*.

— Pergunto se você sabe quem é este sugeito.

— É Perez Lorenzo, tornou o mexicano dobrando as duas pontas do canudinho de papel, e tirando da algibeira a caixa de phosphoros.

— E Perez Lorenzo quem é?

—É o mais rico *hacendero* dos contornos de Medellín e Vera-Cruz, continuou o fleugmatico americano, accendendo um phosphoro, e resguardando-o com a mão do sopro da aragem.

—Bravo, tornou o official. É rico e tem cuidados. Lembra o sapateiro de La Fontaine. Aposto que é celibatario e se enfastia do celibato?

—É casado, acudiu o seu imperturbavel interlocutor puxando uma baforada de fumo, e apagando o phosphoro.

—Com alguma mulher velha e feia como os sete peccados capitaes!

—Com uma menina de dezoito annos, linda como Nossa Senhora de Guadalupe.

—*Peste*, acudiu o francez, que feliz maganão! Sendo assim, porque nos apparece o marido com esta cara de palmo e meio? Será elle ciumento... com motivos justificados?

—Carmen é virtuosa como um anjo, e seu marido adora-a.

Os dois officiaes francezes olharam pasmados um para o outro, depois desataram a rir, e, estendendo os braços em attitudo heroi-comica, entoaram em duetto o chavão de todas as operas:

—*Quel est donc ce mystere?*

Entretanto Perez Lorenzo, depois de trocar algumas palavras com a sentinella, entrou em casa do coronel Dupin.

Passado pouco tempo, veiu ordem para se recolher a tropa a quartéis, estando sempre em armas, e prompta para marchar uma força de trinta cavalheiros e de trinta infantes.

À meia noite foi uma ordenança da parte do coronel Dupin buscar o piquete.

A pequena força reuniu-se, saíu do quartel, atra-

vessou as ruas ermas e escuras de Medellín, e fez alto á porta da casa do coronel Dupin.

O camarada do coronel, empunhando um facho acceso, segurava com a outra mão as redeas de dois cavallos. Junto á hobreira da porta divisava-se o vulto sombrio de Perez Lorenzo. Quando a luz vermelha do archote lhe batia em cheio, tomava o seu rosto um aspecto diabolico. Fluctuava lhe nos labios um sorriso sinistro, e nos olhos relampejavam chammas infernaes.

D'ahi a instantes poz-se a pequena tropa a caminho.

XVIII

A EXPEDIÇÃO NOCTURNA

A noite, primeiro serena e estrellada, foi-se turvando a pouco e pouco. No céu, azul escuro, conglobaram-se as nuvens, e as bafagens, precursoras d'esses terríveis furacões dos tropicos, principiaram a affagar a face dos expedicionarios com o seu halito abrazador. O capitão Viarmont, o mesmo que vimos no capitulo antecedente arrancando, uma a uma, dos labios do fleugmatico mexicano, respostas que lhe satisfizessem a curiosidade, marchava na testa da columna. Ao seu lado ia Perez Lorenzo, empunhando nas mãos o facho, que allumiava a estrada. O coronel Dupin marchava na retaguarda.

O capitão Viarmont era um rapaz de vinte e quatro annos, que saira das escolas com vinte annos, e as dragonas de alferes, fôra logo reunir-se ao exercito de Italia, encontrára as dragonas de tenente

nas alturas de Solferino, e viera depois procurar ao Mexico as dragonas de capitão. Jovial, galanteador, aventureiro, desejára servir na contra-guerrilha, cujos movimentos quadravam mais á sua indole do que as pausadas manobras do exercito regular. Palrador por natureza, não podia suppor que houvesse no mundo alguém que pudesse estar calado dez minutos a fio. Comtudo o aspecto sombrio de Perez Lorenzo involuntariamente gelára-lhe a palavra nos labios, e represára-lhe a torrente da elocução. Mas a columna tinha já um quarto de hora de marcha, e Viarmont, depois de ter assobiado todas as arias do seu repertorio, começava sériamente a enfastiar-se. Tirou da algibeira o *porte-cigares*, e, antes de escolher um havano, offereceu charutos ao seu silencioso companheiro.

Viarmont procurára na sua memoria a mais graciosa phrase castelhana, de que pudesse dispor, para formular o seu offercimento. Apesar d'isso Perez Lorenzo respondeu apenas com um gesto cortez de recusa.

O capitão soltou um suspiro de enfado, tirou um havano, e, chegando-o ao lume do archote, accendeu-o, e expelliu uma baforada de fumo azulado, que se foi esconder entre a copa das arvores.

— Não fuma? insistiu o official francez, ainda não descorçoado de todo.

— Agora não fumo, respondeu Perez Lorenzo.

— Ah! mas costuma fumar, acudiu logo Viarmont, ufano por ter obtido uma resposta em tres palavras e seis syllabas, e desejando não perder a occasião, — o contrario espantar-me-ia muito, porque n'este paiz um homem, que não fuma, é uma anomalia, uma excepção monstruosa, um phenomeno que os naturalistas logo estudam e classificam. Um homem!

que digo? Um ente qualquer, que tenha vida e lábios. Fumam as mulheres, fumam as crianças, e parece-me que os recém-nascidos, antes de beberem o leite maternal, accendem o *papelito*. Ah! e é um ottimo costume. Nada conheço melhor do que o charuto para alliviar magoas, desterrar saudades, e transportar no azulado regaço do seu fumo os nossos devaneios para o céu a que elles aspiram. Houve poetas que cantaram o café e o chocolate; ainda não houve um só que se lembrasse de entoar os louvores do charuto! Ingratidão tremenda que eu, se fosse poeta, havia de remediar. Não; engano-me; se fosse poeta, cantava antes a cigarrilha, a cigarrilha que vi, logo que desembarquei em Vera-Cruz, apertada pelos mais formosos e vermelhos lábios, que jámais produziu a terra dos amores e das romanzeiras. Dizem-me que a sua esposa é uma gentil senhora, meu caro amigo; ia apostar em como adora a cigarrilha.

Ao ouvir a palavra — esposa — Perez Lorenzo parou, como se uma dôr aguda o houvesse traspasado. Scintillou-lhe nos olhos um relampago de raiva, e a mão convulsa apertou a coronha da caçadeira, com embutidos de prata, que levava ao hombro. Depois, como por um esforço violento da vontade, reassumiu o seu aspecto impassivel, e disse fria, mas cortezmente:

— Desculpe-me, senhor, o eu não sustentar uma palestra, que n'outra qualquer occasião me seria muito agradavel; motivos poderosos absorvem o meu espirito n'uma preocupação dolorosa.

E, comprimentando o joven official, desviou-se d'elle e passou para o outro lado da estrada.

O capitão Viarmont ficou estupefacto.

— Diabos levem o mexicano! murmurou morden-

do raivoso a ponta do charuto que tinha na boca, se elle não fosse o nosso guia, pedia-lhe uma satisfação. Mas fica descansado que não perdes por esperar.

A atmospheria ia-se tornando cada vez mais pesada, e o grito do jaguar, o uivo do chacal resoavam no meio do silencio agoireiro da floresta. Afinal o furacão irrompeu no espaço, arrastando no redemoinho folhas e ramos de arvores. A columna parou, sem receber para isso ordem, mas como se uma só vontade animasse todos os soldados. Comtudo, por entre o espantoso rugir da tempestade, ouvia-se vagamente a voz do coronel Dupin: «*En avant! En avant!*» Os officiaes repetiram a voz de commando, e a pequena columna tornou-se a pôr em marcha atravez de innumeradas difficuldades.

Para cumulo de desventuras, principiavam os contra-guerrilhas n'esse momento a subir uma ladeira escarpada, verdadeiro caminho de cabras, onde a cavallaria teve de se apeiar e de levar á mão os cavallos, que, assustados com o vento, cegos com os relampagos, que fusilavam por todos os lados, e pareciam envolver o horisonte n'um cinto de fogo, recusavam galgar a ladeira. Os soldados afferravam-se a tudo o que se lhes deparava, para assim facilitarem a subida, mas as plantas espinhosas, que orlavam a estrada, rasgavam-lhes as mãos e ensanguentavam-n'as. Todos procuravam mais ou menos resguardar-se com as capas, e praguejavam, blasphemavam contra os guerrilhas, e contra o clima do Mexico. Só Perez Lorenzo, tranquillo e silencioso, caminhava como se possuísse um talisman que o resguardasse da furia do vendaval. Da capa servia-se unicamente para abrigar o facho, cuja chamma ondeava, louca pelas excitações do vento, e amea-

cava a cada instante extinguir-se. De vez em quando Perez Lorenzo agitava o archote no ar, derramando por essa fôrma um jorro de vívissima luz na estrada, e semeando ao mesmo tempo em torno de si uma nuvem de centelhas, que parecia uma constellação fluctuando na nossa atmospherá.

Visto assim ao fulgor avermelhado d'essa luz vacillante, ou ao clarão sinistro dos relampagos, o vulto d'esse homem, activo e tranquillo, assumia um aspecto verdadeiramente maravilhoso. Um bretão e dois hespanhoes, que faziam parte da columna, decidiram no intimo da sua consciencia que o mexicano não podia ser senão o demonio em pessoa, e agoiraram por esse motivo um triste fim á expedição.

Um dos hespanhoes chegou até a projectar livrar-se a si e aos seus companheiros da presença do inimigo do genero humano. Approximou-se d'elle o mais que pôde, e berrou-lhe quasi ao ouvido: «Jesus!» Coisa notavel! Perez Lorenzo não estoitou, nem sequer largou cheiro a enxofre!

Á trovoadá e ao vento succedeu a chuva, um verdadeiro diluvio. Torrentes de agua desabaram em cima dos pobres expedicionarios, e apagaram ao mesmo tempo o facho de Perez Lorenzo. Ficou tudo immerso na mais profunda escuridão.

—Bom foi isto, murmurou Perez Lorenzo para junto do qual se chegára o coronel Dupin. Todas as precauções são poucas; a luz do archote podia denunciar-nos.

—Então estamos proximos do covil? perguntou o coronel.

—Ouve aqui do nosso lado direito o estrondo de uma torrente? É a voz do arroio de Canas, que vae engrossado com as chuvas. As choupanas, onde elles se reuniram, ficam a dois passos.

Ouvindo isto, o coronel Dupin mandou fazer alto á columna, para reformar as fileiras. Depois, sempre com voz mansissima, ordenou á infantaria que avançasse de modo, que envolvesse as choças. Deu o commando d'essa força ao capitão Viarmont. Elle, com os trinta cavallos, ia formar um cordão concentrico ao da infantaria para impedir a fuga dos guerrilhas, e perseguir os que podessem escapar-se.

A infantaria avançou sem fazer o mais leve ruido. Tudo era silencio nas choupanas; não havia nem uma luz lá dentro, nem uma sentinella cá fóra. Perez Lorenzo dava signaes visiveis de inquietação.

Afinal, á voz do capitão Viarmont, os soldados, que tinham envolvido os *ranchos*, precipitaram-se sobre as casas, e entraram, arrombando portas e janellas com simples coronhadas. Ia na frente Perez Lorenzo.

O desapontamento foi igual ao impeto. As choupanas estavam ermas.

—Inferno! exclamou Perez Lorenzo, os malditos fugiram.

E correu como louco, por todos os recantos, batendo com a coronha da caçadeira nas paredes e nos moveis, esperando encontrar algum dos bandidos. Os contra-guerrilhas olhavam para elle com certa desconfiança. Lorenzo de coisa nenhuma dava fé. Com as faces affogueadas, corria como um tigre em torno da jaula, arrombando moveis, despedaçando fechaduras. Affigurou-se-lhe suspeito um enxergão, cuja palha parecia que fóra revolvida de fresco. De um pulo saltou para cima d'elle, e ia a despejal-o, quando um homem, que lá estava escondido, se ergueu de subito agitando um punhal, que lhe cravava de certo no peito, se o capitão Viarmont, a quem esse enxergão tambem causára suspeitas, e

que se fôra, devagarinho, chegando para lá, não aparasse o golpe, decepando ao mesmo tempo a mão do bandido.

— Obrigado, exclamou Perez Lorenzo estendendo a mão ao official francez, se houvesse realisado já o meu desejo, não lhe agradecia o serviço. Assim agradeço-lh'o do fundo da alma. Preciso viver até me vingar.

Os soldados lançaram a mão ao bandido, que se debatia furioso. Novas pesquisas fizeram descobrir ainda outro, que só pedia a vida, e que se mostrou tão covarde como o primeiro se mostrara audacioso. Não foi possível encontrar mais nenhum.

O bando dos condores deixára apenas nas mãos do caçador aquelles dois *trainards*. É verdade que eram ambos captivos de bastante importancia, porque um d'elles era Juan Lopez, cunhado de Juan Pablo, o outro Omata, primo do mesmo chefe de guerrilhas.

N'este momento entrava na choupana o coronel Dupin.

— Fugiram os milhafres? perguntou elle relanceando para Perez Lorenzo um olhar suspeito.

— Fugiram! exclamou Perez Lorenzo com um modo sombrio, mas a aguia não lhes perdeu os rastros; não conservam os ares o sulco das azas. mas a terra denuncia o vôo rasteiro dos passaros covardes.

— Responde pelo cumprimento da sua promessa? tornou o coronel.

— Respondo, respondeu Perez Lorenzo, lembre-se o coronel de cumprir a sua.

— A minha? atalhou Dupin tentando recordar-se.

Perez Lorenzo não fez mais do que apontar para os dois prisioneiros.

—Olá! disse o coronel, que ainda não reparára n'elles, sempre ficaram alguns nas rêdes. Entendo, continuou, voltando-se para o mexicano, estes dois homens pertencem-lhe, mas primeiro consinta que os oiçámos cantar.

—*Si leur ramage ressemble à leur plumage*, murmurou o incorrigível Viarmont, *ils seront les phénix des hôtes de ce bois*.

A citação de La Fontaine fez brotar um sorriso nos lábios do coronel, que se voltou para o seu subalterno, dizendo:

—Se elles nos derem as informações de que precisamos, ser-nos-ha mais agradável a sua voz do que o proprio canto do gracioso colibri. Parece-me, meu caro capitão, que a boa da raposa, ao saborear o queijo, achou dulcissimo o grasnar do corvo.

—É escusado, interrompeu Perez Lorenzo; conheço-os a ambos. Juan Lopez morre, mas não dá palavra; e Juan Pablo não é tão tolo que vá confiar a Omata o segredo dos seus movimentos.

—Tentemos sempre, disse o coronel.

Perez Lorenzo encolheu os hombros, e foi sentar-se a um canto da choupana. Mettia horror, contemplar esse rosto juvenil e formoso, devastado pela tormenta de uma dôr immensa; a sua physionomia tinha a immobilidade do marmore, mas do marmore lascado pelo raio, que lhe deixou vestigios indelévels na lisa superficie.

Como elle o presagiava, foram infructíferas todas as tentativas que os francezes fizeram para obterem dos dois prisioneiros a revelação do caminho que os bandidos haviam seguido. Juan Lopez não descerrou os lábios, senão para dizer: *Caramba!* quando as supplicas e as lamentações do seu companheiro o irritavam em demasia. O coronel, vendo que

não tirava fructo da sua persistencia, voltou-se para Perez Lorenzo, e, indicando-lhe com um gesto que podia fazer dos prisioneiros o que quizesse, saiu com os seus subordinados.

Viarment foi o ultimo a sair. Ainda pôde ver um relampago de satisfação infernal fusilar nos olhos de Perez Lorenzo, ainda o pôde ver levantar-se, e avançar para os dois bandidos com um diabolico sorriso nos labios.

O proprio Juan Lopez estremeceu e descorou, ao ver aquelle vulto sinistro caminhar em direitura a elle.

A necessidade de formar os seus soldados obrigou Viarment a sair, mas a curiosidade actuava poderosamente no seu espirito, e, quando a contra-guerrilha se poz em marcha, Viarment deixou-se ficar á retaguarda para ver o que resultava d'alli.

Primeiro ouviu gritos dolorosos, depois viu abrir-se a porta, e sairem os dois prisioneiros, impellidos pela coronha da caçadeira de Perez Lorenzo. Devermos dizer que os francezes tinham atado com rijas cordas os pulsos dos dois bandidos.

A avaliar pelo movimento dos labios de Juan Lopez, e pelo seu sorriso ironico, o valente guerrilheiro insultava o seu algoz, como os indios selvagens, cujas tradições de bravura impassivel parecia que eram conservadas fielmente por elle, quando os seus inimigos os atavam á estaca do martyrio; Omata chorava como uma creança.

Perez Lorenzo amarrou os dois a uma arvore, voltou á choupana, trouxe uma corda, atou-a com todo o vagar a um ramo, fez a laçada e enforcou Juan Lopez. Em quanto o guerrilheiro estrebuchava nas convulsões da agonia, Perez Lorenzo parecia dirigir-lhe palavras zombeteiras, cujo murmurio

sinistro chegava muito vagamente ao ouvido de Viarmont.

Depois desatou o cadaver, atirou-o com um pontapé para o cerrado do arvoredo, e passou a enforcar o pobre Omata, que desmaiára de pavor. Esse quasi que nem sentiu a morte. Os uivos dos chacaes, que parecia presentirem que se lhes estava preparando um festim, resoavam lugubrememente no fundo da floresta.

— *Mordieu*, exclamou energicamente e n'um tom de colera reprimida uma voz por traz de Perez Lorenzo que mirava com um prazer feroz os dois cadaveres, julgava que se tinha extinguido a raça dos Caraibas. Vejo que me enganei. Se a sua vida não estivesse garantida pela palavra do meu coronel, e por conseguinte debaixo da protecção da bandeira franceza, havia de lhe ensinar a cortezia e a humanidade europeas.

— Capitão, respondeu Perez Lorenzo voltando-se e fitando n'elle um olhar que esfriou o capitão até à medulla dos ossos apesar da sua reconhecida bravura, não avalie o procedimento dos outros, e deixe que Deus pese, na sua divina balança, os nossos merecimentos e as nossas culpas.

E, dizendo isto, affastou-se vagarosamente. A chuva continuava a cair torrentuosa, o trovão ribombava nos ares, e os chacaes uivavam lugubrememente ao fundo da floresta.

XVIII

DOLORES

Passaram-se alguns dias sem que Perez Lorenzo reapparecesse. Andava inquieto com a demora o coronel Dupin, e aos que lhe perguntavam porque motivo se não punha de novo a caminho a valente contra-guerrilha respondia, se era mexicano o perguntador, que, se Annibal se deixara seduzir pelas delicias de Capua que se não podia dizer que fosse um paraíso, não admirava que elle coronel Dupin, sem ser Annibal, se deixasse captivar pelas delicias de Medellin, que era o paraíso do Mexico, do Mexico que era o paraíso do mundo.

Um dia um dos seus interlocutores, mexicano esperto que não via com muito bons olhos a presença dos estrangeiros no seu paiz, observou-lhe, sorrindo-se, que Annibal, antes de adormecer em Capua, vencera em Cannas.

O mexicano era um rapazito dos seus dezoito annos, cuja casa o coronel Dupin frequentava muito, e a quem se affeioára particularmente.

—Deixe estar meu republicanosinho *échappé du collège*, disse o coronel rindo e puxando-lhe amigavelmente uma orelha, deixe estar que, se não tivemos a fortuna de Annibal, tambem não havemos de ter o infortunio d'elle. Diga ao seu amigo Juarez que, se por acaso se está preparando para ganhar a batalha de Zama, póde mudar de idéa.

—Bom! tornou o mexicanosito, rindo-se. Juarez é Scipião. E que papel distribue a Juan Pablo? O de Fabio Maximo?

—Cunctator, pois não! Todos vocês são uns heroes da antiga Roma.

—Odiamos Cesar, coronel, e ainda mais Augusto, retrocou o mexicano com um fogo sombrio no olhar.

—Odeiem, odeiem, tornou Dupin rindo-se do entusiasmo do juvenil republicano, mas diga-me, o papá e a mamã estão hoje resolvidos a darem uma chavena de chá a Varo?

—Quem é Varo?

—Sou eu, homem! Pois recusa-me tambem esse titulo? General infeliz d'Augusto, mais dia menos dia vejo as minhas legiões estiradas por ahi nos plainos mexicanos.

—Olhe que a vontade é boa, tornou rindo o seu interlocutor.

—Mercês, meu joven amigo.

—Mas, enquanto não se realisa o desejo, venha Varo tomar chá, e venha hoje que temos *tertullia*.

—Está dito, respondeu o coronel.

E despediu-se do seu juvenil companheiro.

—Coronel, gritou o moço mexicano depois de

ter dado uns dez passos, traga os chefes das legiões e principalmente o *magister equitum* Viarmont.

— Todos iremos, respondeu o coronel dirigindo-se para sua casa a passos vagarosos afim de saborear a doçura e a placidez da tarde.

N'essa mesma noite em casa de D. Ramon (assim se chamava o mexicano) reunia-se a mais escolhida sociedade de Medellin. D. Ramon era rico e as suas *tertullias* gosavam de merecida fama. Tinha a sua casa um terraço todo plantado de bananeiras, laranjeiras, e pimenteiras, forrado de baunilhas, e perfumado pelas mais opulentas flores dos tropicos, e por esse fructo, que da flor tem o aroma, e que se chama ananaz.

Para esse terraço fugiam os pares muitas vezes, fatigados do redemoinhar das valsas, e os caramancheis e as latadas, se fossem indiscretas, podiam repetir bastantes phrases melodiosas de amor, que haviam sido confiadas á larga folha das bananeiras, ou á alva flor das grinaldas de noivas, que o vento desprendia manso e manso da ramada.

Na noite em que introduzimos o leitor nas salas do opulento mexicano, estava, como dissemos, animadissima a *tertullia*.

Os officiaes francezes, intrepididos valsadores, tinham arraucado as creoulas á sua habitual indolencia. As morenas filhas dos tropicos haviam-se lembrado da sua origem hespanhola, e os seus languidos olhos incendera-os um reflexo do fogo andaluz. A musica derramava na atmospherá da sala a torrente vertiginosa das notas de uma valsa de Strauss. As arvores do terraço, entornavam pelas janellas abertas as suas urnas de perfumes. Tudo dizia amor, e nada recordava as scenas de guerra que se passavam frequentemente n'essas campinas,

que se viam do terraço, e que n'esse instante pareciam adormecidas debaixo do docel de veludo azul do seu esplendido firmamento.

Na sala proxima d'aquella onde se dançava, a mesa do jogo estava mais rodeada, do que todas as rainhas de baile que agitavam garridamente os seus leques no salão. O jogo é a paixão dominante dos mexicanos, ou antes é a febre do paiz, a febre do oiro, *golden fever*, dizem os inglezes. E não era o modesto voltarete que desdobrava gravemente no panno verde as suas vasas disputadas, era o monte, o monte frenetico e vertiginoso, o monte que fazia oscillar de jogador para jogador riquezas que dariam o bem-estar a dez familias.

O oiro escorria em fulgidas torrentes sobre o panno verde da mesa. Os olhos negros, e brilhantes de esperança ou de raiva dos mexicanos seguiam com anciedade o seu curso variavel, que mudava de direcção a cada capricho das cartas.

Entretanto o baile agitava as suas ondas graciosas de mulheres e de flores na sala principal.

Os officiaes francezes, ou mais pobres ou de co-ração mais inflammavel do que os mexicanos, preferiam apertar a delicada cintura das creoulas a assistir, com a fronte aljofrada de suor frio, á fluctuação caprichosa de enormes sommas. Alguns jovens mexicanos viam, com desagrado, a intervenção estrangeira passar dos negocios publicos aos namoros particulares. Ellas... achavam que os francezes valsavam admiravelmente. Pouco se lhes dava dos desastres da patria. Tambem as damas de Paris, depois da capitulação de Fontainebleau, achavam os prussianos *des beaux valseurs*, e depois de Waterloo morriam pelos *favoris blonds* dos officiaes de Wellington.

Vivent nos amis
Nos amis les ennemis!

dizia, em nome d'ellas, Béranger.

E o caso é que assim foi sempre. Não ha patriotismo feminino que resista a uma declaração de amor, nem espiritos de Cornelia que não entontecem com uma valsa. Emquanto a mim, Brites de Almeida nunca mereceu as atenções do mais reles homem de armas do exercito castelhano, e Isabel Fernandes nunca pôde conseguir entrar no harem de Roume-Khan.

Entre todos os valsadores, era o capitão Viarmont o que mais intrepido se mostrava; de todos os galanteadores era elle o mais requebrado. Fazia a côrte á mais formosa senhora do baile, mexicana de tranças opulentas, e olhos de veludo, filha dos donos da casa, irmã d'esse joven republicano que dava generosamente ao capitão Viarmont o titulo da *magister equitum* por elle ter sido nomeado, havia poucos dias, commandante da cavallaria da contra-guerrilha.

Findára uma polka, e a gentil mexicana (Dolores se chamava ella) fôra recostar-se n'um sophá. Ameigava-lhe o fogo do olhar essa morbidez creoula, que invencivelmente se apossa das filhas d'esse paiz do sol; as palpebras semi-cerradas resguardavam-lhe a luz ardente das pupillas. As faces morenas tingiam-se do rubor do cançasso. As linhas flexuosas do corpo revelavam, nas suaves ondulações, a elegancia da hespanhola, e a graciosa indolencia que maior realce lhe dava. Era uma estatua, não uma d'essas estatuas produzidas pelo genio austero de Phidias, revelando a formosura grega em todo o esplendor da sua nobre correcção, mas uma das que o genio hellenico produziu, quando a decaden-

cia principiou, estatuas em que se sente já a lasciva inspiração oriental, em que a languidez do desenho e a molleza das linhas, se dão ao marmore um voluptuoso encanto, roubam-lhe a pureza que immortalisa os grandes modelos.

As tranças negras fluctuavam-lhe em opulentos cachos sobre os hombros nús, que os beijos de fogo do sol haviam coberto de uma leve côr morena. O pésinho impaciente e quasi invisível batia distrahidamente o compasso da polka finda na esteira do salão.

A mãosinha, perfeitamente enluvada, agitava o leque ou antes a ventarola magnífica para cujas penas haviam concorrido as mais esplendidas azas dos passaros americanos.

— Esses instantes de soledade, sr.^a D. Dolores, são um roubo que nos faz a nós todos e especialmente a mim, disse o capitão Viarmont aproximando-se da gentil senhora. Por onde vò o seu pensamento? Oh! quem me dera colhel-o nos ares' com um beijo! Parece-me que lhe prendi as azas. Dá-me licença que lhe diga o que o passarinho me disse?

— Diga, capitão, respondeu languidamente Dolores redobrando de velocidade no menear do leque, diga! quero ver se é adivinho.

— Se sou! Ah! vae o que o passarinho me disse que v. ex.^a lhe confiára: «Acabei de polkar, sinto uma commoção deliciosa, mas que não basta a satisfazer as aspirações insaciáveis da minha alma. Anceia ella por fragancias ignotas, por ignotos esplendores, e as flores, que a minha mão colhe, não teem o perfume que eu desejo, e as noites estrelladas da minha patria não chovem o fulgor que me enleva. Essa flor desconhecida, essa desconhe-

cida estrella não será por acaso o amor?» Aqui está o que v. ex.^a dizia ao passarinho, que enviou depois a correr aventuras por esses ares.

— Guapo adivinho! respondeu Dolores com uma voz melodiosa como o ciclar da brisa nos ramos da palmeira, morria de fome, capitão, se quizesse exercer o officio de feiticeiro. Sabe em que eu pensava? N'uma *seguidilla* andaluza, que me ficou hontem no ouvido. Pensava n'ella, e cantarolava-a em voz baixa.

— Que lhe dizia eu! Sempre acertei! Uma *seguidilla* hespanhola, uma *seguidilla* andaluza! Oh! bem conheço as perfidas! Fallam de mil coisas, da toirada, do *cigarito*, da *navaja*, e só uma coisa dizem — amor! Amor, voluptuosidade, requebros é o que ellas respiram, as maganas com a sua innocente desenvoltura! Sente-se o olhar gaiato da cantora no acompanhamento, no harpejo, n'uma insignificante melodia. Ha nas mais caprichosas variações um echo de castanholas, um doidejar de pésinhos no *bolero*, ha o requebro, ha o amor. São como a serenata do *D. Juan* de Mozart, ácerca da qual o meu compatriota Alfredo de Musset escreveu os seguintes formosissimos versos:

Te souviens-tu, lecteur de cette sérénade
Que Don Juan déguisé chante sous un balcon?
Une mélancolique et piteuse chanson,
Respirant la douleur, l'amour, et la tristesse;
Mais l'accompagnement parle d'un autre ton.

E se as *seguidillas* assim são na fria Europa, como o não serão transportadas para a America? Não ha uma palavra só que a brisa d'estas florestas não impregne em ignotos perfumes, não ha uma só nota, a que as vagas do mar das Antilhas não accrescentem uma languida melodia! Não pensava em

amor? e pensava em *seguidillas* hespanholas, n'uma noite d'estas, com o seio a arfar da agitação da polka, rodeada de musicas e de perfumes, aspirando pelos labios vermelhos todas as desconhecidas sensualidades que expande esta natureza magica, este calido paiz...! Ai, Dona Dolores, olhe que ha um proverbio na sua lingua que diz que é muito perigoso...

— Muito perigoso o que?

— *Jugar com fuego.*

— Jesus! que peccado que eu commetti, segundo vejo, tornou Dolores garridamente, devo dizel-o ao meu confessor?

— Deus nos livre de tal. Confessou-m'o a mim, é quanto basta. Tenho plenos poderes e já lhe imponho a penitencia.

— Que não seja muito severa, capitão.

— Oh! sou indulgentissimo. A *seguidilla*, que tinha no pensamento, e que em voz baixa cantava, ha de a cantar em voz alta.

— Não posso, capitão, tornou Dolores vivamente, não a sei cantar e não conheço o acompanhamento. Ficou-me hontem de a ouvir a uma rapariguita andaluza.

— Eu me encarrego de a acompanhar, tornou o official francez, apanho a melodia nos primeiros compassos, deixo-lhe a gloria toda do triumpho, se o houver, e, se houver *fiasco*, assumo eu só a responsabilidade.

— Veja o que diz, redarguiu a formosa mexicana erguendo-se, e encostando-se ao braço do capitão.

A languidez graciosa dos seus movimentos, a encantadora indolencia com que foi revelando a pouco e pouco a riqueza do seu talho esplendido, o

gesto infantil com que arredou da frente as tranças opulentas do seu negro cabello, o modo como poisou o pêsinho aéreo no sobrado, o *abandono* (vã o gallicismo) com que se encostou ao braço de Viarmont, tudo isto entontecia, inebriava o joven official, que de bom grado sacrificaria a um sorriso de Dolores o bastão de marechal de França, que tinha, como todos os seus camaradas, em perspectiva.

Assim que se annunciou na sala que Dolores ia cantar uma *seguidilla*, interromperam-se todas as conversações, e todos os olhos se viraram para o lado do piano. Os officiaes francezes principalmente fizeram roda, e o proprio coronel Dupin, apesar das graves preocupações que o absorviam e que o obrigavam a cravar de vez em quando os olhos na porta, como se esperasse ver apparecer alguém, aproximou-se do piano, e prestou sorrindo toda a attenção ao canto andaluz.

A voz de Dolores possuia não sei que vivacidade temperada por uma certa indolencia, que dava um tom indefinivelmente voluptuoso às notas que gorgeiava. A harmonia do canto acabou de entontecer Viarmont. O joven official, quando se levantou do piano, estava como ebrio de harmonias, de luz, de perfumes, de formosura e de voluptuosidade.

Os applausos soaram com estrepito de todos os lados da sala, todos os officiaes francezes rodeiaram a juvenil cantora, e entoaram em torno d'ella um hymno suavissimo de lisonjas. Dolores, vermelha de orgulho satisfeito e de confusão tambem, agradecia modestamente os louvores, que lhe prodigalisavam, e anciava por fugir ao seu triumpho.

Viarmont percebeu esse desejo, e aproveitou-se d'elle. Offereceu o braço a Dolores, e propoz-lhe ir

dar um passeio ao terraço para respirar mais desaf-
frontada ao ar livre. A joven mexicana acceitou com
alegria, e ambos, esquivando-se do grupo, saíram
do salão.

MOCHO E ROUXINOL

Brilhava a lua no firmamento d'um azul purissimo. As flores do terraço baloiçavam a sabor da brisa as suas urnas de aromas, e perfumavam a atmospherã com as suas balsamicas exhalacões. As ruas de Medellin estavam desertas, e o fulgor do astro nocturno banhava as fachadas brancas das casas silenciosas.

A hora, o socego, as excitações d'uma vegetação iuxuriante, a molle frescura da atmospherã, tudo convidava a fallar d'amor; as harmonias dulcissimas da natureza pareciam o preludio d'um canto namorado.

Estava o pensamento de Viarmont a cem leguas das pelejas, da gloria, do sangue e do fumo da artilheria. N'esse instante nem poderia dizer se viera ao Mexico erigir o throno do imperador Maximilia-

no, se defender a republica de Juarez. O que sabia era que, republicano ou imperialista, levava encostada ao seu braço tremulo a mais formosa flor dos jardins do sol.

—Dolores, dizia elle em voz tão baixa que parecia um murmurio, sentemo nos aqui. Esqueça por um instante o baile e as suas loucas alegrias, e pense um momento no amor e nas suas ineftaveis felicidades. Veja! a baunilha, vergando ao doce peso do seu corpo, enche-a de inebriante perfume; a lua, resvalando silenciosa no ceu, beija-lhe a face formosissima com os seus raios de prata, e desenha-lhe no rosto a expressão suavissima da mais namorada languidez. A Diana, a fria Diana phantasiada pelos antigos, deixou-se abrasar pelas chammas d'este clima, e sente os ardores de Venus. Não resista só, Dolores, ao doce influxo que impera em tudo que nos rodeia, faz com que gema o colibri tão doces canticos, poisado na corolla das flores...

E mil outras tonterias apaixonadas, que Dolores ouvia enlevada. A mão tremente, correspondia a pouco e pouco ao brando aperto das mãos do joven official; a cabeça reclinava-se para traz, e os olhos diziam já o que ainda não diziam os lábios, em que o joven official ia colher com um primeiro beijo a doce confissão... quando subito ergue-se um vulto deante dos dois, e uma voz grave murmura estas palavras:

—Senhor capitão, preciso de lhe fallar.

O capitão ergueu-se furioso. Dolores deu um grito, e murmurou depois:

—O senhor Perez Lourezo!

—Eu mesmo, minha senhora, respondeu o receivendo gravemente, eu que a v. ex.^a e a este senhor

peço desculpa de lhes ter interrompido a conversação. Mas precisava immenso de poder conversar em particular com qualquer dos senhores officiaes, e, ha meia hora que estou no baile, ainda não pude encontrar-me a sós com nenhum d'elles. Vi-os dirigirem-se para aqui, e aproveitei o ensejo, esperando da descripção da ex.^{ma} sr.^a D. Dolores o maior segredo ácerca d'este encontro.

— De certo, senhor Perez Lorenzo, mas... tornou ella embaraçada.

— Nada tema; versará a nossa conversação sobre pontos de serviço, juro-lh'o. Jura-me tambem v. ex.^a guardar o segredo que lhe pedi?

— Juro

— Queiram pois voltar á sala; aqui espero o senhor capitão Viarmont.

O capitão, dando mostras visiveis de mau humor, deu o braço a Dolores e acompanhou-a até ao sophá. Depois, voltando de sobr'olho franzido, veio ter com Perez Lorenzo e disse-lhe:

— Meu caro, mando-o cordealmente para o inferno. Que me quer? Creia que estava muito longe de pensar na sua pouco sympathica pessoa, e que os sonhos em que me embebia distavam bastante de certas recordações de dependura, que a sua presença me aviva. Não o esperava n'esta casa; sempre julguei que os morcegos tinham medo do clarão do baile.

— Basta de palavras frivolas, e de injurias mais frivolas ainda, tornou Perez Lourenzo com voz grave, a hora é solemne, e impõe nos deveres a todos. Faça calar os seus despeitos de criança namorada, senhor capitão. e lembre-se que é militar, e que é francez. Volte á sala, procure sem affectação o coronel Dupin, diga-lhe que esteve comigo,

que não ha tempo a perder, que mande sair todos os seus officiaes de modo que se não torne reparada a sua saída. Lá os espero no quartel. Prudencia e discripção.

E o mexicano desapareceu. Viarmont fitou um instante os olhos na baunilha junto da qual estivera com Dolores, e soltou um suspiro. Depois entrou na sala, e, dando o braço ao coronel Dupin, passeiando com elle naturalmente, disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

D'ahi a instantes os officiaes francezes iam-se esquivando a um e um com a maior cautella possivel, e dirigiam-se a toda a pressa para o quarto dos contra-guerrilhas.

Absorvidos pela febre do jogo ou das valsas, cuja melodia fascinadora jorrava da orchestra em notas tumultuosas, não repararam os convidados na saída dos officiaes francezes.

Só Dolores mostrou alguma inquietação, mas nada disse, fiel ao seu juramento. Depois a volúvel mexicana, em dois ou tres giros de valsa com um seu joven e elegante compatriota, esqueceu a sua preocupação momentanea, e o homem que a motivára. A nuvem fugio rapida, como as nuvens do seu patrio céu, e nos labios vermelhos fluctuou de novo o sorriso da mocidade e do prazer.

XXI

EMFIM!

Entretanto formava-se silenciosamente a contra-guerrilha á porta do quartel, e desfilava, sem fazer o minimo ruido, pelas ruas de Medellin.

A cavallaria fôra dar uma volta maior, afim de torneiar a casa de D. Ramon, para que não sentissem lá o tropear dos cavallos. Viarmont, que ia no seu posto, passando ao longe, pôde ver o terraço, onde estivera havia um instante bem alheio a pensamentos bellicosos, e pelas janellas illuminadas da sala viu perpassarem as sombras graciosas dos pares, que rodopiavam no trêfego volteiar da valsa. Aquella scena de prazer, de amor, illuminada pelo fulgor vivissimo dos candelabros, contrastava de um modo tão notavel com o silencio da campina, o vento frio que obrigava o capitão Viarmont a conchegar-se nas dobras da sua capa, o aspecto

pouco gracioso dos seus rudes cavalleiros, e a desagradavel perspectiva de um combate nocturno, que o official francez não pôde deixar de exclamar de si para si, torcendo o fino bigodinho, que lhe ensombrava o labio superior:

— Chien de métier!

A infantaria e a cavallaria reuniram-se fóra da cidade. Perez Lorenzo lá ia na frente, isolado e envolvido no seu eterno manto, e respondendo monosyllabicamente ás perguntas dos officiaes francezes.

O céo continuava a desdobrar o seu docel azul sem mancha, onde palpitavam as estrellas. O vento, esvoaçando por entre os palmares e os bananaes da estrada, impregnava-se em calidos perfumes, que sacudia depois das azas sobre os soldados, como que aconselhando-os a que não fossem perturbar com as suas pelepas a tranquillidade inalteravel d'essa risonha natureza.

Viarmon scismava, e não era já o vulto de Dolores o que lhe assomava na phantasia. O pensamento voava-lhe para as terras da patria, para a quinta á beira-mar junto de Bordeus, onde sua velha mãe, com os olhos cravados no Oceano, esperava anciosa ver surgir no horisonte a vela branca ou a columna de fumo, que lhe annunciaria a volta do filho querido. Via-se a si mesmo passeando pelas suas terras, cujas ricas messes estavam sendo ceifadas pelos segadores, e respirando com alegria o perfume da terra natal, deliciando-se com as bucolicas delicias d'essa campestre scena, fruindo os gosos da paz e da familia, e, vendo-se agora sósinho em terra estranha, devastando, por sinistro dever, o solo a que outros se prendiam com o mes-

mo affecto com que elle se afferrava ao solo da Guyenna, perturbando a tranquillidade que outros gosavam aqui como elle a gosava além, não podia deixar, apesar da sua bravura, de pensar nas tristezas da guerra, e no absurdo d'esse dever que obriga um homem por ponto de honra, a ser sceletrado, e a obedecer ao capricho sanguinario de outro homem, que só d'elle differe em vestir a purpura monarchica em vez da farda militar.

Mas estas philosophicas reflexões, que davam, bem apuradas, a substancia de um discurso que seria muito applaudido no congresso de paz, desvaneceram-se promptamente, quando, depois de duas horas de marcha, soou de subito o clarim, e uma ordenança do coronel Dupin, correndo a galope sobre uma das vedetas dos guerrilhas, a degolou, sem que ella tivesse tempo de dar um grito que avisasse os seus companheiros.

Parecia comtudo que um Mephistopheles mexicano se estava divertindo a lograr os francezes com *tours de passe-passe*. Ainda d'esta vez, segundo parecia, tinham escapado os bandidos. Em seu logar estava um bando de mulheres indias, em trajas ligeiros, mas tendo cada uma d'ellas uma esplendida *crinoline*. Ufanas do seu balão, estavam as pobres mulheres immoveis no meio da casa, como temendo que, se dessem um passo, transtornassem a magestade do seu porte. Espantaram-se os francezes, e ainda mais do que elles Perez Lorenzo, do extraordinario luxo d'essas creaturas semi-selvagens, luxo que, limitando-se ao balão, contrastava de um modo notavel com os farrapos que as vestiam. Com mais curiosidade do que delicadesa, picou Perez Lorenzo com a ponta da sua espada uma das *crinolines* das senhoras. Realisou-se, com pouca differença, o

soneto de Nicolau Tolentino sobre os toucados altos. De um d'estes saiu um colxão; da *crinoline* da India brotou um homem, e logo em seguida todos os outros balões se achataram, dando cada um á luz um bandido armado com punhal e pistolas, e disposto a vender cara a sua vida.

Mas os francezes já estavam preparados para estas surpresas; e desde a aventura dos enxergões, tinham sempre o olho em saia ou colxão, que apresentasse dimensões suspeitas. Os guerrilhas, que, sem terem lido Homero, saltavam a flux dos novos cavallos de Troia, encontraram para os apararem as bayonetas dos francezes.

Foi breve a resistencia, porque se viu que era escusada a lucta.

Perez Lorenzo, logo no principio do incidente, soltára um grito de jubilo, vendo apparecer um homem de estatura elevada e de vigorosos musculos, que parecia ser o chefe da guerrilha. Lançou-se a elle com os dentes fincados; aceitou o bandido o duello, e, enlaçando-se nos braços vigorosos, travaram-se arca por arca, embebendo um no outro os olhos em que fusilava um rancor insano.

Quizeram os contra-guerrilhas, já vencedores dos seus adversarios, intervir na lucta e apoderar-se de Juan Pablo, que esse era o que luctava com Perez Lorenzo. Este porém fez um gesto para pedir que o deixassem desajudado na lucta. Arredaram-se todos, como os combatentes da idade media, quando n'alguma batalha se encontravam face a face dois paladinos, cujo duello se tornava espectáculo brilhante para os membros d'essa geração cavalheirosa.

Os dois mexicanos, que luctavam corpo a corpo no combate singular, eram especimens diferentes

de robustez, mas inculcavam ambos vigor acima do vulgar. A força de Perez Lorenzo era toda nervosa, a de Juan Pablo provinha essencialmente de uma reforçada musculatura. A robustez de Perez Lorenzo não lhe prejudicava a elegancia do talho, e a delicadesa das fôrmas; Juan Pablo, pelo contrario, tinha fôrmas verdadeiramente taurinas.

Esteve por largo tempo indeciso o combate; os contra-guerrilhas, selvagens mal disfarçados com uma leve tintura de civilisação, que a primeira circumstancia, que lhe pozesse em fogo as paixões, lavava immediatamente, davam gritos de enthusiasmo, como se assistissem a uma corrida de toiros. E a comparação não é das menos acertadas, porque effectivamente Juan Pablo investia com a brutalidade cega do boi; Perez Lorenzo esquivava-se-lhe aos impetos com a destresa do capinha, não deixando por isso de lh'os subjugar com o vigor do homem de forcado quando se lhe deparava en-sejo. Furioso de ver constantemente escapar-lhe o adversario, Juan Pablo, que primeiro combatera desarmado, deu um pulo á retaguarda, e sacou de uma navalha.

Ao verem esta infracção á lei do duello, os contra-guerrilhas soltaram um grito de desapprovação, e correram para castigarem o audacioso. Mas de novo Perez Lorenzo fez um gesto e bradou com voz colerica:

— Ninguem se mova.

E, correndo para Juan Pablo afim de lhe não dar tempo de jogar-lhe a faca, com um movimento rapido agarrou-lhe os pulsos, e apertou-lh'os com um vigor incrível. Grande foi a surpresa dos espectadores d'esta scena, quando viram as mãos delicadas de Perez Lorenzo prenderem como n'uma torquez

os braços vigorosos do seu adversario. E mais espantados ficaram quando o gigante soltou um bramido de dôr, descorou, e, deixando cair a navalha dos dedos inteiriçados, vergou e caiu de joelhos proferindo uma blasphemia.

Um applauso entusiasta acolheu esta façanha do mysterioso mexicano.

Mas este nada ouvia. Brilhava-lhe nos olhos uma alegria feroz; pondo um joelho em cima do peito do chefe de guerrilhas, pediu uma corda, que os soldados logo lhe atiraram. Depois arrastou-o para fóra da choupana, bradando:

— Emfim.

A lua esplendia no céu azul e banhava as florestas com as ondas da sua luz prateada. Um vago e delicioso murmúrio se exhalava dos ramos agitados pela doce brisa das noites. A natureza jazia immersa em profunda paz.

Perez Lorenzo, arrastando a sua presa, sumiu-se nos recessos da floresta.

— Vamos, disse o coronel Dupin, por hoje está acabado. Meus senhores, continuou voltando-se para os seus officiaes, se tem alguma polka ou alguma valsa promettida em casa de D. Ramon, parece-me que ainda podem ir exigir o cumprimento da promessa.

— Confesso-lhe, coronel, acudiu Viarmont, que n'este momento não desgostava, em vez de dançar, de me divertir um pouco vendo bailar este verdugo maldito, que temos trazido agarrado a nós, no ramo de uma arvore. Nunca bicho venenoso me causou maior repugnancia do que este selvagem com apparencias de cavalheiro, que passa a sua vida a encher de fructos humanos as arvores d'estes bosques.

—Capitão Viarmont, respondeu o coronel com seriedade, este homem é menos criminoso do que pensa; tem paixões selvagens, é verdade, mas foi um motivo bem justo, que lh'as soltou. Nunca esteve na Corsega, capitão?

—Dois dias apenas; arribámos lá na passagem de Toulon para Alger.

—Pois eu estive dois annos de guarnição em Ajaccio; conheço as montanhas da ilha e os montanhezes. Juro-lhe que os Perez Lorenzos não são raros por lá.

N'este momento um grito horrivel atravessou os ares, e veio expirar no ouvido das tropas francezas.

Todos se entre-olharam com espanto; mas os prisioneiros pareceram perceber mais rapidamente o que occasionara esse grito, porque murmuraram um «Caramba», que revelava a ira impotente que os salteára.

A tropa poz-se em marcha. Ao chegarem á orla extrema do palmar viram um vulto negro, que se baloiçava nos ares.

Era o cadaver de Juan Pablo.

XXII

A SERENATA NA FLORESTA

Não durou muito a impressão produzida por este sinistro espectáculo no animo dos contra-guerri-lhas. A sua vida aventureira habituara-os a estas scenas, e não havia talvez entre elles um só, que não tivesse feito já alguma execução semelhante n'algum recanto sombrio das florestas mexicanas, ou dos desertos da California. A lei de Lynch impera ainda n'esses ermos, onde a relé das gentes europeas se despé dos incommodos fatos da civilisação, e se arroja com enthusiasmo a plena barbaria. Olho por olho, dente por dente, eis a lei que rege essas hordas de emigrados, que vagueiam ás soltas pelas *savanas* da America.

Os officiaes francezes sentiram mais repugnancia. Os bravos militares, educados nas tradições cavalleirescas das guerras europeas, não podiam comprehender estas vinganças selvagens, e ainda me-

nos a tolerancia com que o seu coronel parecia cobrir estes actos indignos. Agruparam-se em torno do capitão Viarmont, e a conversação animada, que travaram em voz baixa, mostrava que a disciplina não seria já bastante forte para os reter, se esse verdugo, que lhes servira de guia, tivesse a audacia de reaparecer diante d'elles.

Comtudo o cadaver já lá ficava muito para traz, pendurado da sua arvore, e os contra-guerrilhas caminhavam afegremente, de espingarda ao hombro, atravessando as clareiras inundadas pelo fulgor da lua, as veredas intrincadas da floresta, onde as hervas altas se curvavam ao peso das gotas do orvalho, e onde os ramos cruzados do arvoredado mal deixavam coarem-se alguns pallidos raios da rainha da noite. A influencia suave d'essa noite dos tropicos dissipára rapidamente a triste impressão que por alguns momentos pairara sobre todos. O desaffogo, que o espirito mais intrepido sente, depois de uma batalha que se atravessou incolume, abria o animo dos officiaes e dos soldados ás brandas emanações d'aquella poetica natureza. A brisa da noite, impregnada nos frescos vapores dos arroyos e das fontes, acariciava suavemente as faces dos contra-guerrilhas. Uma conversação animada percorreu as fileiras, que antes do combate haviam atravessado silenciosas esses mesmos sitios. Accenderam-se os charutos e os cigarros, parecendo que de subito um bando de pyrilampos sulcava com a sua luz palpitante a sombra do copado arvoredado. Brotaram aqui e acolá alegres risadas como um tiroteio de alegria, que se foi reforçado cada vez mais até que afinal se transformou n'um confuso borbórinho de risos, fallas, e cantos que encheu o silencioso bosque.

Subito ouviu-se ao longe, por entre a ramaria das arvores, um som vago e aerio, uma longinqua musica, que parecia exhalar-se do seio fortemente das arvores, como um canto de fadas, ou um concerto melodioso entoado pelos sylphos, que se baloicaram na ramaria das bananeiras. Todos se calaram, e, por um commum accordo, pararam, e pozeram o ouvido á escuta. No meio d'esse silencio solemne ouviu-se, mais clara, mais distincta, e mais harmoniosa tambem, essa musica distante, cujas notas vinham, no regaço da brisa, expirar no ouvido dos subordinados do coronel Dupin.

Entre-olharam-se todos com expressões bem diversas. Os soldados americanos revelavam a impressão supersticiosa, que lhes salteiera logo os credulos espiritos, os europeus mais scepticos mostravam simplesmente espanto, e os officiaes francezes, de organização mais poetica e enthusiastica, sentiam a doce surpresa do viajante que penetra n'um palacio de fadas, e que apenas se maravilha, sem se espantar, dos prodigios que vão succedendo.

Não houve talvez um só d'entre elles, que não se julgasse o heróe predestinado de alguma aventura de encantamentos.

— Coronel, disse Viarmont approximando-se do commandante, entrámos, segundo me parece, nos jardins de Armida. Ou, se estivessemos no mar, em vez de estarmos no centro de uma floresta, dir-lhe-ia que tomasse cautella porque tinhamos as sereias comosco.

— Capitão Viarmont, respondeu Dupin, não supponha que mereçamos ás sereias a honra de sermos equiparados a Ulysse. E de mais, ainda que

assim fosse, não temeria as consequências de tal aparição. Não seria de certo o capitão quem cederia ás tentações. De outras mais perigosas escapou ha pouco, e vi com jubilo a lembrança dos seus deveres militares arrancar-o á doce influencia da se-reia, que a todos nos encantou em casa de D. Ramon.

—E olhe que foi meritorio o sacrificio, tornou Viarmont rindo. Se tivesse fugido aos laços magicos do amor para me arrojar ao fervido seio da gloria; se tivesse deixado murchar a murta de Venus para enramar a fronte com os loiros de Bellona, como se dizia no tempo do nosso primeiro imperio; se saísse de casa de D. Ramon, ao som dos clarins da alvorada, para ir entrar n'uma pugna brilhante como a de Solferino, em que se combatia á luz ardente do sol da Italia, á vista de dois imperadores e um rei, entre as cargas magnificas da cavallaria, o magestoso estrondo da artilheria, o som das musicas militares, o perfume inebriante da polvora; inflammados além d'isso pela consciencia de que defendiamos uma grande idéa, de que davamos a liberdade a um povo digno de a obter, então sim, não seria muito acerbo o sacrificio. O entusiasmo ardente das grandes batalhas era mais do que bastante para consolar da perda das doces commoções do amor! Mas sair d'um baile esplendido, abandonar um terraço cheio de aromas inebriantes, uma mulher adoravel que escuta com certa condescendencia o vago hymno namorado que lhe murmurámos ao ouvido, para irmos assistir a uma lacta nocturna com meia duzia de bandidos, para nos expômos a morrer obscuramente varados por uma navalha ou pela balla d'um revolver, para assistirmos a actos de barbaria que

nos revoltam, e tudo isso impellidos porque motivo? Por um motivo que não podemos nem comprehender, nem aceitar, o de opprimirmos um povo livre, o de lhe impormos...

— Capitão, capitão! interrompeu o coronel com certa severidade, cautella no que vae dizer! Nunca se emenda, continuou o benevolo Dupin sorrindo-se, é um *frondeur* incorrigivel.

IDYLLIO AMERICANO

Assim, conversando e rindo, tinham-se ido aproximando do sitio, d'onde partiam os sons, que, ouvidos ao longe, tanto tinham enlevado os contra-guerrilhas, e que se iam tornando cada vez mais distinctos e harmoniosos. Afinal, um jorro de vivissima luz inundou o arvoredo, que, rareando-se de subito, deixou ver uma ampla clareira, e n'essa clareira um espectaculo, deveras proprio para maravilhar homens menos habituados, do que esses aventureiros, aos casos inesperados e extravagantes das florestas mexicanas.

No meio da clareira ardia um fogo, cujo clarão avermelhado purpureava as arvores immoveis, que circumdavam a *sala de baile* (chamamos-lhe assim por justos motivos), e projectava sombras vacillantes nas differentes veredas que alli iam ter, e que

até um certo ponto eram illuminadas pelos lampejos da fogueira. Junto d'esta, indolentemente recostado na relva, estava um homem, o unico do bando, dedilhando uma guitarra com toda a *nonchalance* do amador andaluz, e contemplando a dança lasciva d'um bando de mulheres, que revoluteavam n'um *bolero* dos mais animados, acompanhando-se com as inevitaveis castanholas. Entre estas mulheres havia-as bonitas, feias e horrendas, havia-as de todas as procedencias, mexicanas, hespanholas, indias até, mas todas essas nacionalidades se fundiam perante a influencia magnetica do bolero e das castanholas, da guitarra e do pandeiro, que se casavam harmoniosamente inundando a floresta de melodias, que tinham ido, como vimos, affagar suavemente o ouvido dos contra-guerrilhas.

Depois das scenas de guerra e de sangue que tinham vindo procurar, esta scena de paz e de serena tranquillidade não podia deixar de encantar os aventureiros soldados. Todos elles estavam muito longe de se parecerem com a Herminia do Tasso, mas *convenço-me de que todos* sentiram a impressão que a heroina do poeta de Sorrento sentiu ao deparar-se-lhe a dois passos das pelejas sanguinosas, dos combates de Jerusalem, do acampamento dos cruzados, o suave idyllio dos pastores.

Não foi pequeno o espanto dos dançadores, ao verem apparecer de subito na clareira aquelle grupo inesperado, e ao verem scintillar as chammas nos canos das espingardas, nas folhas das espadas, e nas bayonetas luzentes. Ao brado de espanto e de satisfação, com que os contra-guerrilhas saudaram esta scena tranquilla, que se lhes deparava, corresponderam os actores d'ella com um grito de terror.

Logo se lhes dissipou o susto, ainda que não

fosse senão pela impossibilidade em que estavam de fugirem. Todas fizeram da necessidade virtude. Era impossível a fuga, resignaram-se. Também, se fugissem, parece-me que fugiriam com as nymphas da Ilha dos Amores do nosso immortal Camões fugiam dos aventureiros companheiros de Vasco da Gama, para terem o prazer de ser alcançadas, para darem aos seus perseguidores a doce gloria de as vencerem.

O «guitarreiro» esse é que tentou esquivar-se deveras. Armou o pulo, e saltou como um jaguar para o mais cerrado do arvoredo. Mas logo deu um grito porque se achou nos braços d'um homem, que surgia d'esse lado onde elle não esperava inimigos.

Entretanto os soldados, com o consentimento do commandante, capitulavam com as suas mais ou menos bellas prisioneiras, escolhiam par, e preparavam-se para aproveitar o baile, a que o acaso os convidara. Era tanto mais justa a sua resolução quanto, como depois conheceram, essas mulheres e esses preparativos esperavam n'esse sitio os bandidos, que lhes appareciam agora manietados e encerrados n'um circulo de bayonetas.

Só faltou o guitarreiro; o homem, como vimos, no impeto da fuga fôra cair nos braços d'um novo actor, que surgira de proposito do centro da floresta para se prestar a essa tocante scena. Quando todos perguntaram por elle, viram-no apparecer rebolando junto da fogueira. O homem fizera a sua entrada em scena d'um modo um tanto original, impellido pelos braços robustos do recém-chegado, que não o recebera, como vêem, com um carinho exemplar.

Todos se riram, e o que fornecera assumpto pa-

ra as gargalhadas, aproximou-se mansamente do capitão Viarmont, que permanecia distraído, e disse-lhe, tocando-lhe no hombro:

—Capitão, preciso que me oiça. Ao deixar para sempre este mundo, não quero que a minha imagem fique gravada, como a d'um assassino selvagem, na memoria d'um homem de bem.

O capitão voltou-se estremecendo, e viu Perez Lorenzo.

XXIV

VINGANÇA MEXICANA

O capitão Viarmont franziu o sobr'olho.

— Senhor, disse elle, não lhe aconselho que me escolha para seu confidente. Se Alexandre Dumas viesse na expedição, era provavel que elle acceitasse com muito gosto o papel, que me quer ver desempenhar. As suas aventuras de certo serviriam para um romance em vinte volumes, e, attendendo a isso, Alexandre Dumas ouvil-o-ia com summo interesse. Eu, que não preciso de fazer romances, confesso-lhe que de bom grado dispenso as confidencias dos carrascos.

Perez Lorenzo não mostrou sentir a injuria.

— É breve a minha historia, tornou elle, e preciso de lh'a contar. É um moribundo que lhe falla, capitão Viarmont.

Estas palavras produziram no official francez uma

profunda impressão. O mexicano possuía o condão especial de exercer uma incomprehensível influencia em todos quantos se aproximavam d'elle. Os grandes infortúnios teem estas propriedades, para assim dizermos, magneticas.

Silencioso, o capitão Viarmont seguiu o mexicano. Os soldados francezes, com licença do coronel, e com o genio aventureiro que os caracteriza, tinham debandado, escolhendo pares entre as gentis mexicanas, que facilmente se consolaram da inesperada substituição. O guitarrero, recobrando-se do susto, e percebendo que era inviolavel, graças á sua qualidade de trovador, e á precisão que os dançadores tinham d'elle, recostou-se de novo junto da fogueira, e continuou a musica interrompida. Só os guerrilhas, acorrentados e guardados á vista por quatro ou cinco sentinellas, devoravam em silencio a sua ira, e, vendo a facilidade com que as mexicanas os tinham olvidado, pensavam naturalmente de si para si o que Francisco I escrevia nas paredes de Fontainebleau:

Souvent femme varie!
Bien fol est qui s'y fie.

Entretanto Perez Lorenzo e o capitão Viarmont tinham-se affastado da clareira illuminada, e, inter-nando-se no bosque, tinham-se ido sentar junto de uma pimenteira, que entornava sobre elles a sua urna de penetrantes aromas. A melancolica musica da guitarra, assim ouvida ao longe, resoando no meio da ineffavel serenidade de uma noite dos tropicos, casava-se de um modo suavissimo com a doce melodia da brisa, suspirando brandamente nas folhas do arvoredo. A lua, resvalando no azul do céu, envolvia a paizagem no seu manto de candido fulgor.

Perez Lorenzo relanceou em torno de si um olhar saudoso, e como que pareceu querer impregnar-se bem na poesia immensa da sua patria, que elle ia trocar pelas desconhecidas regiões da eternidade.

Depois, passando a mão pela testa, como para affugentar esse pensamento, voltou-se para o capitão, e disse-lhe ex-abrupto:

«A minha vida resume-se em duas palavras só «Amor e vingança.» Não leva tempo a narrar. Nasci n'esta formosa terra, que tão dilacerada tem sido pelas facções. Conservei-me estranho sempre á agitação revolucionaria. Não podia mesmo comprehender a frenetica loucura, que as vaidades da politica accendiam no animo dos meus patricios. Eu preferia apenas as doces loucuras do amor. Quem me diria que havia de chegar um instante em que teria de me arrojar a esse mar das revoluções, cujas tempestades me apavoravam, cujos sorrisos mentirosos me não conseguiam attrahir? Ah! quando a procella rugue embravecida, quando as ondas quebram furiosas nos fragedos, despedaçam juntamente o navio que as affronta, e o pobre barquinho fundeado, que se abriga no porto.

«Amei quasi desde criança uma formosa menina, minha vizinha. Carmen se chamava ella. Era linda como os anjos, casta e meiga como a Virgem da Guadalupe. Requestava-a tambem esse Juan Pablo, cujo cadaver se baloiça agora ao sopro das auras; mas já então era conhecido pela sua indole sanguinaria, e dizia-se que a sua carabina não estava immaculada. Vingativo e dissimulado, a mais leve injuria, que lhe fosse dirigida, ficava para sempre registrada na sua memoria; mas sorria-se para aquelle que o injuriava, até que chegasse o instante em que pudesse traiçoeiramente, emboscado por traz de

uma sebe, atravessar o peito do inimigo, que o olvidara já, com duas balas da sua carabina, certa-mente como se o demonio mesmo lhe dirigisse a pontaria.

«Carmen desprezava completamente o seu galanteador. Seus paes preferiam vel-a morta a vel-a unida a tão vil creatura. Eu, pelo contrario, era accedido com muito gosto por toda a familia. Não houve *por conseguinte a minima opposição ao nosso casamento*. Mas, no dia em que nos recebemos em Medellin, Juan Pablo esperou-nos á saída da egreja, e deu-nos os parabens, sorrindo-se amavelmente com esse sorriso, que para tantos significara a morte.

«Os meus amigos empallideceram ao verem-n'o, e um d'elles, aproximando-se de mim, disse-me em voz baixa. «Acautella-te, Perez Lorenzo! Introduziu-se a vibora nas flores do teu dia nupcial.» Eu encolhi os hombros, e relanceei um terno olhar para a minha desposada. Ao vel-a tão bella com a sua grinalda de flores de lorangeira, com tão doce sorriso nos labios de romã, com tão nacaradas rosas nas faces levemente morenas, quem havia de dizer que tão cedo m'a havia de roubar Deus! Ai! quando o céu está azul, e as estrellas scintillam, como fructos de oiro, por entre a folhagem das arvores, quem se lembra que ha de vir o bulcão turvar essa augusta serenidade?»

Perez Lorenzo interrompeu-se por um instante, e duas lagrimas deslisaram-lhe dos olhos, tanto tempo esbraseados pelo sopro das más paixões. A proximidade da morte soltava as lagrimas represadas, que lavariam, quem sabe! aos olhos de Deus misericordioso, os crimes da sua existencia.

Viarмонт ouvia-o com interesse. Singular influencia do amor! Essa palavra só basta para levantar na

nossa estima o criminoso mais vil. O amor e o patriotismo transformam n'um heroe um assassino.

«Correram os primeiros mezes do meu casamento na mais inalteravel tranquillidade. Todo entregue ás inebriantes delicias d'esse amor, que fôra a minha vida, nem pensei uma vez só nas ameaças, que o sorriso de Juan Pablo encerrava em si. Os meus proprios amigos, se bem que mais cautelosos, chegaram comtudo a pensar que o meu vingativo rival tinha olvidado, ou pelo menos adiado indefinidamente a sua vingança.

«Foi por este tempo que rebentou a guerra entre o Mexico e as tres potencias europeas. Não lhe contarei as particularidades d'ella. Sabe-as melhor do que eu, pois devo confessal-o, eram-me completamente indifferentes esses grandes abalos politicos. Uma noticia me preocupava muito mais do que o desembarque do exercito francez, inglez, e hespanhol, do que o convenio da Soledade, do que o revez do general Lorencez, do que a chegada do general Forey. Essa noticia, pela qual eu olvidava todos os desastres do meu paiz, essa noticia que me fazia exultar quando a patria estava em lucto, essa noticia ineffavel dêra-m'a Carmen, havia pouco tempo, com as faces affogueadas nas rosas do pudor; ia ser pae! A imagem d'esse anjo alvo e loiro, pendurado do seio maternal, como uma abelha do calice de um lyrio, não me deixava ver a imagem do Mexico vertendo sangue pelas largas feridas, que lhe abria a espada do estrangeiro. Castigou-me Deus talvez por essa culpavel indifferença.

«Juan Pablo, desde o principio da lucta, cedendo aos seus instinctos de rapina, lançara se, acompanhado por alguns da sua laia, nas florestas, onde reunia dentro em breve uma forte guerrilha. Os in-

condios, as devastações começaram a assinalar a passagem d'esse terrível bando. Quando de subito se via o céu avermelhado das bandas do norte, do sul, ou do oriente, quando uma lingua de fogo brotava nas plantações, e, correndo com a rapidez do relampago, lambia os cafezaes, ou os canaviaes do assucar, já se sabia que n'essa noite vagueara Juan Pablo, com o seu facho fatal, nas campinas dos arredores de Medellin.

«Mas uma coisa se notava, Juan Pablo escolhia escrupulosamente as plantações a que deitava fogo, e o raio da sua ira caia sempre sobre aquelles que se tinham ligado ao estrangeiro. Juan Pablo não queria por fórma alguma tirar aos seus actos mais terribéis a côr patriótica. N'isso estava a sua segurança. Se o não fizesse, não tardaria muito em ser entregue nas mãos dos francezes. Mas o astuto bandido tinha as sympathias da população, que via n'elle o heroe e o vingador da sua nacionalidade.

«Por isso eu estava seguro. Ainda que indifferente aos negocios politicos, a marcha triumphal de Forey havia produzido em mim uma profunda impressão. Acordou no meu espirito com certa vivacidade o sentimento patriótico, ao ver para sempre destruida a republica mexicana. Não occultei as minhas sympathias pela causa nacional, e cheguei a dizer que, se me não retivessem minha esposa e meu filho (já fallava n'essa querida criança como se a tivesse nos braços) iria alistar-me no exercito da independencia. Estes sentimentos expressos em voz alta collocavam-me até debaixo da severa vigilancia da policia franceza. De Juan Pablo, o patriota, que podia temer?

«Uma noite estava eu junto da janella conversando com minha esposa e fazendo mil projectos so-

bre a futura sorte do nosso filhinho, quando os ladrões desesperados dos cães nos revelaram que havia alguma coisa de novo. Carmen descorou, e chegou-se para mim, relanceando em torno de si os olhos, em que se reflectia um vago terror.

«As portas da herdade estavam abertas. Como disse, nada julgava ter que recear. Mas, conhecendo a intelligencia dos cães, supuz que eram francezes os visitantes. Os meus cães consagravam um odio mortal ao uniforme francez.

«—Alguna visita domiciliaria da policia! murmurei, encolhendo os hombros.

«E dirigi-me para a porta, afim de a abrir eu mesmo.

«Mas Carmen cingiu-me com os braços, e, toda tremula como se um estranho presentimento a assaltasse, não consentiu que eu dêsse um passo, e, escondendo a cabeça no meu peito, desatou a chorar.

«Os cães tinham-se calado de subito. Reinava na habitação um profundo silencio, mas um d'estes silencios que precedem as tempestades.

«Effectivamente não durou muito a calmaria. As portas da sala abriram-se com fracasso, e vi luzirem na sombra as pupillas de tigres dos guerrilhas mexicanos, que se affastaram para deixarem passar um homem, que avançou, sorrindo-se graciosamente, até ao meio da sala.

«Carmen soltou um grito horrivel, eu brami um rugido suffocado. Esse homem era Juan Pablo.

«Soára emfim a hora da vingança. A chamma, que eu julgara abafada debaixo das cinzas, fôra lavrando, lavrando, até irromper medonha, fatal, na propria occasião em que seriam mais pungentes para mim as agonias da desgraça.

«Que lhe hei de eu dizer mais, capitão? continuou Perez Lorenzo com voz suffocada. Adivinha de certo que, apesar da minha resistencia, fui agarrado, preso a uma arvore, e que tive de assistir rugindo de furor ao incendio da plantação. Mas o que não adivinha de certo é que, por um requinte inaudito de barbaridade, tive de assistir á deshonra, á profanação da casta companheira do meu leito, que a vi estorcer-se, louca de desespero, nos braços dos infames, e que elles, possuidos verdadeiramente da embriaguez do crime, depois de terem saciado os seus torpes appetites, a sua bruta sensualidade, rasgaram o ventre de Carmen, e arrancando das tepidas entranhas, santo ninho onde palpitava ainda implume essa candida avesinha que havia de ser a pomba da nossa arca, arrancando o feto informe, arrojaram-m'o ao rosto, rindo com um riso na realidade satânico. ¹»

— Horror! exclamou o capitão Viarmont, erguendo-se convulso e pallido.

«Ah! comprehende agora capitão, continuou Perez Lorenzo n'um longo e angustioso soluço, comprehende a inflexibilidade, a tenacidade, a crueldade com que persegui os assassinos, o deleite amargo que senti em assistir a cada uma das suas torturas, em os ver estorcerem-se tambem, blasphemando, nos braços da morte? Ah! mas nem lhes paguei a millesima parte das agonias, que me fizeram soffrer. Em compensação abri-lhes as portas do inferno, e, se esta vingança cruel m'as abre tambem, consolar-me-hei das chammas eternas, vendo-os soffrerem a meu lado.

«A minha missão está cumprida no mundo, ca-

¹ Não phantasio horrores. Este factó é textual.

pitão Viarmont, continuou Perez Lorenzo levantando-se. Não me considere como um assassino vulgar. Pense alguma vez em mim, e, se o fizer, reze um padre-nosso por alma d'este desgraçado, que o acaso lhe atravessou no caminho, como um passaro agoureiro».

E, deixando ficar o capitão Viarmont ainda debaixo do peso da sinistra confidencia, desappareceu nos recessos da floresta.

D'ahi a pouco ouviu-se um tiro de pistola. Perez Lorenzo cumprira a sua palavra. Depois de ter terminado a sua vingança, deixava o mundo, e ia, confiado na misericórdia divina, navegar no sombrio oceano da eternidade.

Viarment limpou o suor, que lhe escorria em bagas pela frente, depois, como os cornetas francezes tocavam já a reunir, dirigiu-se vagarosamente para a clareira.

D'ahi a meia hora entravam em Medellin. Ainda durava o baile em casa de D. Ramon.

Muitos officiaes, tomando apenas o cuidado de escovarem o fato rapidamente, voltaram, com a *insouciance* do character francez, a lançar-se no turbilhão das valsas. Mas, com grande espanto do coronel Dupin, o capitão Viarmont, em vez de seguir o exemplo dos seus camaradas, veio-lhe pedir licença para dispor de oito soldados n'uma pequena expedição, que nada tinha de guerreira.

—É D. Dolores que o espera? disse Dupin depois de saber que se tratava de dar sepultura a Perez Lorenzo, cuja historia elle conhecera ainda antes do capitão.

—Qualquer dos meus camaradas me substituirá, coronel, respondeu Viarmont encolhendo os hombros, Dolores lembra-se tanto de mim, como a bor-

boleta se lembra da poeira impalpavel que lhe poisa nas azas.

D'ahi a uma hora, Viarmont, acompanhado por oito soldados e um padre, chegava ao sitio em que Perez Lorenzo se tinha suicidado. Seria impossivel conhecê-lo, se o não trahisse o fato; o infeliz fizera saltar os miolos com um tiro de pistola.

Quando o corpo foi enterrado n'uma cova, que os soldados alli mesmo abriram, e que o padre começou a psaltnear as suas orações sobre a terra remechida de fresco, Viarmont affastou-se um pouco, e, deixando descair a cabeça sobre o peito, fitou os olhos no céu azul, onde as estrellas começavam a desmaiar com a aproximação da alvorada.

Então das palpebras do valente deslisou uma lagrima silenciosa. É porque n'esse momento via a guerra debaixo do seu aspecto hediondo, e, em vez das pompas da ovação, do esplendor do sol das batalhas, dos gritos da victoria, do entusiasmo das cargas, via a dois passos de si a cova humilde de um homem, a quem as vinganças horriveis, a que o demonio da guerra dá latitude, tinham arrojado para fóra do seu lar tranquillo, e tinham ensanguentado a vida, que podia ser para elle uma benção do Deus bom.

E depois o pensamento voou-lhe para as terras da Guyenna, e viu o ninho immaculado da familia onde só elle faltava, e pensou que um dia podia o sangue manchar as alvas cortinas do leito de sua irmã, o incendio passeiar os seus fachos rubidos pelos tectos das granjas, pelas loiras messes dos campos, e o punhal do guerrilha lampejar furioso sobre o peito indefezado de sua velha mãe, como o punhal lampejara sobre o peito de Carmen, como o incendio devorara as plantações de Perez Lorenzo,

como o sangue manchára as cortinas d'esse thalamo,
doce asylo de um casto amor

E`por isso a lagrima silenciosa deslisava dos
olhos do valente!

NOTA

Transcrevo em seguida o trecho da *Revista dos Dois Mundos*, que serviu de base para este romance.

«Le 3 mars 1863, un Espagnol, du nom de Perez Lorenzo, se présentait à la grand'garde. De grosses larmes coulaient de ses yeux; sa figure pâle et maigre accusait la douleur. Il demanda à être reçu en particulier par le colonel. À peine introduit dans la tente: Veux-tu me venger? lui dit-il.

J'avais une maisonnette entourée de jardins, dont je portais les fruits à Vera-Cruz et Medellín; j'avais une jeune femme de dix-huit ans, que j'avais aimée et épousée à La Havane; elle était enceinte de six mois. Hier la guérilla commandée par don Juan Pablo, lieutenant des bandes de Jamapa, est entrée dans ma maison, m'a attaché à un poteau; ils ont violé ma femme, et, après lui avoir ouvert le ventre, ils m'ont jeté à la face mon enfant à peine formé. Comprends-tu colonel, pourquoi je ne me suis pas tué?» *Revista dos dois mundos*, 1 de outubro de 1865, pag. 697.

D'isto se fez o romance. Era escusado dizel-o. A imaginação dos romancistas não ousa phantasiar estes horrores.

XXV

A REVOLTA DO MINHO DE 1862

É axioma theatral que o entremez deve succeder á tragedia, a farça ao melodrama. Que seria de nós se o horror campeasse sósinho no palco, e os monologos do tyranno e os berros das victimas nos perseguissem até se apagar o lustre, e nos viessem ainda encher de phantasticos pavores o somno, que nos espera benigna e pacientemente entre os alvos lençoes do leito de repouso?

Parece que este axioma, tão verdadeiro no theatro, o é não menos na historia, porque, no panorama dos acontecimentos, succede invariavelmente um quadro comico a um quadro terrivel, como se a humanidade, oppressa pelo espectaculo do sangue derramado, dos crimes commettidos, e das guerras fraticidas, sentisse a necessidade de alegrar o espirito, e de afugentar as nuvens, que lhe carregavam o horizonte, com uma franca e sonora gargalhada.

Quando se falla em crimes e horrores historicos,

acode logo a todos a idéa da revolução franceza. Raras vezes, effectivamente, a vertigem melodramatica se apoderou por tal fôrma do espirito de uma nação, e poucos quadros tão tenebrosos conta, felizmente, a historia universal; se fosse dado á posteridade citar perante o seu tribunal as eras, da mesma fôrma que cita os homens, o anno de 1793 seria riscado da lista dos seus irmãos, e uma moldura negra o substituiria, assim como, na galeria dos doges venezianos, um véo de lucto occupa o logar onde devia existir o retrato de Marino Faliero, o infeliz decapitado.

Pois bem, quando os francezes beberam a plena taça, na platafôrma da guilhotina, esse vermelho licor que os embriagava, quando a sua imaginação delirante se fartou de explorar todos os recursos sanguinarios de uma peça descabellada, quando se saciaram de horrores, quando os tyrannos fizeram desaparecer todos os grandes vultos da tragedia revolucionaria, e que d'esse mundo de personagens cheios de intelligencia e de enthusiasmo, que haviam irrompido e golphado em borbotões, como as lavas do volcão da liberdade, não restavam já senão os comparsas, a França entendeu que era tempo de descer o panno, e ás horridas scenas do terror succedeu o entremez do Directorio.

Aqui em Portugal dá-se tambem um facto, que demonstra a veracidade do principio que estabeleci. Tivemos uma época sombria; uma época de guerras civis, de luctas fraticidas, de odios politicos, durante a qual nos dilacerámos uns aos outros, sacrificámos no altar da discordia as mais nobres victimas, e derramámos no solo da patria, cujas messes arruinava a sacrilega irrigação, o melhor e mais puro sangue portuguez.

Foi uma época deploravel, e os malfadados annos de 1846 e 1847 são sempre recordados com pungente tristeza! Que sangue generoso que então se perdeu! e os braços tão necessarios para a solidificação do edificio constitucional, para a fecundação do campo do progresso, estavam occupados n'uma obra nefanda! Triste epocha, bem triste!

Finalmente veiu 1851, e o panno desceu! Findára o melodrama, era tempo de começar a comedia!

Tivemol-a effectivamente, e n'uns poucos de actos! e, para mais divertida ser a farça com que nos entretivemos, foi a parodia do melodrama antecedente. Depois das revoluções tragicas, vieram as revoluções comicas!

Um dos actos d'essa comedia foi a revolta do Minho em 1862! O peor foi que os actores tomaram-na a sério, e de um lado e de outro houve as suas tendencias para o genero antigo! Felizmente aquillo ficou em brincadeira, mas não sem que houvesse victimas! A morte do major Vasconcellos, e a deportação passageira dos soldados insurreccionados revelaram um resto de predilecção dos artistas pelas peças tenebrosas! Emfim, diz o proverbio francez: *Tout est bien qui finit bien.*

É certo, porém, que, no momento em que o vapor *Estephania* da companhia União Mercantil, que Deus haja, levantou ferro, e desceu magestosamente a corrente do Tejo, levando a seu bordo o regimento de infantaria 16, do qual fazia parte a pessoa que escreve estas linhas, todos nós julgavamos que nos iamos cobrir de gloria, e que iamos derrotar legiões de rebeldes, que fugiriam espavoridos, acoçados pelas nossas espadas victoriosas.

Em abono da verdade, devo dizer que eu apenas me cobri de poeira, e que entrei em duas batalhas,

a primeira contra uma legião de zangãos enraivecidos, diante dos quaes fugi vergonhosamente ferido no cachaço pelos ferrões dos malditos; a segunda contra uma phalange de persovejos da estalagem de Santo Thyrso, que me pozeram em derrota ainda mais vergonhosa, porque d'essa vez deixei armas e bagagem no campo da batalha, e só me dei por seguro, quando me apanhei ao ar livre, fôra do alcance dos meus terriveis vencedores.

Regressavamos de Guimarães para o Porto, quando pernoitámos n'essa estalagem, predestinada para ser o meu Waterloo. Pernoitámos, não digo bem, porque á meia noite o tambor tocou a reunir, e os meus camaradas, saindo pallidos e cadavericos d'aquelle antro fatal, mostraram claramente, nos rostos desfeitos, qual seria a minha sorte se quizesse imitar, como elles, a velha guarda, e sustentar intrepidamente o assalto das legiões sanguisedentas. O tambor salvára-os! Não escapava um só, se o rufo sonoro não vem a proposito colorir, com o pretexto do dever, a fuga despedida em que elles vinham.

A noite era tenebrosa. O silencio, que me dera azo a longas meditações sobre a influencia dos persovejos nos devaneios de gloria militar, fôra quebrado primeiro pelos toques do tambor, que os echos repetiam alegremente, depois por um abrir e fechar de portas, que revelava a promptidão com que o regimento inteiro desejava fugir aos guerrilhas dos leitos. Alguns habitantes da villa appareciam aqui e alli para nos ver passar. O meu estalajadeiro sorria-se com um sorriso malicioso, o que me fez suspeital-o de cumplice na minha derrota. Um fogo claro e alegre ardia lá dentro na cosinha. A noite de fins de setembro estava fria e escura.

Não havia nem um sopro de vento, mas o ar gelido e penetrante cortava que nem gume de espada. Os passos dos soldados resoavam na rua; os murmurios das suas conversações, interrompidas pelos bocejos, perturbavam o silencio da villa, muda por baixo do seu manto de trevas, como um frade do Bussaco sob o negro burel. As bayonetas, ao passarem diante da porta, que emmoldurava um quadro de fogo, chispavam reflexos luminosos que se extinguíam rapidamente, para se reaccenderem nas bayonetas seguintes, parecendo voltejar nos ares como um bando de pyrilampos.

Senti um calefrio, e olhei com voluptuosa saudade para o ridente brasido da cosinha. Depois relanceei os olhos para o horisonte, onde se carregavam trevas espessas. E, comtudo, tinha que me aventurar no seio d'ellas, e de deixar, para nunca mais o tornar a ver, esse quadro domestico de socego e de paz, de alegria e conforto. E, quando eu estivesse lá ao longe, ao longe, quando me cercasse a noite com os seus lobregos terrores, quando a aragem fria do ultimo quartel nocturno segredasse ao meu ouvido o seu hymno de tristezas, a lazeira havia de continuar a inundar de luz e de alegria o serão prolongado d'aquella pobre gente!

Não será este o quadro da vida? O viajante d'este arido caminho da existencia para um instante n'algum d'esses deliciosos oásis, aquece as mãos regeladas na chamma do lar, e depois retoma o seu bordão, e, deixando atraz de si esse fanal, cuja luz esmorece no horisonte, continúa triste e só o seu peregrinar, cercado de trévas, peregrinar cujo termo é a sepultura.

Fazendo estas reflexões, tinha-me posto a caminho, e chegára ao largo de Santo Thyrsó. Tão si-

lenciosas estavam as ruas convisinhas, quanto a praça estava cheia de murmurios e de risos.

O regimento, formado em columna cerrada, esperava ordem de marcha. Cada um contava ao seu visinho a historia do seu aboletamento, e as gargalhadas cruzavam-se, repercutiam-se nos ares, e, como passaros estonteados, iam bater nos vidros das janelas, espantando o estremunhado provinciano, que saía em sobresalto, e em roupas brancas, fóra da cama solitaria ou do leito conjugal.

Como já disse, estava sombria a noite, o que motivava a presença de uns poucos de archotes, que projectavam os seus clarões vacillantes n'aquella selva de bayonetas, purpureando os rostos folgasãos dos soldados, que se achavam dentro do seu circulo luminoso, e dando um aspecto confuso e lugubre á massa dos ultimos pelotões, envoltos em trevas, reforçadas pelas que o fulgor dos archotes espanicára da sua proximidade.

Finalmente, os officiaes fizeram restabelecer o silencio, o commandante do regimento aproximou-se, formou-se á sua voz a columna de marcha, e, flanqueados pelos archotes, abandonámos a villa de Santo Thyrsó.

XXVI

O ROMÃO DA PRIMEIRA

Nas marchas e contra-marchas, que formaram os movimentos estrategicos d'essa gloriosa e inoffensiva campanha de quinze dias, andou sempre a pé o auctor d'este livro. Registo com justo orgulho n'estas paginas esta façanha, que ha de conquistar para as minhas pernas a admiração da posteridade. Parecia-me que saboreava assim melhor os encantos das esplendidas paizagens, que orlam todas as estradas do Minho. As pernas, em geral, pouco apreciadoras de bellas campestres, nem sempre se conformavam com a minha opinião; mas eu, que lêra, havia pouco tempo, com proveito, a *Voyage autour de ma chambre*, de Xavier de Maistre, entendi que a *alma* devia exercer constante influencia sobre a *besta*, e, depois de ter fulminado os membros rebeldes com esta ultima e pouco lisongeira qualifica-

ção, encarreguei a alma de prégar á sua bruta companheira os santos principios de egualdade, e de lhe dizer que não consentiria nunca que ella, sob o pretexto de ser bipede, tyrannisasse as suas quadrupedes collegas.

Triumphou a alma n'esta lucta, e as pernas fizeram das tripas coração, complicada operação anatomica, que eu dispenso a medicina de querer explicar.

N'essa noite, por conseguinte, não me afastei dos meus habitos; o frio cortante convidava-me a desentorpecer os membros enregelados, e a saborear, com mais voluptuosidade do que nunca, o ineffavel prazer de um passeio pedestre á frouxa e palpitante luz das estrellas, que pareciam tremer de frio na abobada celeste, e que se embuçavam até ás canhas nos seus mantos de nevoas.

A pouco e pouco fui-me afastando do regimento; em marcha vae cada um á vontade, e o facto de eu pertencer ao pelotão da vanguarda facilitava-me a digressão.

Lembrei-me do *Rob Roy* de Walter Scott, romance meu predilecto entre todos os do meu predilecto romancista. Lembrei-me d'essa admiravel descripção de uma noite fria e clara nos desfiladeiros das montanhas escocezas; lembrei-me do prazer que causava a Frank Osbaldistone o seu caminhar solitario por esses ermos selvagens, da sensação aspera e agradável que lhe produzia o frio picante da montanha aragem. Admirei-me de não sentir o mesmo; porque muitas vezes, lendo e relendo essa deliciosa scena, presentira que havia n'ella muita verdade, porque me bastava fechar os olhos para me julgar na posição do heroe de Scott, e para sentir o prazer que elle sentia.

Relanceando os olhos em torno de mim, percebi qual era o motivo da differença das minhas impressões e das impressões do aventureiro moço. A paisagem, que se desenrolava de um e de outro lado da estrada, devia de ser formosa, illuminada ou pelo fulgor radiante do astro diurno, ou pelo pensativo clarão da rainha das noites. Mas assim, perdida na sombra, confusa, tenebrosa, confrangia o coração de quem a contemplava. Não soprava a aragem sêcca e fria que revigorisára o corpo e aligeirára o espirito de Frank; mas o ambiente gélido e humido causava-me calefrios, e envolvia-me a alma em caliginosa tristeza. Uma estranha desanimação se apoderou de mim; pareceu-me que os sonhos roseos do meu futuro tomavam fórmias lugubres, como o frondoso arvoredado da estrada se transformava ao longe em horrído cortejo de phantasmas, que a ridente alvorada da minha juventude se havia de envolver n'um véo luctuoso, que no horisonte da existencia ia dissipar-se-me a ventura, como se dissipava por entre os castellos de nuvens sombrias o tímido clarão da ultima estrella que scintillava no céu.

Senti por traz de mim o tropear de um cavallo. Novo ponto de contacto com o heroe do romance. Aquelles dos meus leitores, que conhecem essa formosa narrativa do bardo caledonio, lembram-se que foi um ruido semelhante quem despertou Frank Osbaldistone das cogitações em que ia embevecido. Lembram-se tambem que o vulto que lhe appareceu era o da gentil Diana Vernon, d'esse sympathico typo, cuja feição original consegue sobresaír esplendidamente na admiravel galeria feminina dos contos de Walter Scott. Seria tambem alguma Diana Vernon, que viria com a sua mimosa mãosinha arrancar-me do abysmo de amargura em que me engolphava?

Não era. O cavalleiro, que perturbava a minha meditação solitaria, era simplesmente o cirurgião ajudante do regimento, o meu bom amigo e talentoso escriptor Cunha Bellem.

Foi com elle que eu passei as horas mais agradaveis da minha viagem militar. Graças á sua conversação amena, auxiliada por uma memoria fecunda em anedotas, em poesias e em citações, affrontára o cansaço de dez horas de marcha, debaixo de um sol ardentissimo, quando, na ida para Guimarães, haviamos percorrido a estrada do Porto a Villa Nova de Famalicão; juntos tinhamos visitado as curiosidades historicas da primeira capital da monarchia; juntos haviamos brainido de indignação perante o sarapintado pan de bandeira da torre de menagem, onde estivera encerrada D. Tareja, e perante a não menos sarapintada pia de baptismo do senhor rei D. Affonso Henriques; juntos haviamos fulminado um tremendo anathema, digno de figurar n'uma tragedia grega, sobre a camara municipal e collegiada de Guimarães, anathema que devia fazer em picado conegos e vereadores, se a Providencia tomasse na devida consideração o nosso irritado duetto.

O cavallo em que vinha montado Cunha Bellem mereceria uma descripção especial, se eu tivesse animo de me sentar, como Volney, n'aquella Palmyra ruminante, n'aquella ruina de quatro pés, e se percebesse que o meu estro seria capaz, como o de Jeremias, de entoar uma serie de threnos lamentosos que inundassem de lagrimas as faces dos leitores. O cavallo em si mesmo era uma lamentação, cujas pustulentas estrophes cantavam eloquentemente as miserias do captivo, e as angustias da fome. Ou fosse porque a influencia soturna da paizagem operasse tambem no animo do guapo corcel, que nem

seria apreciado pelo barão de Catania, ou porque a recordação das suas desgraças e a aproximação da morte predisposessem o seu espirito a sérias meditações, é certo que caminhava sempre com a cabeça entre as pernas dianteiras, operação que o fazia tropeçar bastantes vezes, e que o fazia até cair a um poço pelo motivo exactamente inverso do que deu logar ao banho do astrónomo da fabula, o que prova triumphantemente que um cavallo e um astrónomo *ça fait deux*.

Muitas vezes eu julgaria que esse Euclides dos ginetes se entregava á resolução de algum problema, se essas meditações não se desatassem n'uma saraivada de coices, completamente incompatíveis com a dignidade de um mathematico. Inclinei-me antes a suppor que essas longas horas de mysteriosa elaboração faziam germinar algum artigo politico, e que esses coices, tão prodigamente espalhados, se dirigiam á grammatica e ao senso commum, vultos invisíveis para nós, mas que as indignadas ferraduras do cavallo articulista sentiam instinctivamente no seio das trevas.

Firme n'esta opinião, empreguei toda a minha eloquencia para persuadir a Cunha Bellem, que as esporadas e as chicotadas distrahiriam forçosamente o illustrado sendeiro das suas elevadas lucubrações, lucubrações que haviam forçosamente de redundar em beneficio da mãe-patria, tão fecunda em talentos d'aquelle genero; que era justo que o ditoso corcel não recebesse unicamente a inspiração, que elle Cunha Bellem se esforçava por lhe inocular em fórma de murros, desesperando já da proficuidade da espora unica, e da varinha de marmeleiro; que era muito possível que esse animal meditabundo chegasse a ser ministro de estado, e que a indulgen-

cia com os coices presentes nos resguardaria talvez dos coices futuros. Accedeu Cunha Bellem á minha proposta, e apeou-se entregando o cavallo ao arrieiro, a quem o intelligente corcel seguiu com uma docilidade de alimaria semi-official.

Assim conversando, estavamos já a uma grande distancia do regimento. Comtudo, não formavamos apesar d'isso a guarda avançada; um grupo composto dos oito ou dez porta-machados, de dois ou tres tambores, e do feliz possuidor do meditativo ginete, caminhavam a pouca distancia adiante de nós. Ao longe, na nossa retaguarda, ouviamos a toada melancolica de uma d'essas cantigas que os soldados usam cantar em marcha, para se distrahirem do tedio do caminho, e tambem para disfarçarem a fadiga, acertando o passo por esse rythmo monotono. Essa cantilena, entoada por centenas de vozes, jorrava em torrentes de sons pelos bosques, pelos montes, echoava lugubrememente nos antros, fazia estremecer a folhagem das arvores, e enchia de murmurios estranhos a sombria solidão da paizagem.

Chegámos a um sitio em que a estrada fazia um cotovelo, e onde a ladeira, que haviamos subido, terminava n'uma pequena eminencia, vértice do angulo formado pela linha ascendente da estrada que percorreramos, e pela linha descendente da que iamós percorrer.

— Paremos aqui um instante, disse eu a Cunha Bellem, e deixemos approximar o regimento.

Parámos com effeito; nem só nós tivemos essa idéa; o pequeno grupo, que nos precedia, lá estava já reunido. Os tambores sentavam-se em cima das caixas, os porta-machados, com as enormes barrelinas na cabeça, encostavam-se á boca das espingardas, poisando a coronha no chão. O arrieiro picava

tabaco, e preparava-se para fazer um cigarro, em quanto o pensativo corcel contemplava mudamente o horisonte.

Entretidos a conversar, pouca attenção demos ao grupo. Afinal, lá ao longe começaram a apparecer as primeiras filas do regimento. Os archotes, disseminados por diferentes pontos, davam áquella serpente sinuosa e sombria como que um scintillar de escamas. Era um espectáculo verdadeiramente pittoresco. Dir-se-hia uma procissão de phantasmas, illuminados, no seu caminhar para o cruzeiro, pela funebre phosphorescencia dos esqueletos.

Embeveci-me na contemplação d'essa massa longínqua, que avançava por entre as arvores, fazendo sair de repente da sombra, com os seus clarões ambulantes, um tronco, uma casa, uma cruz. Como os espectros luminosos dos theatros, assim appareciam e desapareciam os diferentes objectos illuminados por essa rapida chamma. Ás vezes um ligeiro sopro de vento, agitando a labareda inconstante dos archotes, arrancava-lhes milhares de faiscas, que esvoaçavam nos ares, e que se perdiam, como um bando de borboletas de fogo, na espessura das arvores.

Enlevado na contemplação d'esse pittoresco panorama, nem ouvia o que os meus visinhos diziam; mas o diapasão da palestra elevou-se mais do que o habitual, de fórma que voltei a cabeça.

Começava a cair uma chuva fina, mas frigidissima. Parecia que as gotas de agua se nos coavam por entre os póros do corpo, e iam congelar-nos o sangue nas veias.

— Maldita vida! — disse um tamborsito olhando para as calças brancas sem gomma, que já se lhe pegavam ás pernas.

—Para que sentaste tu praça, rapaz?—perguntou um porta-machado velhote, que se encostava á arma com tanta dignidade como um velho pastor das eras bucolicas se encostaria ao cajado. Tu não tens mãe?

O porta-machado, que fallára, tinha uma bella physionomia de homem. Alto e grosso, possuia uma construcção herculea; mas no seu rosto lia-se claramente a mansidão dos fortes. As barbas grisalhas emmolduravam umas faces cavadas, onde brilhavam dois olhos tão tristes e tão meigos ao mesmo tempo, que infundiam uma certa veneração até nos seus superiores.

Os tambores pequenitos são quasi sempre os bodes emissarios dos regimentos. Em geral são criados de todos, e não é raro que sirvam tambem de desabafo para as iras concentradas dos soldados, que acabaram de soffrer um castigo, ou de receber alguma reprehensão dos seus officiaes. Mas isso nunca acontecia diante do porta-machado Romão, a não ser que o soldado de mau humor tivesse desejos de provar os murros do colosso. Tratava sempre bem, e até carinhosamente, os pobres pequenos, e estes, em compensação, tinham-n'o pelo seu anjo da guarda, e adoravam-n'o como tal.

—Ora para que sentei eu praça, senhor Romão?—respondeu o pequeno; eu já não tenho pae, minha mãe vae-se fazendo velha, e tenho dois irmãos e tres irmãs.

—Entendo! entendo!—tornou o porta-machado; lá em casa nunca tocava ao rancho, e a respeito de distribuição de pão e de azeite, meia volta á direita volver, aos seus quartéis ordinario marcha. Pobre pequeno! Mas por que não ficaste tu com tua mãe a ajudal-a a ganhar a vida?

— Ora, sr. Romão, os lavradores não me queriam, porque eu era muito pequeno, e então que havia de fazer?

— Fizesses-te ladrão de estrada, interrompeu o arrieiro com um risinho surdo; sempre é melhor que andar com a farda às costas.

O pequeno olhou para elle com uns olhos muito espantados.

Este arrieiro era um typo, a encarnação do Raguet de um dos romances campestres de Jorge Sand, personagem que julguei inv-resimil em quanto não vi com os meus próprios olhos um dos irmãos do modelo vivo, por onde provavelmente a grande escriptora franceza gizou os traços tão característicos d'esse vulto que é o genio mau de um dos seus melhores livros, *Jeanne*. Era o cynico rustico, em todo o esplendor da sua diabolica manifestação. Estou que devia ser um objecto de terror para as crianças da sua aldeia, e um personagem lendario, cujas phantasticas façanhas haviam de ser narradas largamente em torno do lar onde crepitasse o magusto, ou á roda da eira, á luz pallida da lua, nos serões da descamisada. Era impossivel que as velhas das choupanas visinhas o não tivessem nomeado chefe do bruxedo, e marcador das revolteadoras contradanças das noites de congresso infernal.

De tudo se ria o maldito! Recebia com a maior indifferença as descomposturas perennes dos soldados, que tinham á uma embirrado com elle, retorquia-lhes com uma zombaria açacalada e envenenada, como um punhal malayo, e apanhava depois, com a serenidade de um martyr, a torrente de improperios que desabava de novo em cima d'elle.

Não era crendeiros nem crente, era uma gargalhada viva! Ironia, sarcasmo e fel formavam aquelle es-

pirito, que me deixou uma profunda impressão, pelo contraste que fazia com aquella natureza risonha, e com a boa e sincera gente d'aquellas cercanias. Assim, no meio da noite espessa que nos rodeava, sentia um vago calefrio, quando escutava aquelle riso aspero e cortante, que se repercutia nas brenhas e acordava os echos, que pareciam outros tantos demonios escondidos no seio das trevas.

Quando rompeu a madrugada, pude-o ver, e a sua physionomia livida, o seu olhar traiçoeiro, não desvaneceram a impressão que me produzira a sua voz vibrando, ou antes silvando como o grito de uma serpente no meio da noite. Quando a natureza se arrancou das nevoas que entristeceram a madrugada, e enxugou com os primeiros raios do sol os tristes prantos do alvorecer, como criança risonha e gentil a quem se tiram as faixas da primeira infancia, o arrieiro desapareceu, ave nocturna e agoireira surprehendida pelo esplendor do dia.

Não o tornei a ver.

Tal era o personagem que acabava de dar a resposta sarcastica ao tambor pequenito.

— Não manguie com a criança, homem, tornou o porta-machado no tom grave que lhe era habitual; o officio é levado da bréca, é verdade, mas mais vale comer os feijões do rancho com honra, do que perús com vilesa. E depois lá está a forca á espera.

— Ora adeus, camarada, respondeu o arrieiro, assim como assim, morrer sempre é morrer, e tanto vale a corda no pescoço como uma bala nos ossos. E depois, um ladrão não é nenhum cobarde. Arrisca-se tanto como vossês, e para andar a monte é necessario ser tanto da pelle do diabo como para dar uma carga.

— Que patife! — interrompeu outro porta-macha-

do, também soldado velho. Ande eu na recruta em ordem de marcha trinta dias a fio, se este mariola não foi da quadrilha do José do Telhado! Ah! malandro, se tu estivesse com essas fallas na divisão de Hespanha, e o conde das Antas soubesse, não te queria estar na pelle. *Havias de tomar o gosto às chibatadas.*

—Que está vossê a fallar no José do Telhado?— tornou o arrieiro com certa emphase, e sem rebater de outra maneira a accusação; se o visse aqui diante de si, tremia como varas verdes! Aquillo é que era um homem! Valente como as armas, e resolutos a mais não poder ser! E vossês porque torna e porque deixa, e porque nós affrontámos as balas, e sim mais que também! Julgam que o José do Telhado tinha medo d'ellas? Na Eira dos Moiros vi-o saltar em cima de um destacamento de infantaria 2, e o caso é que os soldados, meu amiguinho, depois de uns poucos de tiros... pernas para que te quero. *E elle foi-lhes na piugada, com a clavina nas unhas, que fez ver bicho à tropa. E tudo isto para que? para livrar dois dos amigos.*

—Tenho tanta certeza, exclamou um terceiro interlocutor, de que tu foste dos que saltaram no destacamento, como tenho de que está alli o nosso alferes, mais o nosso cirurgião.

—Então se tu tens essa certeza, tornou serenamente o arrieiro, é porque foste dos que fugiram, hein?

Os soldados, apesar do rancor que nutriam contra o seu companheiro de viagem, desataram a rir. O interpellado, de indignação fez-se vermelho como a gola da farda.

—Ah! patife, que se não fosse por estar na presença dos meus officiaes, eu te ensinaria! *Havias*

de travar conhecimento com a fecharia da espingarda! Saiba vossê, sô velhaco, que eu nunca fui do 2; sentei praça no 16, e cá tenho comido muito pão de munição, e visto a morte mais vezes junto de mim, do que de cabellos vossê tem na cabeça.

— Está bom, está bom, intervim eu; acabou-se. E os dois presos fugiram?— continuei dirigindo-me ao arriero.

— Um d'elles safou-se logo, senhor alferes, mas o outro tinha as pernas quebradas pelas balas, não podia fugir. E vae então o José do Telhado, que não queria que um só dos seus fosse para a cadeia, engatilhou a clavina, e disse para o rapaz: «Faze o acto de contrição». E quando elle acabou de rezar, desfechou com elle e estendeu-o morto.

Um doloroso gemido interrompeu a narração do arriero. Voltei-me, vi o porta-machado Romão com a cabeça curva, procurando reprimir os soluços que lhe estalavam no peito, mas não podendo conter as lagrimas que lhe inundavam as faces.

Espantado d'aquella subita commoção, approximei-me d'elle, e perguntei-lhe o que tinha.

— Não é nada, meu alferes. Desculpe-me v. s.^a Isto passou, a gente ás vezes precisa de desabafar. O regimento vem a dois passos; parece-me que podemos ir andando.

Effectivamente, a luz dos archotes já projectava um frouxo clarão na eminencia onde estavamos.

Pozemo-nos a caminho silenciosos. A commoção do soldado velho impressionára a todos tristemente; ninguem se atrevia a romper o silencio, e o proprio arriero limitava-se a cantarolar mansinho, puxando baforadas de fumo do cigarro que accendêra, e cujo lume brilhava nas trevas como uma estrellinha vermelha.

Que poema de amarguras, que elegia, que funebre aventura occultavam essas lagrimas do homem forte, do soldado endurecido? Qual seria o fogo do padecer que fundira o bronze d'aquella alma de guerreiro, costumado a affrontar serenamente os perigos e a morte, tão serenamente como o bronze do rosto affrontava as intemperies das estações?

Embevecido n'esses pensamentos, e incitado por uma irresistivel curiosidade, depois de um quarto de hora de silencio, approximei-me do porta-machado, e perguntei-lhe para estreiar a palestra:

— Ha quanto tempo és soldado, Romão?

— Ha trinta annos, meu alferes, que vejo nascer o sol na ponta das bayonetas!

— Tens-te visto em bons assados, hein?

— Oh! meu alferes, a gente quando vem cá para a vida militar já sabe o que o espera. Portanto é ir sempre o homem de cara para diante, quer chovam balas, quer não chovam. É o que eu tenho feito.

— Por que te impressionou tanto ainda agora a historia que o arrieiro contou?

— Ora, meu alferes, como o outro que diz, é melhor não fallarmos n'isso. O que lá vae, lá vae.

E os labios tremiam-lhe convulsamente, e palpitavam-lhe as palpebras com as lagrimas reprezadas a procurarem irromper, como palpita o solo quando as lavas dos vulcões, fervendo-lhe no intimo seio, ameaçam rasgar crateras, e golphar em borbotões.

— Não luctes assim comtigo mesmo, Romão, disse-lhe eu commovido. Desabafa, soluça, geme, e depois conversa. As tristezas são como os rouxinoes, homem; eucerrados na gaiola, morrem em silencio; mas se os deixam espaiar ao ar livre, e gorgear as suas mágoas, vivem alimentando-se com a sua propria melancolia.

Eu dissera estas ultimas palavras, voltando-me para Cunha Bellem, que confirmou com um gesto magestoso a verdade da minha comparação.

— Isso é assim, é, meu alferes, tornou o portamachado, eu não o sabia dizer em palavras tão bonitas, mas sinto que tem rasão. O chorar allivia-me, e quando conto o que me succedeu, tenho a modo que um consolo. Mas então que quer, meu alferes? um homem é um homem, e não gosta que os camaradas lhe chamem maricas.

— Não t'o chamarei eu, Romão. Vamos a ouvir.

— Então, já que vossas senhorias querem, lá vae a historia.

XXVII

O BENJAMIM DO GRANADEIRO

«Eu nasci no Porto, senhor, começou o Romão, e sou o mais velho de uma familia numerosa, que por abi anda dispersa pelo mundo, uns a regarem com o seu suor as terras do Brasil, onde nunca poderam levantar cabeça, e minhas irmãs, umas a servir, coitadas, e outras que são agora casadas, e tem marido e filhos, a comerem o pão negro que o diabo amassou, e a rodearem de cuidados e de amor o berço dos filhinhos, que assim que lhes podem, agradecer o que ellas fizeram por elles, e allivial-as um pouco na labutação da casa, abalam e vão ganhar a sua vida, porque isto de ser pobre, senhor, é a peor maldição que Deus póde deitar a uma creatura. Quem é pobre não tem familia, e casa que não tem pão na arca, é como ninho de andorinhas no inverno; bota os pequenos para fóra, assim que

tem pennugem e podem bater as azitas; depois na primavera lá volta a mãe á beira do telhado a arranjar o berço para os novos passarinhos. mas os pequenos do inverno passado que é d'elles? Andam a tratar da sua vida, que assim faz quem não tem rendimentos.

«Ora pois, em casa de minha mãe era isto mesmo que succedia; muitas bocas e pouco que lhes dar de comer. Veiu a cholera de 32; caíram doentes com ella meu pae e minha mãe. Não lhe digo nada, ficámos a pedir por portas, porque o meu velhote lá foi para a eternidade. Deus lhe falle n'alma. Era um homem de brio. Moirejar, moirejava elle desde pela manhã até á noite, e, se fazia cruces na bocca, ao menos a mulher e os filhos sempre tinham um pedaço de pão para comer. Morreu, como diz o outro, com a enxada na mão; porém Deus chamou-o para lhe pagar a fêria, e nós ficámos ao desamparo. É verdade que eu tinha os meus quinze annos, braços robustos, e vontade de trabalhar. Mas de que servia tudo isso? Antes de morrer meu pae, e quando o exercito de D. Pedro entrou no Porto, eu fôra um dos garotos que berraram mais, e sempre que via passar algum regimento, abi largava eu o que tinha que fazer, e ia-me pôr na frente da musica a acertar o passo pelos tambores, e a fazer manejo de armas com a vassoura da cavallariça, porque eu era criado de cocheira de uma casa rica. Finalmente, quando os miguelistas cercaram a cidade, e que eu comecei a ouvir os tiros, subiu-me á cabeça o cheiro da polvora, deu-me na pancada, e sem mais tir-te nem guar-te, fui sentar praça de voluntario em caçadores 3. Minha mãe deu altos gritos quando me viu apparecer em casa fardado; mas meu pae encolheu os hombros e disse: «Que

se lhe ha de fazer? O rapaz andava com a cabeça a rasão de juros, e emfim um homem é um homem. Se os da idade d'elle se deixassem ficar em casa, e não fossem combater pela liberdade, d'aqui a pouco entravam os miguelistas no Porto, armavam a força nas praças, e renovava-se aquella triste época de 29. Eu tambem, em rapaz, saí ao meio da rua e vi uma bandeira, que não era o nosso velho estandarte, a tremular por ahí assim, e a cavalaria franceza a acutilar os desgraçados que fugiam pela ponte das barcas. Então cheirou-me-aquillo a esturro, peguei n'uma foice roçadoira, que eu, para fallarmos a verdade, não tinha nem espingarda nem coisa que o valesse, saltei mais alguns amigos para as bandas de Vallongo, e, não é por me gabar, mas os soldados do Soult, e do Maneta⁴ viram bicho comigo; assim, mulher, deixa lá o rapaz, que os frangos gostam de jogar as cristas uns com os outros, e não de se irem pôr a chocar os ovos das gallinhas». E concluiu voltando-se para mim, e dizendo-me com alguma ternura na voz: «Deus te proteja, filho, e o anjo da guarda te livre das balas. Faze o teu dever, e trabalha por ser homem».

«Minha mãe chorou, chorou, e a final resignou-se. Pegou n'uma medalhinha benta da Virgem, que lhe fôra dada pelos missionarios, e pendurou-m'a ao peito, dizendo-me que lhe rezasse sempre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, quando estivesse para entrar em combate. Nunca faltei a esse dever, digo-o sem vergonha, não porque eu tivesse medo, mas um homem é de carne e osso, e quando eu ouvia o *trá, teri terá, teri terá, teri terá* das cornetas a tocarem a fogo, pensava que podia muito bem não

⁴ Escuso de dizer que era esta a alcunha que os portuguezes tinham posto ao general Loison.

tornar a vêr a minha velha, e affligia-me com essa idéa; mas, em rezando aquellas rezas, sentia-me mais alliviado, como se um anjo me tivesse tirado um peso de cima do coração. É isto que eu lhe digo, meu alferes».

O porta-machado parou um instante para tomar o folego, e para me deixar accender um charuto. O clarão passageiro e avermelhado da isca, que um soldado inflammou para me servir, illuminou rapidamente o rosto do apologista do José do Telhado. O maldito estava a rir. Leve-me Deus em conta o esforço que fiz sobre mim mesmo para não atirar a espada ao pescoço d'aquelle diabo.

«Ou fosse virtude da medalhinha, ou fosse porque assim tinha de ser, o que é verdade é que em todas as acções das linhas do Porto, a que assisti, de toda essa saraivada de balas que nos ceifavam as fileiras, nenhuma veio com sobrescripto para mim. Dize lá tu o que quizeres, arriero de maldição, mas eu estou inteiramente convencido que foram as preces de minha santa mãe que me salvaram. Se Deus não ouvisse as orações das mães, a quem havia Elle de dar attenção? Resas mais puras e desinteressadas não creio que as haja no mundo.

«Como ia dizendo, meu alferes, meu pae morreu, e a familia ficou sem ter que comer. Eu quanto podia apanhar levava a minha mãe; mas então o tempo era levadinho da bréca. Serviço pesado, porque a cidade era grande, e nós eramos meia duzia de gatos; pret, vistel-o? nem eu; o rancho era assim como quem diz só para se não morrer de fome. Que se lhe havia de fazer? Eu, o tempo que tinha livre, ia fazer recados e levar agua para a casa onde estivera a servir. Sempre assim arranjava algum vin-tem. Mas qual! A corneta estava sempre a canta-

rolar de noite e de dia, e muitas vezes tinha que largar o barril na fonte para ir pegar na espingarda, e saltar para os reductos. Em fim, lá nos íamos arranjando como podíamos, vae se não quando, chega o inglez que veiu com o Palmella, e logo toca a arranjar as mochilas para ir uma divisão, que se chamava assim por alcunha, porque ella a bem dizer nem chegava a ser uma brigada, e ála para o Algarve.

«O commandante, como v. s.^a ha de saber, era o marechal que morreu ha tempos, o sr. duque da Terceira, que então se chamava ainda conde de Villa-Flor.

«O meu batalhão foi nomeado tambem para marchar. Imagine os rios de lagrimas que foram lá por casa. A minha velha não me queria deixar sair, os pequenos e as pequenas escondiam-me a espingarda, para eu me não ir embora, e houve mosquitos por cordas para me poder safar, com o coração opprimido, devo confessal-o.

«A final parti. Desembarcámos no Algarve, atravessámos o Alemtejo nas bochechas do Molellos, fizemos em postas a gente do Telles Jordão allí na Cova da Piedade, e no dia seguinte entrámos em Lisboa, onde nos receberam de braços abertos. Fomos alguns dias uns Meninos-Jesus. A mim me encontrou um sujeito, que saira da cadeia, e que não fôra a enforcar, no dia mesmo em que nós entravamos em Cacilhas, por esquecimento. Encontrou-me á porta da casa d'elle, abraçou-me como se fosse cá este pobre diabo quem o tivesse tirado da cadeia; disse-me que fôra eu o primeiro soldado libertador que elle encontrára, e que por conseguinte havia de ir beber um copo de vinho ao seu feliz regresso para o seio da sua familia. Fui, e declaro-lhe que

nunca vi uma alegria como a que mostraram o pae, a mãe e os irmãos d'aquelle pobre rapaz. Choravam, riam, beijavam-n'o, fallavam todos a um tempo, era assim a modo uma doidice que enternecia a gente.

«A mim trataram-me como se eu fosse de casa, regalaram-me com bons petiscos, e, quando me fui embora, metteram-me nas mãos quatro pintos, que eu guardei n'um cinto, onde ia reunindo o dinheirito que economisava, para o entregar á velhita no fim da guerra, como com effeito fiz.

«Para encurtarmos rasões, meu alferes, entrei em todos os combates das linhas de Lisboa, sempre com felicidade, graças a Nosso Senhor, estive na Asseiceira, e afinal, quando se fez a convenção de Evora-Monte, pedi licença e fui até ao Porto visitar a minha velha, que me saltou ao pescoço a chorar, e que me mostrou um pequerrucho, que lhe nascera tres mezes depois da morte de meu pae.

«Eram os seus enlevos o demonico do pequeno, é o que é verdade, meu alferes, é que nunca vi criança mais linda do que aquella. Tinha uns olhos azues tão meigõs e tão bonitos, que eu não me fartava de os beijar; e tal feitiço possuia o rapazito, que, em elle olhando de certa maneira para a gente, não havia recusar-lhe coisa alguma, e parece-me que, se elle quizesse a lua, e m'a pedisse olhando para mim com aquelles olhos, que mais formosos não os tem os anjos, eu dava em doido a barafustar como havia de arranjar umas azas para ir buscar o que elle queria.

«Por isso passava horas e horas ao pé d'elle em casa, a fazer-lhe chapéos armados de papel, e lembro-me perfeitamente que um bonet estraguei eu cortando-o para lhe servir na cabecinha, e que le-

vei um dia inteiro a fazer uma espingarda com um pedaço de madeira, em quanto o pequeno se punha ás cabritas em cima de mim, não interrompendo um instante só aquelle chilrar, que nos faz crer ás vezes que as crianças são passarinhos, acalentados no seio das mães pelo sopro de Deus.

«Emfim, terminou o tempo da minha licença. Não havia quem me tirasse do Porto. Foi necessario que minha mãe me mandasse embora, supplicando-me que não fosse desertor.

«A esse tempo já meu irmão segundo era um rapaz crescido, bom official do seu officio de marceneiro, em que ganhava o sufficiente para amparar minha mãe, e dar rumo aos meus irmãos.

«Parti; depois, sempre que podia, ia ao Porto dar um abraço em meus irmãos, beijar a mão da minha velha, e enlevar-me todo no pequeno, por quem me babava cada vez mais.

«Assim completei o tempo de serviço. Quando me deram a baixa, disse comigo: «Ora, que vou eu fazer para a terra? Eu, assim como assim, não tenho officio nem beneficio, pouco posso ganhar, e, em vez de alliviar a minha familia, vou-lhe talvez servir de peso. Em quanto que, se sentar praça por outro, sempre esse dinheiro junto ha de fazer conta á minha velha, e servir de alguma coisa ao meu Pedrito.

«Era Pedro que se chamava meu pobre irmão.

«Meu dito, meu feito; sentei praça outra vez, recebi umas doze moedas, porque então as substituições estavam mais baratas que hoje, peguei n'ellas, e mandei-as para o Porto, onde serviram para as minhas irmãs comprarem alguns cordõesitos de oiro, que ellas nunca tinham tido na sua vida. Pobres raparigas!

«Passaram-se mais uns annos, e uma vez vou eu visitar a minha gente, era alli pouco antes da Maria da Fonte, e vae senão quando, diz-me assim a minha velha:

— «Ó Romão, eu tenho que te pedir uma coisa.

— «Diga lá, senhora mãe, e, se for coisa que um homem possa fazer, está feita.

— «Só tu o podes fazer. O Pedro é muito teu amigo, tem-te tanto respeito, como teria ao pae se elle fosse vivo, Deus lhe falle n'alma. Tu só lhe podes tirar da idéa uma coisa que elle lá tem encasquetada na cabeça.

— «Então que tem o Pedro encasquetado na cabeça, senhora mãe?

— «Quer por força ser corneta, ir contigo para a cidade e sentar lá praça.

«Eu poz-me a coçar a nuca, e fiquei assim a modo assaralhopado. Ah! meu alferes, v. s. não póde comprehender o que eu senti n'aquelle instante, o futuro que eu vi na imaginação, um futuro que me encheu de tantas alegrias como um sonho feliz. Eu, que estava sempre com o corpo nos acampamentos ou no quartel, e com o coração no Porto; eu que estava só, que não tinha junto de mim uma pessoa a quem tivesse amizade cá de dentro; eu, emfim, que com vinte e nove annos de idade, nunca levantára os olhos para uma moça com o sentido do casamento, porque era todo da familia, e não pensava senão na mãe, e nas irmãs, e no Pedro; eu, que ás vezes, quando estava de sentinella, me punha a matutar sósinho nos destinos do meu irmão pequeno, e a dizer comigo: «D'aqui a pouco tempo começa elle a precisar de dinheiro, e vossê é que lh'ò ha de arranjar, sô Joaquim Romão; por isso é preparar-se para fazer guardas por outro, sentinellas e

fachinas, mas o seu Pedro ha de andar vestido como um príncipe; imagine v. s.^a um homem que anda sempre com estas idéas, e a quem dizem de repente: «A creatura para quem tu só vives, nunca mais ha de sair de ao pé de ti, ha de andar sempre contigo, ao teu lado, todos os dias lhe has de ver o rosto estremecido; hão de ser inseparaveis.» Veja v. s.^a se póde haver alguém mais feliz, do que foi n'aquelle instante o pobre d'este Joaquim Romão.

«Mas depois pensava eu comigo: Esta velhita não tem outra consolação que não seja este pequeno. Tirar-lh'o é uma barbaridade. Este Pedro é o seu Benjamim; é o filho das suas amarguras, e as mães, todos nós sabemos, tanto maior affeição tem aos filhos, quanto maiores são os padecimentos que tem por elles e por causa d'elles.

«Mas, voltava eu outra vez, o Pedro é esperto como um rato, tem boa memoria, aprendeu a ler com toda a facilidade, e agora, segundo dizem, basta ter estudos para se ser official. Por isso eu passo a trabalhar como um moiro, junto economias, faço um mealheiro, e quando houver dinheiro sufficiente, prego com elle alli na *Polyneca*, ou que diabo de nome arrevezado tem o tal collegio que ardeu. O rapaz puxa por si, sae official, e eu e a mãe morremos de alegria da primeira vez que elle pozer a banda.

«Que loucuras em que eu scismava, meu alferes! Mas, loucuras ou não loucuras, foi por causa d'ellas que eu respondi assim á minha velha:

—«Ó mãe! vossemecê acho que faz melhor, se deixar o Pedro vir comigo! É melhor isso do que o rapaz abalar de casa um dia, e ir sentar praça abi n'algum regimento, onde não tenha quem olhe

por elle! Assim vae para o 16, eu lá estou, não o deixo pôr pé em ramo verde. sempre lhe dou alguma coisa para o rapaz se divertir, que isto de rapaziada gosta de ir aos toiros e aos arlequins. Depois metto-o no Collegio dos Nobres, e sempre queria que vossemecê me dissesse, senhora Quiteria dos Santos, o que faria se ainda visse entrar-lhe pela casa dentro o seu Pedro de banda á cinta, com este bruto do Romão por camarada.

«Emfim, eu tanto insisti, eu tanto batalhei que a pobre velhita, só por amor ao filho, e para que elle nunca dissesse que estava um pobre de Christo por culpa de sua mãe, consentiu em deixal-o partir.

—«Mas se m'o matam, se m'o ferem, se lhe desfeiam aquella carinha de um anginho de Nosso Senhor!

—«Não haja susto, mãe, tornei eu, aqui está o Joaquim Romão que tem entrado, lá pelas suas contas, em mais de trinta acções, assaltos e escaramuças, não fallando na miuçalha, que de mais a mais andou sempre a ver bem de perto a cara dos inimigos, e que apesar d'isso nunca recebeu uma bala no focinho; reze vossemecê por elle como rezou por mim; e depois, isto de guerras já lá vae. Agora é paz e união entre todos os portuguezes, como lá em Lisboa diz um ratão que vossemecê não conhece.

«Emfim, a minha pobre mãe, debulhada em pranto, consentiu; e d'ahi a dias partimos eu e o Pedro para a capital. Logo no dia seguinte áquelle em que chegámos o meu irmão sentou praça.

XXVIII

UM EPISODIO DE TORRES-VEDRAS

«Pedro, meu alferes, continuou o Romão depois de um breve silencio, era o encanto de todos os officiaes. A airosidade da sua figura, a compostura dos seus modos, e a viva espertesa que mostrava, tinham-lhe conquistado as affeições de todos. Nunca tinha uma falta no serviço, era sempre o mais aceiado da sua companhia, e eu pelo contrario, meu alferes, muitas vezes levei reprehensões do meu capitão, por não trazer o correame e o armamento tão brunido e polido como devia ser. Ora é que ás vezes não tinha tempo! levava horas infinitas a pôr o terçado e a corneta de Pedro luzentes como um espelho, a cair-lhe as correias, e a escovar-lhe as jaquetas. Pois o pobre rapaz não havia de ter tambem a sua hora de folia? Dizia-lhe: «Vae passejar, homem, vae-te divertir, mas vê lá não faltes ao reco-

lher.» E o rapaz ia, e eu ficava sósinho na esquadra a ver se lhe faltava alguma coisa, e a limpar-lhe tudo, a lavar-lhe as camisas para poupar na lavadeira, e até a engommal-as; pois que cuida, meu alferes? um homem deve saber de tudo. Assim é que se arranja a vida.

«Ora pois, o meu Pedrito mereceu ser feito corneta de ordens do coronel. Foi n'essa qualidade que eu e elle fizemos a campanha da Maria da Fonte.

«V. s.^a ha de ter ouvido dizer o que nós padecemos. Nove mezes de campanha, caíndo-nos em cima o inverno mais rigoroso que nunca veiu a este paiz. Eu posso assegurar-lhe, meu alferes, que ao meu Pedro nunca faltou nada. Depois, nos sitios em que paravamos, as mulheres, que são sempre mais compassivas do que os homens, que tomavam interesse por um rapazito tão galante, e que achavam graça aos cuidados de mãe que eu tinha com elle, faziam-n'o andar, para assim dizer, de mão em mão, e tão acarinhado, tão festejado e tão regalado, que se póde afoitamente dizer, que poucos senhores officiaes apanhariam tão bons petiscos como elle.

«Pedro, como eu já disse, tinha uns modos muito delicados, e depois, como eu lhe poupava todo o trabalho grosseiro, tinha uma finura de mãos e uma brancura de pelle, que era de maravilhar quem soubesse que aquelle rapazinho não passava de ser um simples corneta de ordens do regimento de infantaria 16.

«Os patrões, onde estavamos, quando sabiam que o menino tão engraçado tinha um irmão que o tratava como se fosse mãe, queriam que eu fosse á sala; mas ora não me dirá v. s.^a que iria fazer cá o Joaquim Romão, com os butes enlameados, um tarimbeiro, o 33 da primeira, um bruto, com perdão

de vv. ss.^{as}, á sala onde estava o meu rapaz, tão ancho e senhor de si, como se não tivesse feito outra coisa toda a sua vida senão pisar tapetes.

«Mas eu de que gostava principalmente, era, quando tudo estava a dormir na cosinha, subir pé ante pé a escada, e de ir espreitar á porta da sala onde estava o Pedro. E punha-me cá de fóra a olhar para elle n'um pasmo, porque era mesmo da gente se benzer ver a maneira como elle estava sentado, e como elle respondia, de modo que as senhoras diziam umas ás outras, que parecia um principe disfarçado. E eu então punha-me a chorar de alegria, e allí estava horas esquecidas, pensando no alegrão que teria a minha pobre velha, se visse o seu Pedrito tão bem tratado, sendo um simples corneta, só pela graça que lhe achavam, e pelo seu bom comportamento.

«Chegou emfim o dia funesto da acção de Torres-Vedras. Tinha chovido agua, se Deus a dava; o 16 estivera na vespera com os pés dentro de um riacho, com agua até ao joelho, e com ordem de não tugar nem mugir, nem sequer accender um cigarro, porque o inimigo ficava a dois passos, e o que se não queria principalmente era que elle suspeitasse, que estavamos allí.

«Finalmente amanheceu o dia da batalha, dia fusco, sem sol, e com uma chuva exactamente como esta que está caíndo. Era o que se costuma chamar um dia porco; havia lameiros que era da gente se atolar até ao pescoço, lameiros taes, que a nossa artilheria lá esteve patinando quasi todo o dia, e que para a tirar foram mosquitos por cordas. Isto fez transtorno ao nosso *velho*¹, e obrigou cá a tro-

¹ Assim chamavam os soldados ao marechal duque de Saldanha.

pa a deixar assim como quem diz mais alguma gente no rio e no monte, para tomarmos os fortes e as pontes, e fazermos com que a cidadella se entregasse.

«O governador de Cascaes ¹ não queria que houvesse batalha; mas o marechal teimou, e o certo é que levou a teima ávante com toda a habilidade. Ha poucos generaes como aquelle, meu alferes, sou eu que lh'o digo.

«Eu não sei se v. s.^a conhece Torres-Vedras. É uma villa bonita de casas brancas, que desce pela falda de uma montanha a molhar os pés no Cysandro, e estaca diante de outra montanha fronteira, no cimo da qual estão uma fortificações que ficam de frente da cidadella, com a qual cruzam os fogos, que esmagam inevitavelmente quem se arriscar a ir-se pôr á borda do rio sem ter tomado primeiro ou a cidadella, ou o forte de S. Vicente, que assim me parece que se chama o reducto fronteiro.

«O 16 foi encarregado de tomar o forte de S. Vicente; não sei se foi mais alguém, porque eu só via o que se passava cá no meu lado, e não despregava os olhos do meu Pedrito, que estava ao pé do sr. brigadeiro Taborda, que era então coronel, com uma firmesa e intrepidez que me envergonhavam a mim, velho soldado das campanhas da liberdade, e que tremia como varas verdes, não por minha causa, meu alferes, que já vira muitas vezes a morte diante dos olhos, mas por elle, pelo meu querido Pedro!

¹ Deus, debaixo do ponto de vista meteorologico. O governador de Cascaes, na phrase militar, é o Ente Supremo que solta ou retém a seu bel-prazer as chuvas e as tempestades. Quando se dá ordem para algum exercicio, o soldado accrescenta sempre: se o governador de Cascaes quizer, isto é, se não chover.

«E o rapaz, todo animado, de ouvido á escuta, para não perder uma palavra das ordens que lhe transmittisse o nosso coronel, e que tinha de repetir na corneta, nem parecia ouvir as balas que assobiavam á roda d'elle.

«Tambem quem havia de ter medo ao pé do coronel Taborda? Envergonhava-se a gente de que elle nos visse o mais leve tremor. Sempre me hei de lembrar que, estando o 16 em columna cerrada, passou por cima de nós uma granada. Era a primeira que recebiamos, e emfim, do primeiro movimento ninguem se livra. Quando a granada se aproximou da columna, todo o regimento, sem querer, e levado, como diz o outro, pelo instincto da vida, abaixou-se ao mesmo tempo.

«—Que é isso, 16?— brada o coronel Taborda, com a mesma voz, com o mesmo gesto, com o mesmo socego com que nos teria reprehendido na parada por termos marchado mal, ou por não havermos conservado o alinhamento nas rodas. Firmes. Não quero ver nem um soldado a mexer-se na fôrma.

«V. s.^a não imagina, meu alferes, ninguem imagina o effeito que produziram em nós aquellas palavras, proferidas por esse valente dos valentes, que via a morte em torno de si, sem lhe dar sequer attenção, pelo contrario, desafiando-a. O nosso coronel conservou sempre, durante a batalha de Torres-Vedras, um cobrejão escarlata por cima da farda. E, quando os srs. officiaes lhe perguntavam para que era aquillo, dizia que era para os inimigos o conhecerem bem.

«Todos sentimos um impeto de raiva contra nós mesmos por termos cedido áquelle primeiro movimento, egual em todos, e que, em quanto a mim, prova que foi obra de instincto e não de reflexão.

«Veiu outra granada. Sou um seu criado, já lá vae o tempo dos cumprimentos, nem uma inclinação de cabeça lhe fizemos. O regimento ficou immovel. Depois vieram quantas quizeram, mas ora quem diz lá? O regimento era uma rocha.

«Tinha-se tomado o forte de S. Vicente. Começara o ataque das pontes que atravessam o rio; era então que principiava a verdadeira acção. Tres regimentos dos nossos marcharam sobre as pontes, o 10, granadeiros da rainha, e outro que me não lembro qual era ¹. A agua do rio já ia côr de sangue. Choviam balas e granadas da cidadella, e a nuvem de fumo encobria-nos completamente a nós. Quando a fumarada se dissipava um instante, lá via eu o meu Pedrito immovel junto do cavallo em que montava o coronel, e de cada vez que eu o via sentia um certo regosijo, e ao mesmo tempo uma certa tristesa, porque nós, para bem dizermos, ainda não entráramos na dança.

«A artilheria e a fusilaria faziam uma bulha de atordoar. Alguns balazios da cidadella vinham cair a nossos pés já frios e sem força. Lá em baixo, quando se rasgava a cortina do fumo, viamos o rio a fugir por baixo das pontes, levando cadaveres vestidos com farda de gola e canhão amarello do pobre 10, que bastantes perdas soffreu. *Granadeiros da rainha* não investira de um impeto para a ponte, e desenvolvêra-se em linha na estrada á borda de agua. Nenhuma bala da cidadella se perdia n'aquella comprida fita, que se deixava cortar em pe-

¹ A narração da batalha de Torres-Vedras tem, estou d'isso convencido, muitas inexactidões, que me seria facil rectificar, mas não quiz, porque, collocando-a na bocca de um soldado, descrevi a acção tal qual ella se conserva na memoria dos soldados que assistiram a essa sanguinolenta pejeja, com todas as suas inexactidões, mas com todo o seu pittoresco.

dacinhos pelas bombas e pelas granadas, que são as thesoiras do diabo.

«Não era possível continuar assim a batalha, a não ser que quizessem sacrificar de todo esse valente regimento; o nosso *velho* percebeu isto mesmo, e mandou ao 16 que marchasse a passo de carga, e que tomasse a ponte de S. Miguel; assim se chamava essa ponte fatal, cujo nome não será facil que me saia da memoria.

«Quando eu ouvi a ordem, deu-me um baque no coração... e digam lá que não ha presentimentos!

«Eu era da primeira companhia, como ainda hoje sou, e formava uma das primeiras filas. De fórma que o coronel devia ir a dois passos de mim, e juntamente com o coronel o meu Pedrosinho.

«Como eu disse já, tinha chovido na vespera, e chovido muito; por conseguinte a carga que nós iam dar, descendo como um penedo de cima do monte para irmos desabar no valle, tinha de vencer esse formidavel obstaculo dos chavascaes.

«A gente atolava-se até aos joelhos, e muitos vi eu procurarem safar as pernas da lama, conseguiram-n'o, mas deixando lá ficar as botas, e continuaram depois na carga em palmilhas de meias.

«O Pedro ia ao pé de mim; eu passara-lhe o braço á roda da cintura; e levava-o como que suspenso no ar.

«Entretanto o fumo enchia os ares, as detonações da artilheria eram sem cessar, e iam de montanha em montanha fazendo *bum, bum*, de sorte que lá ao longe no horisonte parecia que se amontoava a trovoadá, e que aquelles ultimos echos eram o ribombar dos trovões distantes.

«As balas assobiavam já ao pé dos nossos ouvidos; a cidadella parecia um inferno, não se lhe viam

os muros, cercados de chammas e de fumaça. Era uma vista horrivel; pois olhe que eu estava costumado a ellas, meu alferes.

«Estavamos no sitio varejado pela artilheria, e começavamos a vêr a estrada que seguíamos orlada de mortos e feridos dos regimentos que iam adiante de nós. Entre elles estava um sargento, que recebera uma bala não sei onde, sei que era horrendo de vêr; tinha a cabeça quasi esmigalhada; mas, apesar d'isso, não morrêra ainda; agonisava, e no estortor virava e revirava os olhos, como que supplicando que lhe dêssem um tiro para acabar com os seus padecimentos.

«Fez-me aquillo uma impressão dos demonios. A guerra tem d'estas coisas, meu alferes.

«O Pedro tambem ficou amarello como uma cidra. Voltou-se para mim, e fez esta falla:

—«Ó mano Romão, tu vaes-me fazer um juramento sagrado pela alma de nosso pae, e pela saúde de nossa mãe.

—«Para que precisas tu de um juramento d'esses, rapaz? Não sabes que te faço tudo quanto tu queres?

—«Bem, n'esse caso faze-me isto.

«Onde iria aquelle rapazola de quatorze annos aprender estas coisas, meu alferes?

«Eu que sou, e sempre fui um palerma, fiquei assim a modo atomatado com a resposta do rapaz.

—«Vá lá, tornei, dize lá o que queres!

—«Faze-me o juramento de cumprires a minha vontade.

—«Juro, sim, homem, com seiscentos demonios: mas desembucha afinal.

—«Pela alma de nosso pae, e pela saúde de nossa mãe?

—«Sim, Pedro, que remedio!

«Que havia eu de fazer, meu alferes? Elle olhou para mim com um olhar tão meigo, e quando elle olhava assim para a gente, não havia recusar-lhe coisa que pedisse.

—«Pois bem, disse-me o Pedro, a vontade a que tu juraste obedecer é a seguinte: Se eu for ferido tão desastadamente como aquelle sargento, põe-me a bocca da tua espingarda no ouvido, e desfecha.

—«Ó Pedro! — bradei eu aterrado com tão exquísito e agoureiro pedido.

—«Então antes queres que eu padeça?...

—«Mas...

—«Juraste.

«O rapaz tinha razão. O juramento estava feito.

«Acabavamos de descer o monte, e o coronel, sem estar lá com meias medidas, sem nos deixar tomar um instante o folego, levou-nos logo de arremettida á ponte. Ora imagine v. s.^a, meu alferés, que deita a correr por essa ladeira abaixo, mas a correr a bom correr; quando chegar a terreno chão, ainda mesmo que queira não pôde parar, e sempre ha de dar quatro ou cinco passos para diante antes que consiga *suster-se*.

«Foi o que succedeu ao 16. Fosse lá alguém parar, quando acabou de descer o diabo da montanha. Foi um abrir e fechar de olhos, em quanto atravessámos a ponte, sem darmos tempo ás balas da fortaleza de nos caírem em cima.

«Assim que havíamos chegado á ponte de S. Miguel, perdêra eu de vista o Pedro. O nosso coronel ficára um pouco á retaguarda, e o Pedro, por conseguinte, tambem. Alli assim, n'aquelle terreiro varejado pelos demonios dos canhões da cidadella, o nosso coronel nem parecia pensar em tal; estava parado com tanto socego a ver desfilar o regimen-

to, como se estivesse no quartel vendo voltar o corpo do exercicio.

«Não pensava elle; mas pensava eu. O meu Pedro! Involuntariamente fui-me deixando descair á retaguarda.

«De repente inunda-nos um turbilhão de metralha. Paro com o coração a bater-me no peito, que parecia que o despedaçava. Dissipa-se o fumo, ouvem-se gemidos; ancioso, oppresso, nem já sei de mim, e sem me importar que me accusassem de covarde, viro as costas ao inimigo, e vou procurar meu irmão, não m'o levasse a morte no regaço de fogo da metralha.

«A fuzilaria do inimigo continuava frouxa. Algumas balas perdidas vinham cair nas nossas fileiras.

«Isto que eu conto assim seguido a v. s.^a passou-se n'um mesmo instante. A metralhada, o eu voltar para traz, e a fuzilaria. Imagine quanto fiquei contente quando, logo em seguida á furiosa detonação da metralha, ouvi o alegre signal do regimento tocado pela corneta do meu Pedro.

«Eu bem sabia que era a d'elle. Nenhum florea-va mais os toques, nem lhes dava maior graça.

«Como fiquei contente! Nunca ouviu, depois de se dissipar a tempestade, o primeiro canto do passarinho, que vem seccar ao sol as azitas molhadas pela chuva da procella? Não se sente um contentamento tão grande com esse gorgeio?

«Pois foi essa a impressão que me causou o toque de corneta do meu Pedro.

«Mas o que queria dizer aquillo? Pedro tocou o signal do regimento, e calou-se. Caso estranho! Arrependender-se-hia o coronel da ordem que ia dar, e ordenaria a meu irmão que não continuasse o toque?

«Que seria? A alegria d'aquelle instante succederam de novo os tristes presentimentos.

«D'esta vez não me enganaram, continuou o Romão soluçando, porque, quando eu cheguei ao pé da ponte, encontrei o meu Pedro, o meu irmão, o meu filho, o meu Menino-Jesus, a minha flor, a minha joia, estirado com a corneta ainda na bocca, e, veja o que é a sorte, senhor alferes! com a mesma ferida do sargento.

«Fôra uma d'aquellas balas perdidas, das quaes, por virem depois da metralha, eu não fizera caso, que m'o roubára, que lhe esmigalhára a cabeça, e que lhe fizera saltar para fóra do craneo uma porção dos miolos.

«Eu ajoelhei ao pé d'elle, mudo. Porque seria, senhor alferes? N'aquelle instante não derramei uma lagrima.

«Pedro olhou para mim. Não podia fallar, mas mexeu os labios, e eu bem o entendi. Os olhos já quasi sem luz revirou-os para mim, e aquella muda linguagem queria dizer: Soffro muito, vê o que me prometteste.

«Desviei a cabeça. Mas, ao voltar-a de novo para elle, li-lhe nos olhos uma tal expressão de tristeza e de severidade ao mesmo tempo, que...

«Ó meu alferes, eu sou um pobre homem que nada sei, que nem me lembro bem do cathecismo que minha mãe me ensinou; por isso faço aquillo que me diz a voz não sei de quem, que se aninha dentro da consciencia da gente, e que quasi sempre me leva para o bem. Não sei se foram bons os conselhos que ella n'essa occasião me deu; se foram maus, bastante penitencia tenho feito ha quinze annos, que nunca mais tive uma hora de alegria. O que sei é que essa voz fallou-me em nome do de-

ver. O que sei é que não pude supportar a vista d'aquelle horrivel padecimento Demais, o nosso capitão, que era um senhor official muito sabio, quando passou por ao pé do tal sargento do monte, disse: «É um desgraçado; está aqui a penar, e morre infallivelmente. Isto não tem cura.»

«Emfim, meu alferes, mettí a espingarda á cara e desfechei.

«E depois tornei logo a carregar a espingarda para dar cabo de mim, alli mesmo ao pé do cadaver do meu pobre irmão.

«N'isto, o cavallo em que vinha montado um ajudante de ordens que passava a galope sem reparar em mim, bateu-me com os peitos nas costas e atirou commigo de encontro á aresta da ponte. Abri uma brecha na cabeça, e cai desmaiado.

«Acordei ao outro dia no hospital de sangue, e foi só então que saíram as torrentes de lagrimas que represára até ahí.

«Que mais lhe hei de dizer, meu alferes? A minha velha morreu assim que soube a noticia, chamando pelo meu nome, e pedindo-me em altos gritos o seu Pedro.

«Eu por cá vou arrastando a minha existencia atribulada, com esta chaga sempre aberta no coração. E ahí tem v. s.^a como me lembrei do que fizera ao meu rapaz, quando o arrieiro contou o que o José do Telhado fizera a um dos seus companheiros».

XXIX

CONCLUSÃO

O Romão calou-se. A sua historia produzira em todos nós uma triste impressão. Ninguém ousára nem interrompel-o, nem consolal-o. Estas grandes dôres são como os grandes abysmos; fazem emmudecer quem se debruça sobre elles.

Quem é capaz de soltar uma palavra só ao pendurar-se sobre um despenhadeiro, e vendo a immensa profundidade do vórtice horrendo?

O abysmo exerce sobre nós a attracção da vertigem, a dor a da tristesa.

Rompia a alvorada triste e chuvosa. Cunha Bellem tornára a montar a cavallo, e eu caminhava a pé ao lado d'elle, lembrando-me d'aquelles versos que Victor Hugo escreveu n'uma das mais admiraveis elegias da sua *Légende des Siècles*:

..... Rien n'est plus noir que la pluie au matin.
On dirait que le jour tremble et doute, incertain;
Et qu'ainsi que l'enfant, l'aube pleure de naître.

Sentia n'aquelle instante a immensa verdade d'esses versos.

Por isso a tristeza se apoderou por tal fôrma de nós, que só conseguiram dissipal-a uns bifes que comemos, ou antes que não comemos, na locanda da Travage, immortalizada por Camillo Castello-Branco em um dos seus romances.

Eu e Cunha Bellem entregâmo-nos a longas investigações zoologicas ácerca do animal que fôra immolado ao nosso appetite, que se não aproveitára do sacrificio. Depois de uma larga discussão, que tencionámos redigir n'uma memoria que ha de ser offerecida á academia real das sciencias, e que ha de immortalisar o nosso nome, concluimos, attendendo ao absurdo sabor dos taes bifes, que o estalajadeiro fôra collaborador de Cuvier e que, em quanto o sabio francez reconstruia o esqueleto do masthodonte, o *land lord* da Travage descobria-lhe a carne, podendo offerecer assim aos desgraçados, que lhe appareciam de madrugada, guizados ante-diluvianos.

D'ahi a uma hora entravamos no Porto.

FIM

INDICE

	PAG.
I — Um velho soldado da legião lusitana ...	5
II — A tomada de Smolensko.....	15
III — Dois portuguezes.....	21
IV — A cabana da feiticeira.....	28
V — A tragedia de Pizzo e o drama de Salva- terra	35
VI — Ney e Gomes Freire.....	42
VII — Entre as roseiras	48
VIII — O frade da ermida.....	59
IX — A batalha.....	67
X — A confissão.....	74
XI — A despedida	84
XII — Segunda vista	95
XIII — A campanha de 1809.....	105
XIV — O bater das trindades.....	115
XV — No campo da honra.....	121
XVI — Um episodio da campanha do Mexico ..	126
XVII — Perez Lorenzo.....	135

	PAG-
XVIII — A expedição nocturna	142
XIX — Dolores	152
XX — Mocho e rouxinol	162
XXI — Emfim!	166
XXII — A serenata na floresta	173
XXIII — Idyllio americano	178
XXIV — Vingança mexicana	182
XXV — A revolta do Minho de 1862	193
XXVI — O Romão da primeira	199
XXVII — O Benjamim do granadeiro	213
XXVIII — Um episodio de Torres-Vedras	223
XXIX — Conclusão	235